

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Memória e discurso: *Chávez na mídia impressa*

Ricardo Pereira Vieira

Vitória da Conquista - Bahia
Dezembro de 2009

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Memória e discurso: *Chávez na mídia impressa*

Ricardo Pereira Vieira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva

Co-orientadora: Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva

Vitória da Conquista - Bahia

Dezembro de 2009

V657m Vieira, Ricardo Pereira
 Memória e discurso: Chávez na mídia impressa/ Ricardo Pereira
 Vieira. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da
 Conquista: UESB, 2009.
 124 f.

Orientadora: Maria da Conceição Fonseca-Silva
Co-orientadora: Edvania Gomes da Silva
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

1. Memória. 2. Hugo Chávez. 3. Discurso político-jurídico. 4.
Análise de discurso. 5. Mídia impressa. I. Fonseca-Silva, Maria da
Conceição. II. Silva, Edvania Gomes da. III. Universidade Estadual do
Sudoeste da Bahia. IV. Título.

Título em inglês: Memory and discourse: Chávez at printed media.

Palavras-chave em inglês: Memory. Hugo Chavez, Political-Juridical Discourses.
Discourse Analysis. Printed Midia.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca examinadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva (orientadora),
Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva (co-orientadora), Profa. Dra. Rosa Helena Blanco
Machado, Profa. Dra. Fernanda Mussalim, Prof. Dr. Nilton Milanez, (suplente), Prof.
Dr. Sírío Possenti (suplente).

Data da defesa: 14 de dezembro de 2009.

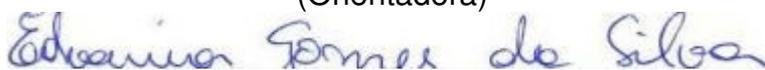
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e
Sociedade.

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra.. Maria da Conceição Fonseca-Silva (UESB)
(Orientadora)



Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva (UESB)
(Co-orientadora)



Profa. Dra. Rosa Helena Blanco Machado (UNEB)



Profa. Dra. Fernanda Mussalim (UFU)

Suplentes

Prof. Dr. Sírio Possenti (Unicamp)

Prof.. Dr. Nilton Milanez (UESB)

Local e Data da Defesa de Dissertação: Vitória da Conquista, 14/12/2009.

Resultado:



*Às luzes da minha vida:
meus filhos, Caio e Lara.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de muitas pessoas que, de diferentes formas, cooperaram no percurso de sua elaboração.

Antes de mais nada, a Deus pela oportunidade concedida.

À minha orientadora, Profa. Conceição, pela disponibilidade, acompanhamento, apreciações e encorajamento amigo, sobretudo, pelo exemplo do seu profissionalismo e de sua postura comprometida diante da questão do conhecimento.

À Profa. Edvânia por sua dedicada leitura dos meus textos.

Aos professores do Mestrado, especialmente ao Prof. Edson Farias, pelo diálogo sempre franco e pela motivação advinda das aulas e fora delas.

Aos funcionários do Mestrado pelos cuidados com os trâmites burocráticos.

À FAPESB, pelo apoio financeiro.

À CAPES, pela oportunidade de realizar estágio interinstitucional na Argentina.

À minha mãe, Zeneide, por ser sempre incentivadora e dedicada, sem o que o ingresso neste mestrado seria impossível.

Ao meu pai, Genivaldo, pela atenção e suporte.

À Lívia, pela ajuda no cuidado com os meninos, possibilitando-me inúmeras vezes dedicar exclusivamente às leituras e aos estudos.

À minha família, pelo carinho e confiança.

A Gutemberg, Fábio e Guto pelo suporte e compreensão.

À Filó pela paciência conosco e sua atenção com Caio.

RESUMO

Neste trabalho analisamos os discursos político-jurídicos sobre Hugo Chávez, presidente da Venezuela, materializados na revista de informação *Veja*. A pesquisa teve os seguintes objetivos: a) realizar um percurso de leitura das edições da revista *Veja* para identificar as posições de sujeito em funcionamento em relação a Chávez no poder; b) identificar as características que possibilitam subjetivar Chávez nas posições de sujeito identificadas; c) comprovar as hipóteses de que existem três enunciados de fundo político e jurídico sobre Chávez materializados nos textos analisados; e, finalmente, d) observar a forma como Chávez e “sua política” são representados e relacionados a determinados eventos e atores políticos historicamente definidos. O *corpus* da pesquisa é constituído de edições da revista *Veja* que circularam entre 1999 e 2009. No desenvolvimento da análise do *corpus* foram mobilizados conceitos operacionais do campo teórico da Escola Francesa de Análise de Discurso (AD) e da filosofia de Foucault, além de tópicos de Política, Mídia, Direito e Filosofia, sob o prisma da memória enquanto objeto multidisciplinar de estudo, apropriado por várias áreas do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Memória. Hugo Chávez. Discursos político-jurídicos. Análise de Discurso. Mídia Impressa.

ABSTRACT

In this report, the political-juridical discourses about *Hugo Chavez*, President of Venezuela, presented in *VEJA* information Magazine, were analyzed. The research had the following objectives: a) To read *VEJA* Magazine editions in order to identify the working *subject* positions related to *Chávez* in the power; b) To identify the characteristics that enable to make *Chávez* a subject in the identified positions; c) to confirm the hypothesis that there are three statements of political and juridical origin/base about Chavez, materialized in the texts that were analyze; d) to observe the way that *Chavez* and “his politics” are represented and related to certain events and political characters historically defined. The research *corpus* is constituted by *VEJA* Magazine editions that circulated between 1999 and 2009. The development of the *corpus* analysis was based on French School operational concepts of Discourse Analysis and Foucault`s philosophy, beyond the topics of Politics, Law and Philosophy, under the prism of memory as multidisciplinary object of study, appropriated by several areas of knowledge.

KEYWORDS

Memory. Hugo Chavez. Political-Juridical Discourses. Discourse Analysis. Printed Midia.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	01
1.1- Considerações gerais	01
1.2- Construção do <i>corpus</i> e percurso metodológico da pesquisa	05
1.3- Organização dos capítulos	14
2 Chávez: o <i>Tirano</i>	16
2.1- Considerações iniciais	16
2.2- Análise e discussão	19
2.3- Considerações finais	67
3 Chávez: o Comunista	69
3.1- Considerações iniciais	69
3.2- Análise e discussão	70
3.3- Considerações finais	91
4 Chávez: o Inimigo	93
4.1- Considerações iniciais	93
4.2- Análise e discussão	94
4.3- Considerações finais	110
5 Conclusão	111
Referências Bibliográficas	114

1 INTRODUÇÃO

1.1 Considerações gerais

O trabalho ora proposto, enquanto estudo da encenação e da espetacularização da figura de Hugo Chávez como líder de governo da Venezuela, investigou aspectos dos discursos político e jurídico em relação a este personagem levando em consideração que, depois de sua ascensão ao poder, a mídia impressa brasileira passou a dar maior enfoque, maior cobertura, a seu governo e às suas características de um modo geral, reservando sobremaneira um espaço neste veículo de comunicação que até então não havia sido destinado a tal político, e nem mesmo a tal país. Desta forma, encontrando fundamento na noção de **acontecimento discursivo** como aquilo que se passou a ser dito e afirmado ao longo das edições de jornais e revistas de uma forma, e não outra coisa em seu lugar (FOUCAULT, 1969)¹, a presente pesquisa toma este fato como marco inicial de problematização discursiva da forma como Chávez é representado nas páginas de periódicos.

Tomando a espetacularização da política na mídia como *ato de por em cena* discursos em circulação na sociedade (dizeres autorizados e na *ordem do discurso*), conforme Gregolin (2003)², o conceito de mídia usado no âmbito da pesquisa foi não o de quarto poder, no sentido de Bourdieu³ (1989; 1996), mas como um **lugar de**

¹ Na medida do possível, por uma questão cronológica, as datas das referências dos autores no corpo deste trabalho serão a da edição original. Nas referências bibliográficas, apresentadas ao final, constarão as datas da edição consultada e da edição original.

² No texto “A mídia e a espetacularização da cultura”, extraído da obra *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*, a autora trabalha com a idéia de que: “É possível pensar essa produção da cultura do espetáculo como um fato de discurso” (p. 09-10) afirmando que: “Pensando a espetacularização da cultura como efeito do discurso, é necessário tentar entender as práticas discursivas que a constroem, trabalhar com a regularidade dos enunciados, com o conjunto das condições do seu aparecimento. As relações entre a mídia e a cultura do espetáculo podem ser observadas do interior do campo dos enunciados que dialogam em uma sociedade; do interior desse campo que não é um conjunto de plagas inertes, escandido por momentos fecundos, mas um domínio inteiramente ativo, de lutas, de batalhas entre diferentes posições enunciativas” (p. 11-12).

³ Bourdieu (1989, p. 9-11) dirá, em *O poder simbólico* que: “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama o *conformismo lógico*, quer dizer, ‘uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a conformação entre

memória na sociedade contemporânea (lugar de lembrança e de *esquecimento*), conforme Nora (1984), Courtine (2003), Orlandi (1999) e Fonseca-Silva (2007a; 2007b), no qual se materializam discursos do que pode e deve ser dito (ou evitado/proibido dizer).

A partir, portanto, deste enfoque, deste início de constatação e mediante análise preliminar de algumas edições do semanário *Veja* – um dos maiores em circulação no país –, algumas questões foram levantadas em relação a Hugo Chávez: seria possível definir alguma **posição de sujeito**⁴ em relação ao político? Mais. Estaria(m) esta(s) posição(ões) de sujeito relacionada(s) a algum **enunciado** em circulação na sociedade do ponto de vista da teoria histórica não linear e da ruptura de Foucault, retomando um lugar de sujeito (mesmo que *posição de sujeito*, lugar de funcionamento) lembrado/esquecido? Mais ainda: em caso de resposta afirmativa desde, ou a partir, de quando, ou ainda: como fica a questão da historicidade neste aspecto?

Para responder a tais questionamentos, duas hipóteses foram levantadas: 1) a de que Hugo Chávez estaria subjetivado em três posições de sujeito interdependentes e ao mesmo tempo interligadas: a de **Tirano**⁵, a de **Comunista** (retomando um lugar de subjetivação similar ao de que ocupou/ocupa Stálin diante do cenário político mundial de sua época em relação a extinta URSS) e a posição de **Inimigo**. 2) a de que, do ponto de vista da genealogia, da lembrança e de repetição, os discursos atualizados na materialidade de *Veja*, para além de uma ingênua e linear concepção de história e de verdade defendidas pelas analíticas da finitude, estariam vinculados a outros acontecimentos pretéritos da “historicização” do ocidente, retomando-os, do ponto de vista da ruptura, na qualidade de uma mesma posição de sujeito embora em condições

as inteligências’ (...) É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’”. Em outra oportunidade, como na entrevista concedida ao Jornal do Brasil, caderno Idéias, 11/09/00, o autor utilizará as expressões “contra-poder crítico eficaz” e “quarto poder mas crítico” para comentar a função do jornalismo face ao “poder” da televisão.

⁴ Os conceitos de *posição de sujeito* e *enunciado* são formulados por Foucault e servem: o primeiro, para exprimir não um sujeito pragmático (indivíduo), mas uma tomada de posição, e o segundo, como “uma função que se apóia em conjunto de signos, que não se identifica nem com a “aceitabilidade” gramatical, nem com a correção lógica, e que requer, para se realizar, um referencial” (FOUCAULT, 1969, p. 130).

⁵ Utilizaremos o termo em itálico para marcar uma diferenciação mínima entre a forma como tratamos do conceito de Tirano aqui e aquele utilizado por Foucault (1974), pois esse trabalho se apropria do referido conceito num sentido **metafórico** para indicar uma **posição de sujeito em funcionamento** e não a figura historicamente definida, tal qual o filósofo utilizará em seu texto *A verdade e as formas jurídicas*, circunscrevendo-o em uma realidade remota, qual seja, a da antiguidade clássica.

de possibilidade e de existência⁶ relativamente *distintas*. A este respeito dirá Foucault (1969) que:

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa “dizer alguma coisa” e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação – essas condições, como se vê são numerosas e importantes. Isto significa que não se pode falar qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer uma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem sua primeira claridade. (...) o objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não preexiste a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações – negritamos (FOUCAULT, 1969, p. 50).

Nesse sentido, a pesquisa teve quatro objetivos: a) realizar um percurso de leitura das edições de *Veja*, que fazem parte do *corpus* da pesquisa, para identificar as posições de sujeito em funcionamento, no que tange a Hugo Chaves no poder; b) identificar as características que possibilitassem subjetivar Chávez nas posições de sujeito identificadas; c) comprovar as hipóteses que sustentam a pesquisa, de que existem três enunciados de fundo político e jurídico em relação a Chávez em circulação: 1) *Chávez é tirano*; 2) *Chávez é um comunista à moda “antiga”, no que diz respeito ao caso da extinta URSS, ou pelo menos um comunista tal qual Fidel, Stálin, Mao Tsé-Tung, etc.*; 3) *Chávez é uma ameaça à democracia*; e d) relacionar a forma como Chávez e “sua política” são representados e relacionados a determinados eventos e atores políticos historicamente definidos.

Para responder as questões e as hipóteses levantadas, mobilizamos conceitos operacionais do campo teórico da Análise de Discurso de linha Francesa (AD) e da filosofia de Foucault, além de tópicos de Política, Mídia, Direito e Filosofia, sempre sob o ângulo e na perspectiva da memória enquanto objeto apropriado por várias áreas do conhecimento (AD, História, Sociologia etc.), no sentido de realizar uma análise menos ingênua dos fenômenos políticos e da realidade, tal qual entendemos realizarem recorrentemente pesquisas à luz de disciplinas tradicionais (Ciência Política, Economia,

⁶ Assim como os conceitos de posição de sujeito e enunciado, a categoria operacional de “condições de possibilidade ou de existência” é tomada da obra de Foucault. Não se confunde com contexto, ou seja, com o texto da enunciação, pois, nessa perspectiva de trabalho, não importa o sujeito pragmático, falante. Está ligada ao “regime de verdade” de uma dada sociedade.

Sociologia etc.) ou concepções (narrativas) lineares da história e das verdades, especialmente as de cunho marxista, ainda tão obstinadamente presentes nos domínios da produção acadêmica contemporânea. Nesse sentido, Orlandi (1990) assinala, a respeito da natureza da AD que:

A Análise de Discurso – quer se considere como um dispositivo de análise ou como a instauração de novos gestos de leitura – se apresenta com efeito como uma forma de conhecimento que se faz no entremeio e que leva em conta o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise. E isto compreendendo-se o entremeio seja no campo das disciplinas, no da desconstrução, ou mais precisamente no contato do histórico com o linguístico que constitui a materialidade específica do discurso (ORLANDI, 1990, p. 8).

O principal fio condutor desta pesquisa, portanto, conforme já adiantado acima, é o conceito de **enunciado** defendido por Foucault (1969) e Pêcheux (1975), e que – apesar de no primeiro estar *no nível do discurso* [que se materializa em formulações lingüísticas], e no segundo ser tomado como a própria *formulação linguística* – **se aproximam** na medida em que o ponto central tanto em um como noutro é a noção de *posição de sujeito* a ser identificada, e que não coincide (que não se confunde) com a concepção de **sujeito pragmático** adotada/preconizada por outras áreas do conhecimento – embora no caso da AD deva se considerar os movimentos de identificação, contraidentificação e desidentificação pelos quais passam os sujeitos pragmáticos, tal qual para Foucault os sujeitos possam ocupar aquela posição de sujeito-enunciador atendidas determinadas condições de possibilidade ou de existência. Vejamos:

As posições de sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos (FOUCAULT, 1969, p.58)

Examinando o enunciado, o que se descobriu foi uma função que se apóia em conjuntos de signos, que não se identifica nem com a “aceitabilidade” gramatical, nem com a correção lógica, e que requer, para se realizar, um referencial (que não é exatamente um fato, um estado de coisas, nem mesmo um objeto, mas um princípio de diferenciação); **um sujeito (não a consciência que fala, não o autor da formulação, mas uma posição que pode ser ocupada, sob certas condições, por indivíduos diferentes)** – negritamos (*Idem*, p. 130).

a tomada de posição não é, de modo algum, concebível como um “ato originário” do sujeito-falante: ela deve, ao contrário, ser compreendida como o efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso como discurso transversal (PÊCHEUX, 1975, p. 171-172)

Assim, não obstante os capítulos deste trabalho levem em consideração fundamentalmente o conceito de **enunciado** no sentido de Foucault, em algum ponto levantaremos debate sobre a tomada de posição também no âmbito da AD especialmente para discutir os efeitos de sentido de algumas formulações no capítulo que trata do enunciado: Chávez é um inimigo, no que diz respeito à encenação das relações externas (diplomacia) da Venezuela de Chávez, para suscitar a questão da identificação e contra-identificação dos leitores a respeito do que *é/está* sendo dito e/ou silenciado, pois “a AD não tem uma teoria da língua, isto é, uma teoria de gramática da língua (...). Sua especialidade é o campo do sentido. A AD fala da língua somente na medida em que as concepções da linguística afetam o campo do sentido” (POSSENTI, 2005, p. 361).

Partindo do pressuposto de que é no curso de uma investigação que surgem as necessidades de emprego (ou não) dos conceitos operacionais, já que em uma determinada teoria nem todos são usados: alguns são pertinentes, outros não, optamos por tratar dos conceitos e postulados teóricos nos capítulos de análise, na medida em que forem necessários no processo analítico. A seguir, discorreremos sobre a construção do corpus e o percurso metodológico de pesquisa.

1.2 Construção do *corpus* e percurso metodológico da pesquisa

Na construção do *corpus*, foram selecionadas e catalogadas edições de aproximadamente 10 anos de edições da revista *Veja* (considerando a eleição de Chávez em 1999 e o momento atual da pesquisa no ano de 2009). Mas, porque *Veja*? Em primeiro lugar, porque se trata da revista de informação destinada a homens e mulheres adultos (FONSECA-SILVA, 2007b, p. 24) mais lida no Brasil, com tiragem de aproximadamente 1.100.000 (um milhão e cem mil) exemplares. Em segundo lugar, porque, não sendo redigida por apenas uma pessoa e não sendo dirigida a um grupo social e político restrito, é considerada como um importante suporte que materializa discursos heterogêneos em circulação na sociedade. E, em terceiro lugar, porque, não se pode, portanto, antecipar (como geralmente se faz no senso comum), que “a revista *Veja* tem um discurso político X, ao passo que outra(s) revista(s) possui(em) o(s) discurso(s)

político(s) W, Y ou Z” já que a rigor (conforme explicitado no tópico das Considerações gerais) a análise enunciativa ora adotada não leva em consideração o sujeito pragmático, assim, *o discurso não é de Veja, mas nela se materializa e nela circula*. Dessa forma, concordando e tomando, emprestadas, as palavras de Maingueneau (1984),

não se trata de examinar um *corpus* como se tivesse sido produzido por um determinado sujeito, mas de considerar sua enunciação como o correlato de uma certa *posição* sócio-histórica na qual os enunciadores se revelam substituíveis. Assim, nem os textos tomados em sua singularidade, nem os *corpus* tipologicamente pouco marcados dizem respeito verdadeiramente à AD.(MAINGUENEAU, 1984, p. 14).

Em seguida, foi feito um percurso de leitura e análise dos textos (matérias, capas) selecionados, com o objetivo de responder às questões levantadas para comprovar ou refutar as hipóteses formuladas, levando em consideração, especialmente, se pensamos em Análise de Discurso, que a constituição do *corpus* e a análise estão relacionadas. Ao tratar dessa questão, Orlandi (1999) argumenta que:

a construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do *corpus*, já é decidir acerca de propriedades discursivas. (...) Em grande medida o *corpus* resulta de uma construção do próprio analista. (...) e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. (...) não dizemos da análise que ela é objetiva mas que ela deve ser o menos subjetiva possível (...). Concluída a análise, o que podemos avaliar é a capacidade analítica do pesquisador, pela habilidade com que ele pratica a teoria (...) e sua capacidade de escrita (...). Uma vez analisado, o objeto permanece para novas e novas abordagens. Ele não se esgota em uma descrição. (...) o dispositivo analítico pode ser diferente nas diferentes tomadas que fazemos do *corpus*, (...) isso conduz a resultados diferentes. (ORLANDI, 1999, p. 63-64).

Dessa forma, o *corpus* da pesquisa, que resultou neste trabalho, foi selecionado procurando **não desprezar dados**, o que iria de encontro ao referencial teórico adotado, que privilegia a análise das estruturas com enfoque nas rupturas, nas retomadas e nas repetições do já dito, embora aparentemente ornado pelo novo. Da mesma forma, o esquecimento foi vasculhado e inquirido, por desempenhar papel fundamental na investigação, uma vez que, tal qual um rio subterrâneo que desaparece na terra para jorrar quilômetros à frente, também o enunciado se desliza ou é esquecido temporariamente para reaparecer sob outra forma na história e nos jogos das verdades, com a sua regularidade própria, ao seu tempo, mas sempre permanecendo o mesmo.

A Análise de Discurso (AD) terá aplicação neste trabalho, sobretudo, pela relação que faz entre o real da língua e o real da história⁷. Conforme Orlandi (1999), a língua transparente, produtora de sentido por si só (a língua fechada nela mesma, enquanto sistema de regras formais e abstratas, que será objeto da linguística), é descartada para dar lugar à análise da língua enquanto objeto opaco, não transparente, mas enquanto palavra em movimento, prática de linguagem, ou seja: atravessada pelo discurso. À AD, a língua importa na medida em que funciona fazendo sentido, enquanto trabalho social simbólico, enquanto elemento constitutivo do homem e de sua história. Nas palavras da autora,

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. (...) O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (...) Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer.” (ORLANDI, 1999, p. 15-16).

Mais adiante, a autora argumenta, ainda, que:

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. (...) não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. (...) Em suma, A Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. (...) Produzem-se assim novas práticas de leitura. (ORLANDI, 1999, p. 26-27).

O gesto interpretativo no presente estudo está, portanto, em conformidade com os trabalhos de Foucault (para quem o enunciado está no *nível do discurso*) e com a perspectiva da AD, **essencialmente descritivo/interpretativo**: é a atitude descritiva/interpretativa e os exercícios de “dissecação” dos textos verbais e não-verbais que farão com que sejam identificados os discursos, em meio às tantas formulações que os retomam e os parafraseiam, para repetir o mesmo. Na medida em que a noção de memória discursiva for mobilizada para orientar *o que deve e o que não deve ser dito* no

⁷ Eni P. Orlandi (1999, p. 19-20), dirá, com base em Pêcheux (1975), que para a Análise de Discurso: “a. a língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem); b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos); c. o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundará em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia”.

interior das práticas sociais, conforme Achard (1983), também a imagem será, no presente trabalho, considerada: *um dispositivo que pertence a uma estratégia de comunicação, um operador de simbolização* (que produz sentidos), e, por isso: *um operador de memória social no seio de nossa cultura* (DAVALLON, 1983, p. 30), Segundo o a autor,

Com efeito, se a imagem define posições de leitor abstrato que o espectador concreto é convidado a vir ocupar a fim de poder dar sentido ao que ele tem sob os olhos, isso vai permitir criar, de uma certa maneira, uma comunidade – um *acordo* – de olhares: tudo se passa então como se a imagem colocasse no horizonte de sua percepção a presença de outros espectadores possíveis tendo o mesmo ponto de vista. Do mesmo modo como - explicava Halbwachs – a reconstrução de um acontecimento passado necessita, para se tornar lembrança, da existência de pontos de vista compartilhados pelos membros da comunidade e de noções que lhe são comuns; assim a imagem, por poder operar o acordo dos olhares, apresentaria a capacidade de conferir ao quadro da história a força da lembrança. Ela seria nesse momento o registro da relação intersubjetiva e social (DAVALLON, 1983, p. 31).

Sobre a imagem como operador de simbolização, da mesma forma como Orlandi (1999), ao tratar da diferenciação entre *a língua fechada nela mesma – enquanto sistema de regras formais e abstratas* – (que será objeto da linguística) e *a língua enquanto objeto opaco, não-transparente, enquanto palavra em movimento e prática de linguagem* (ou seja: atravessada pelo discurso), Pêcheux (1983a) argumentará que:

A questão da imagem encontra assim a análise de discurso por um outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu” o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições). (PÊCHEUX, 1983a, p. 55).

Nesse sentido há de se fazer uma distinção metodológica entre a superfície linguística (o material de linguagem bruto coletado, tal como está posto) e o objeto discursivo, este sendo definido pelo fato de que o *corpus* já recebeu um primeiro tratamento de análise superficial, pois devemos considerar que “não há descrição sem interpretação” e que “o próprio analista está envolvido na interpretação” (ORLANDI, 1999, p. 60-66), afinal, conforme menciona Pêcheux (1983b), fazendo referência ao antipositivismo de Nietzsche: “todo fato já é uma interpretação” (p. 44).

Isto posto, esclarecemos que todas as edições catalogadas foram lidas e os dados encontrados sobre Chávez foram elencados em ordem cronológica, como indicamos no **Quadro 1** abaixo, o que proporcionou, portanto, alcançar o objetivo de se empreender

uma análise detalhada do *corpus*, sem ter que desprezar dados (jogando-os para “debaixo do tapete”), mas também sem ter que necessariamente citá-los, um a um no corpo do texto, para dar substância e consistência às análises.

Quadro 1. Edições de *Veja* (1999 a 2009) catalogadas, lidas e analisadas

Quant. edições	Edição <i>Veja</i> (número, data, título da matéria/ reportagem)	Do que trata os textos. Quais os elementos importantes e relevantes para a pesquisa (fotos, formulações linguísticas etc.)	Citação no trabalho
1.	Edição 1577 de 16/12/1998 Internacional: “ <i>Golpista fracassado, Chávez chega à presidência</i> ”	-Formulações Linguísticas: O texto classifica-o como populista, boina vermelha, golpista, ditador e centralizador.	p. 19
2.	Edição 1596 de 05/05/1999 Internacional: “ <i>Coronel-presidente visita o Brasil</i> ”	-Formulações Linguísticas: Entrevista. O texto coloca-o numa posição de revolucionário, cheio de esquisitices. Aborda o caso de Fidel.	p. 74
3.	Edição 1610 de 11/08/1999 Internacional: “ <i>Hugo Chávez tem poder total</i> ”	-Formulações Linguísticas: Falam de demagogia e de um “perigoso personalismo”	p. 33
4.	Edição 1612 de 25/08/1999 Internacional: “ <i>O novo caudilhismo de Hugo Chávez</i> ”	-Formulações Linguísticas: Dos 131 eleitos para a assembléia constituinte, 121 são chavistas. <i>Veja</i> diz que ele está montado na A. Constituinte. “ <i>Chávez o demolidor</i> ”.	p. 37
5.	Edição 1614 de 08/09/1999 Internacional: “ <i>Hugo Chávez avança com tudo</i> ”	-Formulações Linguísticas: <i>Veja</i> noticia que o congresso é fechado e que suas funções foram transferidas para a constituinte de Chávez.	p. 38
6.	Edição 1615 de 15/09/1999 Internacional: “ <i>América do sul – A crise na região</i> ”	-Formulações Linguísticas: <i>Veja</i> fala de “Ideologias Radicais” e coloca Chávez como um mal exemplo populista inspirado nos anos 50. Diz que “A Venezuela caiu nas mãos de Chávez”	não
7.	Edição 1626 de 1º/12/1999 Internacional: “ <i>A constituição de Hugo Chávez</i> ”	-Formulações Linguísticas: Projeto de Constituição amplia poderes e permanência de Chávez.	p. 40
8.	Edição 1629 de 22/12/1999 Internacional: “ <i>Plebiscito aprova a Constituição de Chávez</i> ”	-Formulações Linguísticas: Maior poder à presidência e pode prolongar o poder. 72% dos votos.	p. 41
9.	Edição 1649 de 17/05/2000 Internacional: “ <i>O populismo ameaça a democracia</i> ”	-Formulações Linguísticas: Comparação entre Chávez (Venezuela) e Alberto Fujimori (Peru). “As práticas autoritárias são como um câncer que se espalha”	p. 42
10.	Edição 1661 de 09/08/2000 Internacional: “ <i>O que Chávez vai fazer agora?</i> ” “ <i>O DONO DE TUDO</i> ”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Chávez em 1ª foto reeleito e com mandato até 2012.	p. 42
11.	Edição 1707 de 04/07/2001 Internacional: “ <i>O charlatão Bolivariano</i> ”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Chávez ameaça até com armas mas não consegue reerguer a Venezuela. Beisebol com seu ídolo Fidel Castro. Coloca amigos sem competência administrativa no poder. Foto com Fidel. Foto com o povo em vermelho.	p. 77
12.	Edição 1731 de 19/12/2001 Chávez enfrenta a contra-revolução. Coronel quer governar por decretos.	-Formulações Linguísticas: Governo autoritário. Pacote de medidas gera greve de 12 horas.	p. 43
13.	Edição 1747 de 17/04/2002 Capa: “ <i>Venezuela: A queda do presidente fanfarrão</i> ”	-Fotos e Formulações Linguísticas: O falastrão caiu! Multidão nas ruas e rebelião militar tiram Chávez do poder. Foto: Chávez limpa os olhos com lenço (chora?).	p. 44, 77 e 95
14.	Edição 1748 de 24/04/2002 “ <i>A volta de Hugo Chávez</i> ”	-Formulações Linguísticas: <i>Veja</i> chamou a tomada do poder (Ed. 1747) de golpe e a volta de Chávez de a vitória da democracia.	p. 44

		Greve geral exige a saída de Chávez. Resultados ruins na economia.	
15.	Edição 1782 de 18/12/2002 “A oposição fecha o cerco em torno de Hugo Chávez” “O coronel está cercado”	-Formulações Linguísticas: Greve geral exige a saída de Hugo Chávez. Resultados ruins na economia.	p. 49
16.	Edição 1787 de 29/01/2003 Greve dura 7 semanas e leva Jimmy Carter a mediar diálogo entre Chávez e a oposição.	-Fotos e Formulações Linguísticas: Clube dos Amigos “EUA, Brasil, México e Chile, observados por Portugal e Espanha” se deparam com a má vontade de Chávez. Greve/ grevistas perde(m) fôlego.	p. 96
17.	Edição 1791 de 26/02/2003 “Caça às bruxas depois da greve contra Chávez”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Chávez de boina vermelha (foto). Greve durou 2 meses e após acordo para acabá-la Chávez prende opositores. Desmoraliza o Brasil e demais mediadores.	p. 97
18.	Edição 1794 de 19/03/2003 Venezuela: “Porque o país mergulhou no abismo” Ao invés de governar o presidente só quer brigar	-Fotos e Formulações Linguísticas: Chávez e Bolívar ao fundo - 2º plano (foto). Brigas nas ruas. Vestido de índio.	não
19.	Edição 1832 de 10/12/2003 A oposição luta por plebiscito. A caneta contra Chávez. 3,6 milhões de ass. em 4 dias.	-Fotos e Formulações Linguísticas: Chávez em pose de discurso com 2 microfones no púlpito (foto). Contradição: “Discurso antiimperialista e negócios com os EUA”.	não
20.	Edição 1848 de 07/04/2004 Um país na contramão. Chávez e o risco do populismo.	-Formulações Linguísticas: “A maioria dos países latino-americanos vive um período de recuperação econômica e consolidação democrática – A grande exceção é a Venezuela”.	não
21.	Edição 1855 de 26/05/2004 “Chávez quer cassar cidadania de opositores” “O ESTADO SOU EU”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Discursando de vermelho diante de 2 microfones (foto). Opositores seriam jornalistas internacionais que criticam/ criticavam a falta de liberdade da imprensa.	não
22.	Edição 1857 de 09/06/2004 “Plebiscito vai rever mandato de Chávez” “Agora é no voto”	-Fotos e Formulações Linguísticas: “Chávez: derrotado por um abaixo-assinado” (foto) “Plebiscito pode tirar Chávez do poder”	não
23.	Edição 1866 de 11/08/2004 “As estratégias de Chávez para se manter no poder”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Foto com bastão de beisebol. “Versão paz e amor” “Modera discurso e torra dinheiro do petróleo para vencer plebiscito”	não
24.	Edição 1868 de 25/08/2004 “Chávez vence oposição nas urnas”	-Fotos e Formulações Linguísticas: De vermelho com bandeira à frente em sacada de prédio, rindo, saudando o povo (foto). “Vitória dividida e impasse”. 60% dos votos.	não
25.	Edição 1876 de 20/10/2004 “Agora Chávez quer controlar a imprensa”	-Fotos e Formulações Linguísticas: “Chávez quer censura” De terno e com faixa de presidente. Ameaça quem o critica (foto). “Propõe lei para controlar a imprensa”	não
26.	Edição 1889 de 26/01/2005 “A nova briga de Chávez” “Um vizinho amigo do bandido”	-Fotos e Formulações Linguísticas: De vermelho com taco de beisebol (foto). “Crise diplomática (...) expõe as ligações de Hugo Chávez com a guerrilha colombiana”.	p. 98
27.	Edição 1891 de 09/02/2005 “Chávez: o novo herói da esquerda”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Chávez com o líder dos Sem-terra Stédille no Fórum Social Mundial em Porto Alegre-RS. Antiamericanismo como bandeira.	p. 78
28.	Edição 1899 de 06/04/2005 “Como lidar com Chávez, o bom comprador (de armas)”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Uribe, Zapatero, Chávez e Lula (fotos). Venda de armas em reunião para celebrar a paz. Uso de petrodólares para fazer amigos e influenciar países. Inimigo da Colômbia.	p. 99
29.	Edição 1932 de 23/11/2005 “Chávez ou Fox: quem fez mais pelo	-Formulações Linguísticas: Comparação ao presidente do México. Dois modelos de	não

	povo”	desenvolvimento. O presidente mexicano vence de 10 X 0.	
30.	Edição 1935 de 14/12/2005 Capa: “Nossos repórteres na Venezuela contam como Hugo Chávez está destruindo a democracia”	-Formulações Linguísticas: A sovietação à moda de Chávez”. Comparação com modelo falido do comunismo de outrora na extinta URSS.	p. 82
31.	Edição 1943 de 15/02/2006 América Latina: “10 países elegem presidente neste ano”	-Formulações Linguísticas: “Uma dezena de países da América Latina vai escolher seus governantes. Em vários deles o favorito é um populista ao estilo de Hugo Chávez”	não
32.	Edição 1951 de 12/04/2006 América Latina: “A escolha entre A Venezuela e o Chile”	-Formulações Linguísticas: América Latina entre dois destinos. Porque o modelo Chileno é um sucesso. Porque o modelo venezuelano é fadado ao fracasso.	não
33.	Edição 1954 de 03/05/2006 “Criminalidade explode no governo Chávez” “Na mão do bandido”	-Formulações Linguísticas: No governo Chávez o número de homicídios aumentou cerca de 200% (duzentos por cento). Amigos do regime dominam a polícia.	não
34.	Edição 1955 de 10/05/2006 Capa: “ESSA DOEU” (Lula com um pontapé na bunda) “Hugo Chávez tramou o roubo do patrimônio brasileiro na Bolívia”	-Capa, Fotos e Formulações Linguísticas: “Os líderes e o liderado”. Fidel, Chávez e Morales (foto). Nacionalização do gás brasileiro na Bolívia.	p. 101
35.	Edição 1958 de 31/05/2006 “O México vota e já descartou o populismo” à moda de Chávez.	-Formulações Linguísticas: Lá excentricidades políticas não dão certo.	não
36.	Edição 1959 de 07/06/2006 “A reeleição de Uribe, o anti-chávez”	-Formulações Linguísticas: Apesar de ser colocado como mau governante, o foco da matéria é mostrar Chávez como inimigo da Colômbia e dos vizinhos.	p. 106
37.	Edição 1960 de 14/06/2006 “Peru – o apoio de Chávez mais atrapalha que ajuda”	-Formulações Linguísticas: “O beijo da morte de Chávez”. “Ele ameaçou os eleitores peruanos do rompimento das relações diplomáticas” – seu candidato perdeu.	não
38.	Edição 1961 de 21/06/2006 “Chávez se arma e quer controlar a imprensa” “Armado e perigoso”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Hugo Chávez com fuzil (foto). Avião supersônico bem descrito – fornecedor: Rússia (foto).	não
39.	Edição 1968 de 09/08/2006 CUBA: “Para sobreviver, Cuba recorreu a beneméritos no exterior”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Fidel com soviéticos em 1960 e com Hugo Chávez em 2001 (fotos): “Troca de padrinhos”. Chávez, padrinho rico de Cuba, de Fidel Castro.	p. 86
40.	Edição 1970 de 23/08/2006 CUBA: “MATERIALISMO DIALÉTICO”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Fidel e Chávez de vermelho (foto). “Par de vasos: Chávez visita enfermo Fidel”. Cubanos: como recuperar os bens roubados pelos comunistas.	p. 87
41.	Edição 1974 de 20/09/2006 Bolívia: “Um vizinho cada vez mais difícil”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Chávez aparece com o presidente do Irã (foto). “Em má vizinhança” (Brasil em relação à Bolívia).	não
42.	Edição 1976 de 04/10/2006 “O chavismo resiste à queda do preço do petróleo?”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Chávez todo de vermelho (foto). Queda do preço do petróleo ameaça deixar Chávez sem dinheiro para manter revolução populista. Morales: ele depende de Chávez.	não
43.	Edição 1979 de 25/10/2006 Equador: “Os limites dos petrodólares de Chávez”	-Formulações Linguísticas: Partidários de Correa no Equador: entre dois populismos. “Candidato de Chávez”.	não
44.	Edição 1983 de 22/11/2006 Capa: “Como o populismo está tirando a América Latina do Mapa”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Populismo e irrelevância no cenário mundial. Carta ao leitor: “A maldição da Venezuela”. Chávez na TV em um dos seus jornais governistas.	não
45.	Edição 1986 de 13/12/2006	-Capa, Fotos e Formulações Linguísticas:	p. 55

	Capa: “Com Fidel Castro à morte, Hugo Chávez quer usar o petróleo para liderar a revolução na América Latina”	Chávez arma seu cerco: pode ser perpétuo (vitalício) como Fidel. Usa dinheiro do petróleo para bancar aventureiros esquerdistas em outros países. Ícones da <i>esquerda latina americana</i> : “nem todos são iguais”. Referência a Lula (foto).	
46.	Edição 1991 de 17/01/2007 “O socialismo caricato de Hugo Chávez” “Um inimigo do Brasil”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Rindo [do título de inimigo?] (foto). “Chávez: poderes ditatoriais”. 3º mandato de presidente. Carta ao Leitor (texto e foto).	p. 87 e 103
47.	Edição 1992 de 24/01/2007 “Nossos vizinhos raivosos e irrelevantes”	-Ilustrações, Fotos e Formulações Linguísticas: Brasil cercado por populistas. Brasil tem agenda mais moderna que vizinhos.	não
48.	Edição 1993 de 31/01/2007 “Chávez rasga jornal brasileiro e é aplaudido no Rio [de janeiro]”	-Fotos e Formulações Linguísticas: <i>Veja</i> o chama de autoritário: disse que tem o hábito de interferir nos assuntos internos de outros países. Rasgou exemplar do jornal “O Globo”.	não
49.	Edição 1994 de 07/02/2007 “Chávez assume poder total”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Chávez e Fidel (foto). Poderes de ditador para Hugo Chávez. Lei lhe dá “superpoderes”.	não
50.	Edição 2002 de 04/04/2007 Encontro de Lula com Bush. “Lula é o exemplo anti-chávez”	-Formulações Linguísticas: Bush tem pressa em fortalecer as amizades na região para fazer contraponto à influência de Chávez.	não
51.	Edição 2011 de 06/06/2007 “Oposição à tirania de Chávez vai às ruas”	-Formulações Linguísticas: “Os jovens vão às ruas em defesa da democracia e da liberdade de expressão”.	não
52.	Edição 2012 de 13/06/2007 Capa: “A riqueza dos chavistas”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Chávez em vermelho com o público (foto). Falso discurso moralista contra a riqueza. “Chávez engorda a burguesia bolivariana”	não
53.	Edição 2019 de 01/08/2007 “Chávez quer mudar a lei e governar até morrer”	-Fotos e Formulações Linguísticas: “O nome disso é ditadura”. Chávez com rifle de terno e gravata (foto).	não
54.	Edição 2027 de 26/09/2007 “O novo currículo escolar de Chávez”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Chávez em sala com crianças [alunos] (foto). Quadro comparativo: Stálin, Hitler e Mao (foto). Inspiração em Cuba.	p. 89 e 109
55.	Edição 2033 de 07/11/2007 Capa: “Chávez à sombra do ditador. Como o desvario ideológico chavista abala a vida dos venezuelanos”	-Formulações Linguísticas: “Destruí a democracia”. “O drama de viver sob o regime de <i>EL SUPREMO</i> ”. “A ditadura em forma de lei”.	p. 59 e 74
56.	Edição 2035 de 21/11/2007 “Juan Carlos: uma lição real em Chávez” “Porque Chávez não se cala”	-Formulações Linguísticas: O rei Juan Carlos torna-se símbolo do político que não permaneceu inerte face aos insultos de Chávez a outros países e governantes.	p. 104
57.	Edição 2036 de 28/11/2007 Capa: “Radiografia dos militares, O que eles pensam sobre... populismo na América Latina ... armamentismo de Hugo Chávez”	-Capa, Fotos e Formulações Linguísticas: Corrida armamentista na Venezuela (pág. 131). Brasil perdendo para vizinhos. Ameaça à supremacia do Brasil na América Latina.	p. 106
58.	Edição 2037 de 05/12/2007 “Os destruidores de países”	-Fotos e Formulações Linguísticas: “Como fez Chávez na Venezuela, os presidentes da Bolívia e do Equador rompem a coesão social e arruinam a economia na busca de mais poder”. Chávez discursando para o Público (foto).	p. 107
59.	Edição 2038 de 12/12/2007 “O povo contra a ditadura”	-Fotos e Formulações Linguísticas: “Chapolin colorado” do seriado de comédia (foto). Chávez apontando para o povo na rua comemorando a vitória do NÃO em plebiscito por reforma constitucional que permitia o <i>totalitarismo</i> (foto).	não
60.	Edição 2039 de 19/12/2007	-Formulações Linguísticas: O que pensam os	não

	Capa (espaço na): “Chávez. Agora com oposição de verdade”	venezuelanos depois do não. O povo está descontente e foi reforçado por chavistas decepcionados.	
61.	Edição 2040 de 26/12/2007 Evo Morales: “Como Chávez, ele também quer impor uma Constituição”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Imposição de texto constitucional.	não
62.	Edição 2042 de 09/01/2008 Colômbia: “Narcoterroristas enganam Hugo Chávez”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Chávez apontando estratégias num mapa (foto). “Chávez é feito de bobo pelas FARC”.	não
63.	Edição 2049 de 27/02/2008 Fidel: “Fidel já vai tarde. O fim melancólico do ditador que isolou Cuba e hipnotizou a esquerda durante 50 anos”	-Fotos e Formulações Linguísticas: “Meio século de má influência sobre a América Latina”. Cubanos fugindo de Cuba (foto). Fracasso econômico cubano. Chávez é mencionado como “sucessor” de Castro.	não
64.	Edição 2051 de 12/03/2008 Capa: “As feras radicais” Chávez, Morales e Correa. Aliança com as FARC.	-Capa, Fotos e Formulações Linguísticas: “O que querem os radicais do continente”. “Porque Chávez quer guerra”.	não
65.	Edição 2056 de 16/04/2008 Brasil e Lula: “A tentação do continuísmo”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Espectros de Fidel e Chávez ao fundo e Lula à frente (foto). “para a esquerda a chegada ao poder é o fim da história. Então, porque deixá-lo?”	não
66.	Edição 2058 de 30/04/2008 “Fernando Lugo (Paraguay) exige cinco vezes mais dinheiro por Itaipu”	-Formulações Linguísticas: “O que esperar do novo presidente?” “Vitória do hidropopulismo”. “Em má companhia” (Chávez, Morales, Correa e Lugo).	não
67.	Edição 2064 de 11/06/2008 “Chávez cria a delação obrigatória”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Chávez vestido de vermelho, cercado por <i>guarda-costas cubanos</i> (foto). “Nova lei cria rede de espionagem para controlar a oposição”	não
68.	Edição 2065 de 18/06/2008 “Porque Chávez agora quer o fim das FARC”	-Formulações Linguísticas: “Com popularidade em baixa Chávez agora quer distância do narcoterrorismo” (...) “ele acha que não há lugar para a luta armada na América Latina. Ainda bem.”	não
69.	Edição 2073 de 13/08/2008 “Hugo Chávez aprofunda sua ditadura”	-Fotos e Formulações Linguísticas: Gritando com cara séria e punho cerrado (foto). “Chávez decreta as medidas rejeitadas no plebiscito”. “A vontade do eleitor não valeu”.	não
70.	Edição 2075 de 27/08/2008 Coluna “Veja Essa” com caricatura de Chávez (pág. 58)	-Ilustrações: Globo terrestre na mão e trajes vermelhos (caricatura). Citação de alguma fala pública em que Chávez promete tomar empresas de cimento na Venezuela como um passo rumo ao socialismo.	p. 108
71.	Edição 2080 de 01/10/2008 “O populismo dos vizinhos inconvenientes” Para/ sobre o Brasil: “Pode bater que o gigante é manso.”	-Formulações Linguísticas: “O presidente do equador expulsa a Odebrecht do país, sequestra os bens da empresa e ameaça dar calote no BNDES. E mais uma vez o Brasil apanha sem reclamar”.	não
72.	Edição 2100 de 18/02/2009 “Chávez. 10 anos de estrago” “Chávez. O coronel quer ser presidente vitalício” (pág. 8)	-Fotos e Formulações Linguísticas: Votação pela reeleição vitalícia em 15/02/2009 (fotos). Matéria enfatiza/ retoma o desastre econômico da Venezuela pós Chávez.	não
73.	Edição 2101 de 25/02/2009 Capa (espaço na): “A democracia como atalho para a tirania” (pág. 6)	-Fotos e Formulações Linguísticas: “Todo poder ao coronel” (fotos). “Um caudilho para sempre”. Chávez ganha o direito de se eleger indeterminadamente.	p. 61

O *corpus* selecionado foi constituído de edições que acompanham a trajetória de Chávez, desde o Golpe de Estado frustrado, que liderou, em 04 de fevereiro de 1992, à

frente de uma tropa de pára-quedistas do exército, até as mais recentes publicações sobre sua proposta de reeleições sucessivas, em fevereiro de 2009, perfazendo, assim, uma série de 73 (setenta e três) edições de *Veja*. Nessas edições, há matérias dedicadas, exclusivamente, a Hugo Chávez (onde ele aparece como personagem central), e há matérias que tratam de outros políticos ou temas desta ordem (por exemplo, Fidel Castro ou a eleição de Evo Morales na Bolívia), que tratam indiretamente de Chávez, fazendo-lhe referências.

1.3 Organização dos capítulos

Além da introdução, a dissertação está organizada com os seguintes capítulos:

No capítulo 2, intitulado Chávez: o tirano, discutimos os aspectos políticos e jurídicos que permeiam a questão da legitimidade da ascensão de Hugo Chávez ao cargo de presidente da Venezuela, especialmente no tocante à modificação do texto constitucional venezuelano para garantir reeleições sucessivas. Nesse sentido, Chávez aparece encenado nas páginas da revista *Veja* como aquele que quer controlar o congresso, os políticos locais e poder judiciário, suprimir oposições e perseguir inimigos. Neste capítulo, as matérias tratam de fechamento de redes de comunicação que apresentam resistência a ele, bem como de favorecimento econômico e político de amigos do governo. O povo aparece como vítima de sedução eleitoral, na medida em que, tendo eleito Chávez para combater a corrupção que assolava o país até de 1992, acabou preso aos seus “encantos”, sobretudo pela forma com que Chávez manipula as informações oficiais, além de possuir canais estatais de televisão em que fala diretamente ao povo, por horas seguidas, vários dias por mês. Legitimamente eleito ou formalmente eleito, o presidente passa a ser acusado de todas as manobras possíveis para se manter no poder, momento em que é comparado com outros políticos de destaque mundial. Em meio a análise de uma série de formulações identificadas e selecionadas, encontramos, em postulados do filósofo Michel Foucault, um caminho teórico para compreendermos o funcionamento de uma mesma posição de sujeito, a do tirano, à luz dos postulados metodológicos que extraímos de sua arqueologia e da Escola Francesa de Análise de Discurso, a AD.

No capítulo 3, intitulado Chávez: o Comunista, tratamos da forma como Chávez aparece ideologicamente encenado na revista, na posição de sujeito Comunista dando ênfase às comparações com outros líderes mundiais (do passado e de agora: Stálin e Fidel Castro, por exemplo) que são subjetivados na mesma posição de sujeito; ao modo semelhante de usar o corpo, especialmente de se vestir; e às estratégias para fortalecer uma ideologia em detrimento de outra, sobretudo, com táticas de manipulação de informações, de propaganda política e educação.

No capítulo 4, intitulado Chávez: o Inimigo, discutimos como são discursivizadas as relações internacionais de Chávez no comando da Venezuela. Tentamos mostrar a forma como a serialização de dados se organiza em torno de dois núcleos principais: a) a relação com os países vizinhos (latino-americanos), marcada por desavenças com a Colômbia de Álvaro Uribe, o diálogo com o Brasil e a aproximação com outros países, que renderam comentários sobre a influência de Chávez na América Latina e a posição do Brasil como líder na região; b) e a relação com os países da Europa, Estados Unidos e a presença de Chávez nos encontros internacionais formais (ONU, por exemplo) de onde surgiu o famoso jargão: *Porque não te calas?*

No capítulo 5, apresentamos a síntese dos resultados obtidos a que chegamos, após análises das formulações selecionadas nos capítulos 2, 3 e 4.

Por fim, apresentamos as referências bibliográficas que foram mobilizadas para dar sustentação teórica a este trabalho.

2 CHÁVEZ TIRANO

2.1 Considerações iniciais

O primeiro aspecto que chama a atenção na presente pesquisa diz respeito a relação entre **lembrança e esquecimento** em torno da figura de Hugo Chávez na materialidade discursiva de *Veja*. Consta nos textos analisados que a primeira aparição expressiva de Chávez no que tange à política da Venezuela deu-se em 04 de fevereiro de 1992 com uma tentativa (frustrada) de Golpe de Estado liderada por Hugo Chávez, à frente de uma tropa de pára-quedistas do exército. Não obstante, no referido ano (1992), *Veja* não veiculou qualquer matéria relacionada ao assunto, **silenciando-se** sobre o evento, somente vindo a referir-se diretamente a Chávez em dezembro de 1998, quando de sua eleição para exercer o mandato de presidente da república.

Foucault (1969), ao tratar do *princípio de rarefação* inerente à estrutura dos enunciados (enquanto função), aprofunda a discussão sobre a importância da lembrança e do esquecimento na sua análise enunciativa, no limite da relação interdependente entre o **dito** e o **não-dito**, pois o uso de uma coisa obstaculiza o uso de outra em seu lugar. Segundo o filósofo francês, estuda-se o enunciado na medida em que o separamos do não-dito. Não para tentar dar voz ao que se emudeceu, ou ao que ao lado dos enunciados se calou ou silenciou, mas para fazer funcionar as lacunas e os vazios num sistema complexo de recortes, limites e rupturas. Nas palavras do autor:

Estudam-se os enunciados no limite que os separa do que não está dito, na instância que os faz surgirem à exclusão de todos os outros. Não se trata de fazer falar o mutismo que os cerca, nem de reencontrar tudo aquilo que, neles e ao lado deles, se havia calado ou sido reduzido ao silêncio. Não se trata, tampouco, de estudar os obstáculos que impediram tal descoberta, retiveram tal formulação, recalcarão tal forma de enunciação, tal significação inconsciente, ou tal racionalidade em devir; mas de definir um sistema limitado de presenças. **A formação discursiva não é, pois, uma totalidade em desenvolvimento, tendo seu dinamismo próprio ou sua inércia particular, carregando consigo, em um discurso não formulado, o que ela não mais diz, ainda não diz, ou o que a contradiz no momento; não é uma rica e difícil germinação, mas uma distribuição de lacunas, de vazios, de ausências, de limites, de recortes.** (...) Essa raridade dos enunciados, a forma lacunar e retalhada do campo enunciativo, **o fato de que poucas coisas, em suma, podem ser ditas, explicam que os enunciados não sejam, como o ar que respiramos, uma transparência infinita; mas sim coisas que se transmitem e se conservam,** que têm um valor, e das

quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos (...). Por serem raros os enunciados, recolhemo-los em totalidades que os unificam e multiplicamos os sentidos que habitam cada um deles (FOUCAULT, 1969, p. 135-136).

Além disso, devemos levar em consideração que tudo o que é dito somente o é por estar autorizado, por estar na *ordem do discurso*. Concordamos com Foucault (1971), ao falar da **interdição** – palavra proibida (p. 19) – enquanto sistema de exclusão, quando diz que “*não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa*” (p. 9) – tabu do objeto, ritual da circunstância e direito privilegiado (ou exclusivo) do sujeito que fala.

Essa questão nos leva a pensar no *silenciamento*, que é um tema central da Análise de Discurso tratado sob duas formas: a) o silêncio constitutivo; b) o silêncio local. Sendo a segunda equivalente à *interdição do dizer* (como a censura, por exemplo), nos ateremos sobre o **silêncio constitutivo** como forma de relacionar o dito e o não-dito nas matérias de *Veja* relacionadas a Hugo Chávez. Orlandi (1992) diz que

A relação dito/não dito pode ser contextualizada sócio-historicamente, em particular em relação ao que chamamos “poder-dizer” (...). a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada. (...) É o não dito necessariamente excluído. (...) O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer. (...) o silêncio constitutivo, ou seja, o mecanismo que põe em funcionamento o conjunto do que é preciso não dizer para poder dizer. (ORLANDI, 1992, p. 73-74).

Nesse mesmo sentido a questão do **acontecimento discursivo**, conceito operacional fundamental na AD, também permeia os textos produzidos por *Veja* em torno de Chávez segundo uma lógica da lembrança e do esquecimento que leva a outras questões de ordem discursiva. A noção de **acontecimento** é mobilizada, sobretudo, para estabelecer uma relação entre a atualidade do que está sendo dito com a memória do que já foi formulado, indicando, nas palavras de Pêcheux (1983b), *o encontro de uma atualidade com uma memória*⁸, ou seja, marcando

⁸ Michel Pêcheux (1983) tratará desta conceituação de acontecimento em seu *O discurso: estrutura ou acontecimento*, quando ao tratar do tema, define seus limites: “o acontecimento, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (p.17).

o acontecimento (o fato novo, as cifras, as primeiras declarações) em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e que já começa a organizar (PÊCHEUX, 1983b, p. 19).

Em Foucault (1969), acontecimento discursivo é definido como *aquilo que pode ser dito e não outra coisa em seu lugar*⁹ (FOUCAULT, 1969, p. 124), relacionando-se com a própria função do enunciado que diz respeito ao que, ao ser dito, *não pode ser dito de modo diverso de acordo com um domínio de memória, campo associado ou campo de utilização*, determinando em ambos uma noção do que se está autorizado a dizer/fazer/produzir em determinadas condições de possibilidade e de existência, e que tem relação com uma concepção não-linear da história adotada por Foucault (1969):

A análise enunciativa é, pois, uma análise histórica, mas que se mantém fora de qualquer interpretação: às coisas ditas, não se pergunta o que escondem, o que nelas estava dito e o não-dito que involuntariamente recobrem, a abundância de pensamentos, imagens ou fantasmas que as habitam; mas, ao contrário, de que modo existem o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de terem deixado rastros e, talvez, de permanecerem para uma reutilização eventual; **o que é para elas o fato de terem aparecido – e nenhuma outra em seu lugar.** Desse ponto de vista, não se reconhece nenhum enunciado latente: pois aquilo a que nos dirigimos está na evidência da linguagem efetiva – destacamos (FOUCAULT, 1969, p. 124).

Analisamos os enunciados não como se estivessem no lugar de outros enunciados caídos abaixo da linha de emergência possível, mas como estando sempre em seu lugar próprio. (...) **A descrição não consiste, pois, a propósito de um enunciado, em reconhecer o não-dito cujo lugar ele ocupa; nem como podemos reduzi-lo a um texto silencioso e comum; mas, pelo contrário, que posição singular ocupa** – negritamos (*Idem*, p. 135-136).

Nessa perspectiva, se a Venezuela somente é (re)lembrada por *Veja* com o advento de Chávez, é porque algum destaque este político representa nos jogos de verdade que circulam na sociedade, e que estão materializados nas páginas de *Veja*. A pergunta que surge então é: porque falar da Venezuela somente a partir de Chávez? Esta pergunta insere o problema na perspectiva da teoria do discurso tanto para a AD quanto

⁹ Pêcheux (1983b), ao tratar da questão da interpretação também em *O discurso: estrutura ou acontecimento*, colocará tal aspecto como sintomático de uma concepção estruturalista de pesquisa: “O movimento intelectual que recebeu o nome de “estruturalismo” (tal como se desenvolveu particularmente na França dos anos 60, em torno da lingüística, da antropologia, da filosofia, da política e da psicanálise) pode ser considerado, desse ponto de vista, como uma tentativa anti-positivista visando a levar em conta este tipo de real, sobre o qual o pensamento vem dar, no entrecruzamento da linguagem e da história. Novas práticas de leitura (sintomáticas, arqueológicas, etc...) aplicadas aos monumentos textuais, e de início aos Grandes Textos (cf. *Ler o Capital*), surgiram desse movimento: o princípio dessas leituras consiste, como se sabe, em multiplicar as relações entre **o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo**, a fim de se colocar em posição de “entender” a presença de não-ditos no interior do que é dito” - destacamos (p. 43-44).

para Foucault, indicando a necessidade de se investigar em qual(is) posição(ões) de sujeito, este ator político¹⁰ é subjetivado como ávido pelo poder, político autocrata, demagogo, caudilho, personalista, centralizador e intransigente, mas também como herói. Chávez se insere na ordem do discurso político e jurídico materializado em *Veja* para ser acomodado em distintas (mas interdependentes) posições de sujeito, dentre as quais a de *tirano*, a qual discutiremos neste capítulo.

A análise que empreendemos, aqui, portanto, visa a identificar em matérias, capas, ou seja, formulações verbais e não verbais (fotografias, desenhos, quadros e caricaturas), enfim, em todo o material gráfico – escrito e pictórico – produzido nas páginas da revista *Veja* sobre Hugo Chávez, no sentido de dar conta da investigação do funcionamento discursivo da posição de sujeito de *Tirano*, com objetivo de confirmar ou refutar uma das hipóteses norteadoras da pesquisa.

2.2- Análise e discussão

A edição de *Veja* de n. 1577 de 16/12/1998 é primeira edição do semanário a tratar da questão de Hugo Chávez no cenário político da América Latina. Faz referência à eleição para a Presidência da República da Venezuela, após o fracassado golpe de Estado da madrugada de 04 de fevereiro de 1992, quando Chávez liderou uma tropa de pára-quedistas do exército Venezuelano para invadir o palácio presidencial Miraflores, com o objetivo de destituir pela força o presidente Carlos Andrés Pérez. Portanto, além de uma plataforma de governo pautada no fim da corrupção, a matéria relata o êxito de Chávez na sua escalada ao poder (através do voto) e enfatiza a sua insistência para galgar tal posição quando situa [mnemonicamente] “o fato” da sua eleição lembrando a invasão do palácio Miraflores em fevereiro de 1992. Detectamos, assim, o funcionamento de uma posição de sujeito, da forma como trata FOUCAULT (1969)

¹⁰ Segundo a Ciência Política, podem ser reunidos em: 1) *atores públicos*, que são aqueles que se distinguem por exercer funções públicas e por mobilizar os recursos associados a essas funções, subdivididos em: a) **políticos, que são aqueles atores cuja posição resulta de mandatos eletivos, cuja atuação é condicionada pelo cálculo eleitoral e pelo pertencimento a partidos políticos**; b) burocratas, que devem sua posição à ocupação de cargos que requerem conhecimento especializado e se situam em um sistema de carreira pública, controlando recursos de autoridade e informação; 2) *atores privados*, que não mantêm vínculo com o Estado, e devem contar com recursos privados para fazer valer seus interesses (empresários, sindicatos, consumidores etc.).

comentado acima, em que Chávez é notadamente tomado sob alguns aspectos centrais: a) insistência e êxito na caminhada até o poder; e b) uma plataforma de trabalho que promete benefícios ao povo pela luta contra os corruptos do país; c) e a adesão popular à Chávez pelo voto. Para entendermos o funcionamento dessa posição de sujeito, recorreremos aos postulados de Foucault (1974).

Na conferência 2, publicada no livro *A verdade e as formas jurídicas*, Foucault (1974) discute o jogo que envolve a busca e a descoberta da verdade na tragédia e a oposição entre a concepção de Freud, para quem Édipo seria o homem do esquecimento, do não saber e do inconsciente, e a sua concepção, segundo a qual Édipo é justamente aquele que sabia demais, que procurava respostas, pois foi assim que enfrentou e livrou a cidade da esfinge, decifrando seu enigma, e também revelou as verdades subterrâneas sobre o seu trágico destino.

Conforme o autor, Édipo é o homem do poder e do saber (tomado no sentido de *um certo tipo de conhecimento*). Do poder porque “durante toda a peça o que está em jogo é essencialmente o poder de Édipo e é isso que faz com que ele se sinta ameaçado” (FOUCAULT, 1974, p. 41). O autor postula que o que está em questão na tragédia é a queda do poder de Édipo, uma vez que, em sua argumentação durante a peça, em várias passagens o personagem defende apenas a sua posição de governante. Ao contestar o escravo de Corinto, que havia proferido “Não te inquietes, não és filho de Políbio”, a preocupação de Édipo não está relacionada à possibilidade de ser filho de Laio, mas à de ter uma origem não-nobre, que deslegitimasse seu poder. Édipo diz:

“Disse isso para me envergonhar, para fazer o povo acreditar que eu sou filho de um escravo; mas mesmo que eu seja filho de um escravo, isto não me impedirá de exercer o poder; eu sou um rei como os outros” (FOUCAULT, 1974, p. 42-43).

Mais adiante, Creonte, o novo rei, profere: “Não procures mais ser o senhor” (FOUCAULT, 1974, p. 43). E, mais adiante ainda, o povo saúda Édipo dizendo: “*Tu que estavas no cume do poder*” (*idem*, p. 43), ao passo que, por outro lado, a primeira saudação do povo de Tebas a Édipo havia sido: “*Édipo todo poderoso!*” (*idem*, p.43). Foucault (1974) mostra que “*entre essas duas [últimas] saudações do povo se desenvolveu toda a tragédia*” (*idem*, p. 43).

A partir desses dados, O autor defende a tese de que *Édipo-Rei é a tragédia do poder e da detenção do poder político*, cujas características estariam presentes no

pensamento, na história e na filosofia grega da época, na figura do *Tirano*. Salienta, contudo, que este termo não deve ser tomado em sentido estrito, uma vez que também Políbio, Laio e todos os outros que detiveram o poder político também foram designados como Tiranos (FOUCAULT, 1974, p. 44). A posição de sujeito do *tirano* é caracterizada pelo autor a partir de duas perspectivas convergentes: **a do poder – tomada sob três perspectivas – e a do saber.**

A primeira perspectiva do poder diz respeito à trajetória de Édipo que obedece a uma alternância do destino bastante parecida com a dos heróis épicos, que conhecem os pontos mais altos e baixos da sorte. Édipo nasceu herdeiro do trono de Laio, mas foi abandonado para morrer. Foi adotado por Corinto e tornou-se herdeiro do trono. Mas ao saber da primeira profecia (que mataria o próprio pai e casaria com a própria mãe, depois de tê-lo matado) vagou pelo mundo como um andarilho. Voltou e encontrou a glória de governar Tebas como um herói que livrou a cidade da esfinge. Casou-se com a rainha do falecido Laio e viu seu trono e seu governo ameaçado pela segunda profecia (que um terrível mal, a profanação do reino e da realeza, precisaria ser extirpado para pôr fim à peste).

A segunda perspectiva do poder refere-se ao fato de Édipo ter se tornado rei como um herói, como aquele que havia livrado o povo dos males provocados pela Divina Cantora, a cadela que devorava todos aqueles que não decifravam seus enigmas. Ao matar a Divina Cantora, portanto, Édipo curou a cidade de Tebas, permitindo que ela se reerguesse. Nesse sentido, Édipo é o herói que salva a *polis*, que lhe retira de uma situação má e lhe conduz a um caminho de glória e prosperidade. Foucault (1974) afirma que, assim como Sólon, todos os Tiranos que surgiram na Grécia durante os séculos VII e VI a.C.

não somente conheceram os altos e baixos da sorte, mas também desempenharam nas cidades o papel de reergue-la através de uma distribuição econômica justa, como Cípselo em Corinto ou através de leis justas como Sólon em Atenas (FOUCAULT, 1974, p. 45).

A terceira perspectiva do poder, segundo Foucault (1974), relaciona-se às **características negativas da tirania**, como é o caso da autocracia. Em Édipo, como postula o autor, vemos retratado um lado do Tirano que acredita na sua face heróica, no seu potencial por ter salvado a *polis* que não dá importância às leis da cidade e as substitui por suas regras, suas vontades, e suas ordens. Nas palavras do autor,

Encontramos em Édipo uma de características não mais positivas, mas negativas, da tirania. Várias coisas são reprovadas em Édipo em suas discussões com Tirésias e Creonte e até mesmo com o povo. Creonte, por exemplo, lhe diz: “Estás errado; tu te identificas com esta cidade, cidade em que não nasceste, imaginas que és esta cidade e que ela te pertence; eu também faço parte desta cidade, ela não é somente tua”. Ora, se consideramos as histórias que Heródoto, por exemplo, contava sobre os velhos tiranos gregos, em particular sobre Cípselo de Corinto, vemos que se trata de alguém que julgava possuir a cidade. Cípselo dizia que Zeus lhe havia dado a cidade e que ele a havia devolvido aos cidadãos. Encontramos exatamente a mesma coisa na tragédia de Sófocles (FOUCAULT, 1974, p. 45).

Quando Creonte o reprovava por querer exilá-lo dizendo que sua decisão não era justa, Édipo responde “Pouco me importa que seja justo ou não; é preciso obedecer assim mesmo”. Sua vontade era a lei da cidade (*idem*, p. 45-46).

Foucault (1974) postula ainda que o personagem tirano de Édipo-Rei é caracterizado pelo poder, mas também por um certo tipo de saber – *saber* aqui para se referir a uma espécie de conhecimento, não se confundindo com o conceito de SABER que o filósofo utilizará em seus trabalhos para definir os regimes de verdade que operam na sociedade e que determinam a disciplina dos corpos no sistema capitalista, conforme salienta Machado (1979)¹¹. Ele assumiu o poder da cidade pelo exercício de saber que ninguém mais detinha. Nas palavras do autor,

O tirano grego não era simplesmente o que tomava o poder. Era aquele que tomava o poder detinha ou fazia valer o fato de deter um certo saber superior em eficácia ao dos outros. Este é precisamente o caso de Édipo. Édipo é aquele que conseguiu resolver por seu pensamento, por seu saber, o famoso enigma da esfinge. E assim como Sólon pode dar, efetivamente, a Atenas leis justas, assim como Sólon pode reerguer a cidade por que era sábio, assim também Édipo pode resolver o enigma da esfinge (FOUCAULT, 1974, p. 46).

¹¹ Roberto Machado (1979) ao escrever a introdução para a reunião de textos de Foucault publicado no Brasil, sob o título de *Microfísica do poder*, trata destes dois aspectos como intrínsecos e interdependentes: enfatiza o SABER como *produto-condição* da sociedade: “partir da especificidade da questão colocada (estrutura capilarizada de poder na sociedade), que para a genealogia que ele tem realizado é a dos mecanismos e técnicas infinitesimais de poder que estão intimamente relacionados com a **produção de determinados saberes – sobre o criminoso, a sexualidade, a doença, a loucura, etc.** – e analisar como esses micro-poderes, que possuem tecnologia e história específicas, se relacionam com o nível mais geral do poder constituído pelo aparelho de Estado” (p. 13). Depois, coloca a questão do poder como *prática* ou *relações de poder*: “Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. (...) nada está isento de poder. (...) É o diagrama de um poder que não atua do exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial, capitalista”. (p. 16-17).

O saber autocrático conduziu Édipo tanto ao cume do poder quanto à sua ruína. O “olhar autocrático do Tirano”, conforme Foucault (1974), trai Édipo e o lança na armadilha de descobrir, por ele mesmo, que foi o único culpado do declínio da *polis*, pois se julgou o único que saberia ver a solução.

Ao Édipo cego pela inconsciência da psicanálise, pelo esquecimento e pelo não-saber, Foucault (1974) opõe um Édipo que via demais, que sabia demais e que podia tanto que acabou **cego pelo poder**. O autor argumenta que

Édipo representa na peça de Sófocles um certo tipo do que eu chamaria saber-e-poder, poder-e-saber.” (...) “O saber edípiano, o excesso de poder, o excesso de saber foram tais que ele se tornou inútil; o círculo se fechou sobre ele, ou melhor, os dois fragmentos da tésseira se ajustaram e Édipo, em seu poder solitário, se tornou inútil. Nos dois fragmentos ajustados a imagem de Édipo se tornou monstruosa. Édipo podia demais por seu poder tirânico, sabia demais em seu saber solitário. Neste excesso, ele era ainda o esposo de sua mãe e irmão de seus filhos. Édipo é o homem do excesso, homem que tem tudo demais, em seu poder, em seu saber, em sua família, em sua sexualidade. Édipo homem duplo, que sobrava em relação à transparência simbólica do que sabiam os pastores e haviam dito os deuses. (FOUCAULT, 1974, p. 48)

Essa discussão leva Foucault (1974) afirmar que, na origem da sociedade grega do século V a.C. e, por consequência, na origem da civilização ocidental, a unidade poder-*saber* e *saber*-poder foi desmantelada. Para o autor, o Édipo de Sófocles representa o ponto de eclosão em que o homem do poder passa a ser o homem da ignorância, da inconsciência, do esquecimento e da obscuridade; o homem da neutralidade do poder, do poder isento de *saber*, do *não saber*. Em suas palavras,

O Ocidente vai ser dominado pelo grande mito de que a verdade nunca pertence ao poder político, de que o poder político é cego, de que o verdadeiro saber é o que se possui quando se está em contato com os deuses ou nos recordamos das coisas, quando olhamos o grande sol eterno ou abrimos os olhos para o que se passou. Com Platão, se inicia um grande mito ocidental; o de que há antinomia entre saber e poder. Se há o saber, é preciso que ele renuncie ao poder. Onde se encontra saber e ciência em sua verdade pura, não pode mais haver poder político (FOUCAULT, 1974, p. 50-51).

Argumenta, assim, que o oposto do homem da ignorância, da inconsciência, do esquecimento, da obscuridade, da neutralidade do poder, do poder isento de saber (conhecimento, estratégia, segredo) é o homem do **poder-saber**: aquele que ocupa o poder por *saber* assim *como Édipo*, o que é uma metáfora para a questão colada, diferenciando-se do outro tipo de SABER que Foucault postula como resultado-

conceito de suas pesquisas e análises, especialmente na fase arqueogenealógica: saber sobre o criminoso, a sexualidade, a loucura, etc., ou seja:

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico (o saber da psiquiatria, no século XIX, não é a soma do que se acreditava fosse verdadeiro; é o conjunto das condutas, das singularidades, dos desvios de que se pode falar no discurso psiquiátrico); um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso (neste sentido, o saber da medicina clínica é o conjunto das funções de observação, interrogação, decifração, registro, decisão, que podem ser exercidas pelo sujeito do discurso médico); um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam (neste nível, o saber da história natural, no século XVIII, não é a soma do que foi dito, mas sim o conjunto dos modos e das posições segundo os quais se pode integrar ao já dito qualquer enunciado novo); finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (assim, o saber da economia política, na época clássica, não é a tese das diferentes teses sustentadas, mas o conjunto de seus pontos de articulação com outros discursos ou outras práticas que não são discursivas). Há saberes que são independentes das ciências (que não são nem seu esboço histórico, nem o avesso vívido); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma. (FOUCAULT, 1969, p. 204-205).

No sentido de chegar ao *poder* por *saber*, o autor trata de **um determinado saber** ou **saber eficiente (mais eficiente que o dos demais)**, **saber** que um indivíduo deve possuir (uma habilidade e uma estratégia, portanto) – **para alçar ao poder como herói**. De igual modo, o PODER (categoria) de que trata o autor não deve ser entendido como o poder do senso comum ou concepções teóricas outras (marxista-althuseriana, por exemplo). Trata-se também do centro do poder político, mas é algo mais amplo. No sentido postulado pelo autor, não devemos

tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (...) Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos (FOUCAULT, 1979, p. 183)

Defende, dessa forma, ao comentar o texto de Sófocles, que *o mito de que onde há “poder” não pode haver “saber” (no sentido de habilidade, estratégia, etc., ou seja, no sentido da metáfora que o Édipo o inspira) e vice-versa deve desaparecer*, em suas palavras,

Esse grande mito precisa ser liquidado. Foi esse mito que Nietzsche começou a demolir ao mostrar, em numerosos textos já citados, que por trás de todo saber, de todo conhecimento, o que está em jogo é uma luta de poder. O poder não está ausente do saber¹², ele é tramado com o saber (FOUCAULT, 1974, p. 51).

Ao analisarmos o *corpus* desta pesquisa, verificamos que Hugo Chávez encontra-se **subjetivado**¹³, **no sentido de Foucault (1969)** nas páginas de *Veja* especificamente nesta posição de *Tirano*, da mesma forma que o Édipo, os demais tiranos gregos dos séculos VII e VI A.C., e os sofistas, que dominavam o cenário político da antiguidade tanto pelo poder que exerciam como pelo saber (conhecimento, instrução, oratória, sobretudo: capacidade de persuasão) que possuíam.

A posição de sujeito que aparece em funcionamento nas formulações linguísticas das matérias de *Veja* indica que Chávez experimentou uma sorte cheia de altos e baixos até a ascensão ao poder. Nessa posição ele é subjetivado como um herói que representa a luta contra a corrupção, a pobreza e o fracasso econômico (matando a “esfinge”) e

¹² Poderíamos suscitar tal questão, por exemplo, em relação a ciência, na medida em que o *saber científico* (no sentido de um conhecimento) ou a instrução diferenciada de determinados indivíduos condicionam sua subjetivação em lugares de funcionamento neste jogo/ luta pelo poder-saber, neste jogos de verdade. Salientamos que este processo é sobretudo *inconsciente*, na medida em que o indivíduo que se subjetiva neste(s) lugar(es) de funcionamento *não escolhe “estar ali”*, pois trata-se de uma questão de ordem constitutiva. Sobre este aspecto constitutivo, Orlandi (1999), com base em Pêcheux (1975), esclarece que: Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (p. 48-49).

¹³ O termo “subjetivado”, de subjetivação, é empregado como categoria operacional para demonstrar um *lugar em funcionamento* no sentido de Foucault, assim como o “assujeitamento” estaria para a AD. Eni P. Orlandi (1999) dirá a este respeito que: “todos esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos **formações imaginárias**. Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição”. (...) “Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições. E isto se faz de tal modo que o que funciona no discurso não é o operário visto empiricamente mas enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias. Daí que, na análise podemos encontrar, por exemplo, o operário falando do lugar do patrão.” (p. 40-41).

reerguendo a sua *polis*, a Venezuela. Assim, pelo seu conhecimento (sua estratégia, habilidade, sua capacidade de “solucionar crises”, o que também não pode ser tomado somente no sentido de instrução/erudição/estudo), pelo *saber eficaz* que só ele detém (sendo que outros também podem/precisam deter para ocupar esta posição), chega ao poder pelo saber e por saber chega ao poder como herói.

Ressaltamos que, apesar do tom argumentativo, tal observação não implica trazer o indivíduo, o sujeito pragmático, para o interior do trabalho. Antes, é reconhecer a existência do lugar discursivo do *Tirano*, ou seja, do lugar de quem “por saber chega ao poder como herói”.

A “autocracia” no *saber* e no poder também pode ser identificada em formulações em que Chávez aparece subjetivado numa posição esquerdista/comunista, lembrando e retomando o golpe frustrado de fevereiro de 1992 e a ditadura do proletariado com a tomada do poder à força (à moda revolucionária armada).

O jogo entre *saber e poder* pode ser observado em formulações linguísticas que mostram a eleição de Chávez justificada pela sua promessa de resolver os problemas do país. Em outras formulações, identificamos em funcionamento a posição em que ele *soube* apresentar um caminho para sair de uma situação complicada/incômoda, daquele que *soube* com o golpe (ainda que fracassado) no passado, representar no imaginário coletivo do povo a imagem do herói que chega para liquidar com a corrupção, com o elitismo, com a pobreza, má distribuição de renda etc.; do homem de poder-saber e de saber-poder da Venezuela, como podemos ver nas análises.

Para mostrar o funcionamento, na discursividade de *Veja*, da posição de sujeito em que Chávez é subjetivado como um *tirano*, faremos, a seguir, análise de formulações pictóricas e de formulações linguísticas da edição de *Veja*, n. 1577 de 16/12/1998. Vejamos, primeiramente, as imagens que aparecem na referida edição, apresentadas nas figuras 1, 2, 3 e 4:



Figura 1. *Veja*, edição n. 1577 de 16/12/1998, p. 68



Figura 2. *Veja*, edição n. 1577 de 16/12/1998, p. 68-69



Figura 3. *Veja*, edição n. 1577 de 16/12/1998, p. 69



Figuras 4.a. (à esquerda) e 4.b. (à direita). *Veja*, edição n. 1577 de 16/12/1998, p. 70

No índice dessa edição, situado na página 7, o título da matéria é “Venezuela. Golpista Fracassado, Chávez chega à presidência”. O texto da parte do interior da matéria, distribuído nas páginas 68 a 70, encontra-se ilustrado por fotos que retratam: alguns populares, principalmente mulheres e crianças, utilizando uma boina vermelha (Figura 1. p. 68); o presidente Hugo Chávez, vestido de terno e gravata de cores claras, sorrindo e acenando ao povo, próximo a um automóvel – como se fosse nele entrar – sendo ovacionado pelo público retratado por punhos cerrados e erguidos em clima de festa (Figura 2. p. 68-69); militares em posição de combate na ocasião do episódio da invasão armada do palácio Miraflores com um corpo ferido/baleado ao lado, deitado ao chão (Figura 3. p. 69); uma plataforma de extração de petróleo próxima ao mar (Figura 4.a. p. 70); e, na última delas, uma favela da cidade de Caracas, com casas em tijolinhos/blocos vermelhos, sem reboco ou acabamento externo, umas amontoadas em cima das outras, contrastando com edifícios e construções suntuosas ao fundo (Figura 4.b. p. 70).

Ao lado destas fotos, as formulações linguísticas que as acompanham são: “Partidários do ex-coronel com as boinas vermelhas do golpe: cansados de pobreza” (Figura 1. p. 68-69); “Chávez na versão terno e gravata e as vítimas da tentativa de depor o presidente Andrés Pérez em 1992: discurso moderado depois da campanha inflamada” (Figuras 2 e 3. p. 68-69); e, finalmente, “Mesmo nos anos 70 e 80, quando um barril de petróleo venezuelano estava em alta, as favelas nos morros, ou ranchos (ao lado), já marcavam a paisagem de Carácas. Apesar de subsídios à gasolina e fartura de empregos públicos, quatro em cada cinco venezuelanos vivem na pobreza. Com a queda

do preço do petróleo nesta década, a economia encolheu, a inflação disparou e o desemprego ultrapassou a marca de 11%” (Figuras 4a e 4b. p. 70).

Concordamos com Freund (1995), quando diz no seu *Fotografia e Sociedade* que “A objetividade da imagem é apenas uma ilusão, e as legendas que a comentam podem alterar totalmente a sua significação” (p.154)¹⁴. A fotografia, os desenhos e ilustrações, até mesmo os *slogans*, adquirem novos significados à medida que sua utilização se insere em contextos distintos. Em se tratando de mídia impressa o que mais aparece é a combinação de elementos escritos imagéticos para produção de sentido, podendo ser constado o mesmo na utilização e reprodução de filmes pela mídia televisiva, e ainda no recorte de falas (a fala de um político, por exemplo) para apropriação por uma ou outra emissora de rádio.

No texto central da matéria, como indicado a seguir, o título, subtítulo e primeiros parágrafos situam historicamente os leitores acerca do golpe de 1992, do político e das circunstâncias em que ascende ao poder:

VITÓRIA DA BOINA. Voto de protesto leva ex-coronel Chávez, golpista fracassado, à Presidência. A madrugada de 4 de fevereiro de 1992 está marcada na memória dos venezuelanos. Nessa data, o tenente-coronel Hugo Chávez, à frente de uma tropa de pára-quedistas, com suas características boinas vermelhas, tentou derrubar o governo do presidente Carlos Andrés Pérez. O objetivo da soldadesca sublevada era invadir o palácio presidencial de Miraflores, assassinar o mandatário — ele só sobreviveu porque o soldado que o teve na alça de mira não teve coragem de disparar — e, depois, instalar um regime vagamente definido como nacionalista. Sem adesão militar em massa, Chávez e seus seguidores acabaram por se render, deixando nas ruas de Caracas mais de duas dezenas de mortos, entre militares e civis. Na semana passada, *El Comandante* conquistou nas urnas o direito de voltar ao Miraflores pela porta da frente. Numa trajetória espetacular de golpista frustrado (passou dois anos preso e foi anistiado) a político populista, ele elegeu-se presidente com 56% dos votos. Com Chávez estavam de volta as boinas vermelhas, mas dessa vez usadas pela multidão de civis entusiasmados com a promessa de purgar, com mão firme de soldado, o país de suas mazelas, incluindo aí os políticos tradicionais. O currículo de golpista comprovado e as promessas de campanha mais do que autorizam o receio de que no pacote boina vermelha esteja embutida a determinação de rasgar a Constituição e se declarar pai da pátria, à moda dos caudilhos que pontuam o passado da América Latina.

Para se ter uma idéia de como as coisas vão mal na Venezuela, durante toda a campanha Chávez, em vez de disfarçar, usou insistentemente a memória do golpe fracassado. Não é nada difícil, lá ou em países similares, capitalizar a frustração popular com uma elite política notoriamente corrupta e uma

¹⁴ No capítulo “*A fotografia como instrumento político*”, a autora tece tal comentário ao analisar como fotografias suas da Bolsa de Paris, em uma série intitulada “Instantâneos da Bolsa de Paris” que, utilizadas por dois jornais, um belga e outro alemão, foram tomadas para ilustrar matérias totalmente distintas: “*Alta na Bolsa de Paris, as ações atingem um preço fabuloso*” e “*Pânico na Bolsa de Paris, as fortunas abatem-se, milhares de pessoas estão arruinadas*”, respectivamente.

economia ladeira abaixo. Duro é que tenha emplacado com tanta facilidade, num país onde a democracia tradicional funcionou nos últimos quarenta anos enquanto a noite das ditaduras baixava sobre os vizinhos ao sul. Da cor mestiça do povão, simpático, Chávez sempre foi um sucesso de público. Soube atrelar, com habilidade, sua imagem às idéias nacionalistas de Simon Bolívar, o herói venezuelano que libertou da Espanha parte da América do Sul. Sem apoio dos partidos tradicionais, o dinheiro de grandes empresários, ou a companhia de celebridades, martelou a perigosa idéia de que a democracia "tradicional" não se mostrou à altura do desafio de reduzir a corrupção, a criminalidade e o abismo entre ricos e pobres. Num país como a Venezuela, com um dos piores índices de pobreza do continente contraditoriamente plantado sobre as maiores reservas de petróleo do hemisfério, é fácil entender o entusiasmo despertado pela proposta de recomeçar do zero, mesmo que isso signifique instaurar um regime autocrata (Veja, edição n. 1577 de 16/12/1998, p. 68-69).

Nessa matéria, Hugo Chávez é retratado como um político de origem militar e amparado no militarismo esquerdista/comunista, o que está materializado nas formulações linguísticas: “vitória da boina”; “o objetivo da soldadesca sublevada”; “*El comandante* conquistou nas urnas o direito de voltar ao Miraflores pela porta da frente”, “com a promessa de purgar, com mão firme de soldado, o país de suas mazelas”; “o currículo de golpista comprovado”; “se declarar pai da pátria, à moda dos caudilhos que pontuam o passado da América Latina”; “Da cor mestiça do povão, simpático, Chávez sempre foi um sucesso de público. Soube atrelar, com habilidade, sua imagem às idéias nacionalistas de Simon Bolívar, o herói venezuelano que libertou da Espanha parte da América do Sul”.

O uso destas expressões enfatizando, por meio de jogos de linguagem, as características de Chávez e a forma como assume o poder (fazendo alusões a um certo esquerdismo, a um militarismo e a um populismo¹⁵ do presidente eleito, e alertando para os riscos de um governo autocrata e antidemocrático naquele país, à moda de alguns

¹⁵ No contexto político-social da América Latina, o termo populismo é tomado como característica de determinados governos no século XX ligados à sociedade de massa. O termo **populismo** é utilizado para designar um conjunto de movimentos políticos que se propuseram colocar, no centro de toda ação política, o povo enquanto massa em oposição aos (ou ao lado dos) mecanismos de representação próprios da democracia representativa. Exemplos típicos são o populismo russo do final do século XIX, que visava transferir o poder político às comunas camponesas por meio de uma reforma agrária radical ("partilha negra"), e o populismo americano dos EUA da mesma época, que propunha o incentivo à pequena agricultura pela prática de uma política monetária que favorecesse a expansão da base monetária e o crédito (bimetalismo). Historicamente, no entanto, o termo **populismo** acabou por ser mais identificado com certos fenômenos políticos típicos da América Latina, principalmente a partir dos anos 1930, estando associado à industrialização, à urbanização e à dissolução das estruturas políticas oligárquicas, que concentravam firmemente o poder político na mão de aristocracias rurais. Daí a gênese do populismo, no Brasil, estar ligada à Revolução de 1930, que derrubou a República Velha oligárquica, colocando no poder Getúlio Vargas, que viria a ser a figura central da política brasileira até seu suicídio em 1954 (publicado em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/ideologias6.htm>).

exemplos totalitaristas/comunistas ao longo da história), indicam que está em funcionamento a posição de sujeito de *Tirano* em que Chávez aparece subjetivado.

Mais adiante, na página 70, identificamos no texto formulações sobre a nova vestimenta de Chávez (terno e gravata) e sobre as políticas que implementará, retomando sua boina e, por meio do silenciamento, suas vestimentas militares.

Ao mesmo tempo, de um lado, o texto presentifica o tema político quando fala de *moderação* e de *honrar (não desonrar)* compromissos político-econômicos:

Eleito, Chávez surpreendeu no figurino de estadista. De terno, gravata e sem boina, começou a apagar incêndios. Não, não vai decretar moratória. Pretende uma renegociação da dívida, "como no Brasil". Também não vai rever privatizações já negociadas. Dá boas-vindas aos investidores estrangeiros. A reforma da Constituição será decidida em plebiscitos convocados logo após a posse, em fevereiro. Palavras duras mesmo foram para os corruptos, tema muito sensível aos venezuelanos. Só nesta década eles viram fugir do país financistas levando dinheiro de correntistas de um banco falido e um presidente, Andrés Pérez, destituído e preso por causa do desvio de 17 milhões de dólares. Os beneficiários das falcatruas continuam à solta no exterior, e o ex-presidente obteve imunidade ao ser eleito senador no mês passado. Os escândalos bilionários são tão comuns que um best-seller permanente é O Dicionário da Corrupção na Venezuela, antologia das maiores roubalheiras (*Veja*, edição n. 1577 de 16/12/1998, p. 70).

O abrandamento de Chávez chegou ao ponto de provocar autocomparações, adivinhem só, com o inglês Tony Blair e sua "terceira via". Os Estados Unidos, que já lhe negaram visto, mandaram cumprimentos. Um enviado americano qualificou-o de aberto ao diálogo, além de "extremamente educado", apesar de "pouco sofisticado". A Bolsa de Valores de Caracas bateu um recorde de alta na terça-feira. "Muita gente está surpresa porque esperava encontrar um gorila, mas ocorre que somos tão racionais quanto qualquer pessoa", diz Chávez, confundindo-se com os pronomes. O presidente eleito será um gorila de boina vermelha ou uma nova versão do argentino Carlos Menem, que no poder muda totalmente de rumo? Em qualquer dos dois extremos, é de esperar muitas surpresas (*Veja*, edição n. 1577 de 16/12/1998, p. 70).

Por outro lado, o texto presentifica, por meio da comparação com Tony Blair, uma posição política de esquerda autoritária/ radical, pois a expressão “adivinhem só”, ao mesmo tempo que é usada para aproximar os personagens, marca uma posição de distanciamento, especialmente porque ao dizer que ele *não decretará a moratória, nem reverá privatizações etc.*, relembra a possibilidade de isso acontecer, caso contrário nada seria dito a este respeito.

As formulações também retomam as questões da corrupção e da malversação dos recursos públicos pelos políticos da Venezuela, ao lembrar que o ex-presidente Andrés Pérez teria sido deposto e preso após escândalo envolvendo o desvio de 17

milhões de dólares dos cofres do país, subjetivando-o neste lugar de corrupção e ilegalidade.

No caso de Chávez, a idéia de ética à moda da Antiguidade Clássica no que diz respeito à *res publica* (coisa pública), é retomada, mexendo com o imaginário do leitor, desestabilizando/estabilizando sentidos em relação ao tema da ética em Chávez e da não-ética em relação aos que lhe antecederam, interpelando o leitor sobre a credibilidade desta fala do presidente, como se interrogasse: “podemos realmente acreditar que isso é verdade?”.

No final da matéria, aparece um quadro em destaque (figura 5.) – denominado “A sedução do populismo” – com fotos de Alberto Fujimori e Hugo Banzer, respectivamente ex-presidentes de Peru e da Bolívia:



Figura 5. *Veja*, edição n. 1577 de 16/12/1998, p. 70

No quadro apresentado na figura 5, Fujimori e Banzer são relacionados a Chávez, que é apresentado como sendo mais um caso da utilização da estratégia de populismo para chegar ao cargo máximo do executivo pelas eleições diretas. Em relação a Fujimori, a comparação encontra-se materializada na seguinte formulação: “golpista que faz sucesso nas urnas”. Na formulação, Fujimori também é tratado como aquele que “inaugurou o estilo autogolpe, fechando o Congresso em 1992, sob o aplauso entusiasmado da maioria dos peruanos”. Sobre Banzer, por sua vez, há a seguinte formulação: “com a promessa de redimir a Bolívia com seus modos de militar mandão, o general Hugo Banzer, ditador entre 1971 e 1978, foi reconduzido ao poder por livre e espontânea vontade dos eleitores”. Nas diferentes formulações, há um encontro de uma atualidade e de uma memória, no sentido de Pêcheux (1983b). Outros governantes

subjetivados num lugar de populismo/oportunismo e de sede pelo poder são lembrados, A posição de sujeito de **Tirano** encontra-se, pois, em funcionamento tanto em relação a Chávez quanto em relação aos demais atores políticos retomados.

No mesmo quadro, é apresentada a seguinte formulação linguística: “Às vésperas do ano 2000, o tempo dos caudilhos de espada na mão se recusa a sair de moda na América do Sul.” (Veja, edição n. 1577 de 16/12/1998, p. 70). Tal formulação atualiza o saber sobre Caudilhismo, no sentido dos grandes líderes carismáticos que surgiram no início do século XIX na América do Sul revolucionária. Identificamos, assim, o funcionamento de um lugar de sujeito de populismo heróico e de esquerdismo libertador em relação ao personagem Chávez.

Na edição 1610 de *Veja*, de 11/08/1999, o índice anuncia uma reportagem sobre a Venezuela denominada “Hugo Chávez tem poder total”. No interior da edição, página 53, a matéria “O poder moral” diz que “Chávez faz demagogia e adia medidas concretas”. Vejamos as formulações iniciais e finais da matéria

Na recente mania de reeleição que tomou conta da política sul-americana, os presidentes pelo menos tentaram mostrar serviço antes de fazer planos de espichar a permanência no poder. Hugo Chávez, da Venezuela, nem sequer isso. Há apenas seis meses no governo, ele propôs oficialmente na quinta-feira passada que seu mandato passe de cinco para seis anos, com direito a repetir a dose. Foi uma das contribuições do coronel, que tentou dois golpes de Estado no início da década, para a Assembléia Constituinte eleita no último dia 25, na qual a coalizão de partidos que o apóiam obteve uma estonteante maioria de 121 das 131 cadeiras.

A questão é saber até quando Chávez conseguirá manter-se intocável sem encarar de frente os problemas que realmente afligem a população. Desde o início do ano, 500.000 desempregados engrossaram estatísticas em torno de 20% e os investidores estrangeiros continuam passando ao largo da Venezuela, em parte porque o presidente se inflama em discursos nacional-populistas e não parece tão convicto quando acena para o mercado global. À frente de uma economia dependente do petróleo, e de seus preços declinantes, Chávez precisará de apoio urgente vindo de fora. Seus eleitores terão razão se se sentirem enganados (*Veja*, edição n. 1610 de 11/08/1999, p. 53).

Estas formulações indicam que Chávez se aproveita da eleição majoritária dos seus partidários e aliados para composição da Assembléia Constituinte, para **centralizar o poder**, para propor o aumento de mandato presidencial de 5 para 6 anos com direito à reeleição, e para suprimir a oposição partidária ao seu governo. Assim, encontramos em funcionamento aqui uma **característica da posição de sujeito do Tirano**, que pretende se manter no poder além daquele período para o qual fora originariamente eleito. Essa

característica da tirania é marcada notadamente pela menção a dois golpes militares e pelo uso da expressão *coronel*, retomando a primeira edição analisada.

Destacamos o fato de nessa matéria identificarmos formulações que indicam terem sido dois golpes de estado, ao contrário da primeira reportagem em que há indicação de ter sido apenas um golpe, aquele da madrugada de 04/02/1992. *Veja*, ao tratar do tema da **centralização do poder**, alterou um dado anterior de suas Edições (que mencionavam apenas um golpe), fazendo-o, entretanto, sem provimento de informações mais detalhadas no texto, e, em consequência, o efeito de sentido é que Chávez é marcado numa posição de militarismo, de autoritarismo e de arbitrariedade.

Na segunda parte do texto, identificamos a característica populista que funciona na posição de sujeito do Tirano, tanto em “*A questão é saber até quando Chávez conseguirá manter-se intocável sem encarar de frente os problemas que realmente afligem a população*” quanto em “os investidores estrangeiros estão repelidos *em parte porque o presidente se inflama em discursos nacional-populistas e não parece tão convicto quando acena para o mercado global*”. No primeiro caso, a ênfase dada pelo termo “realmente” indica que Chávez está/estaria se desvirtuando dos verdadeiros problemas da Venezuela e que seu governo possui algo de “faz de conta” em relação ao país, não transmitindo segurança política aos investidores estrangeiros. Ou seja, age/agiria de um lado como um **populista demagogo** dentro do território nacional e como um político (esquerdista?) dissimulado fora dos limites do território nacional. A expressão *manter-se intocável* indica um funcionamento discursivo de uma posição do típico **caudilho latino-americano**¹⁶, que se esconde em sua popularidade e em seu apoio popular.

¹⁶ O Caudilhismo é incorporado a este estudo como um fenômeno de ordem político-social ligado ao século XIX e a um contexto rural. A palavra **caudilho** (em espanhol, *caudillo*) refere-se a um líder político-militar no comando de uma força autoritária. Está comumente associada à América Latina do século XIX e início do século XX ou relacionado à época Franquista. O caudilhismo é um fenômeno cultural que primeiro surgiu durante o início do século XIX na América do Sul revolucionária, como uma forma de líder de milícia com personalidade carismática e um programa suficientemente populista de reformas genéricas a fim de auferir larga adesão, ao menos no início, das pessoas comuns. O caudilhismo eficaz sustenta-se em culto à personalidade. A raiz do caudilhismo assenta-se na política colonial espanhola de suplementar pequenas forças de soldados profissionais com vastas milícias recrutadas a partir de populações locais a fim de manter a ordem pública. Milicianos ocupavam postos civis, mas eram convocados em intervalos regulares para treinamento e inspeção. O salário pago pela Coroa era meramente nominal; a sua recompensa assentava-se no prestígio, sobretudo por causa do foro militar, que os isentava de certas taxas e tarefas comunitárias obrigatórias (compare-se com o corvée feudal), e, mais significativamente, de perseguição civil ou criminal. Longe das capitais coloniais, as milícias ficavam a serviço dos proprietários de terra. (publicado em: <http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/Caudilhos.pdf>).

Podemos verificar, ainda, a atualização do enunciado de *Chávez é tirano*, quando identificamos o funcionamento da característica de **demagogo**¹⁷ (etimologicamente: *demos* (povo) e *gogo* (guia, condutor), aqui tomado no sentido daquele que é hábil em conduzir o povo ao fim que [aquele quem conduz] deseja), através da expressão “*Seus eleitores terão razão se se sentirem enganados*”, na medida em que rememora e altera esta posição de sujeito, inscrevendo neste jogo de verdades sobre a política na América Latina um novo efeito de sentido em relação a Hugo Chávez: o de político manipulador.

Apesar do conceito de Tirania de Foucault (1974) se caracterizar, fundamentalmente, pela vontade deliberada do governante ou político em alcançar e se manter (a todo custo) no poder político (não significando isso, necessariamente, que seja um mal governante), é no **Príncipe de Maquiavel** (1532) que veremos sistematizado um código teórico de cunho pragmático para a conquista e manutenção deste poder frente ao povo (governados) e demais “príncipes” e Estados estrangeiros (demais governantes), visando à aplicação *in concreto* das regras de conduta ali

Segundo Voltaire Schilling, no texto *Os caudilhos no Rio Grande do Sul*, publicado em *Cadernos de História* do Memorial do Rio Grande do Sul: “O caudilho exerce um tipo de poder em sentido restrito. Sua dominação localiza-se em um grupo social determinado e pode estar fundamentada no costume ou tradição, na lei, na graça pessoal ou carisma. Em geral, o caudilho utiliza, como meios para obter essa dominação, o oportunismo político, militar ou religioso, meios econômicos especiais, qualidades peculiares como valor, audácia, poder de persuasão, inteligência, machismo, etc. e ainda o emprego de uma clientela mais ou menos numerosa que pode ser de diferentes classes e incluir desde grupos de camponeses em busca de proteção e ajuda até familiares e amigos, incluindo aqui relações de compadrio, e também, em alguns casos, a orientação de uma bandeira ou partidário político”.

¹⁷ Max Weber (1958 e 1946) discutirá a questão da demagogia. Em *Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída* o autor dirá que: “A opinião popular dos *literati* alemães desfaz-se rapidamente da questão concernente ao efeito da democratização: o demagogo ascendente a alta posição, e o demagogo bem sucedido é aquele que mais inescrupuloso se mostra no cortejar as massas. (...) É claro que a demagogia política pode conduzir a abusos impressionantes. Pode acontecer que um indivíduo dotado de simples retórica, destituído de intelecto superior e de caráter político, atinja uma posição vigorosa de poder.” (WEBER, 1958, p. 72-74). Em *Ensaio de Sociologia* dirá, ainda, que: “Em última análise, há apenas dois tipos de pecado mortal no campo da política: a falta de objetividade e – com frequência idêntica a ela, mas nem sempre – a irresponsabilidade. Vaidade, a necessidade de destacar-se pessoalmente no primeiro plano da forma mais clara possível, tenta fortemente o político a cometer um desses pecados, ou ambos. Isso ainda é mais exato no caso em que o demagogo é obrigado a contar com o “efeito”. Portanto, ele corre freqüentemente o risco de tornar-se um ator bem como o de ver com leviandade a responsabilidade das conseqüências de seus atos, passando a interessar-se apenas pela “impressão” que causa. A falta de objetividade tenta-o a lutar pela aparência atraente do poder, e não pelo poder real. Sua irresponsabilidade, porém, sugere que ele gosta do poder simplesmente pelo poder sem uma finalidade substantiva. (...) O “político do poder” pode conseguir efeitos fortes, mas na realidade seu trabalho não leva a parte alguma e não tem sentido” (WEBER, 1946, p. 139-140).

numeradas, de tal sorte que ao soberano que soubesse utilizá-las adequadamente estaria garantida a conquista e permanência no mais alto posto da nação¹⁸.

Embora a figura do Tirano estudada por Foucault (1974) não possua *necessariamente* a intenção de enganar, dissimular ou mentir para atingir os seus fins (exceto quando, no final do texto, faz referência aos Sofistas, mestres na arte de convencer), o Príncipe de Maquiavel, por sua vez, tem relação de dependência com as características acima, de modo que, para o autor, o bom príncipe, se quiser ser bem sucedido na arte de governar, deve, antes de mais nada, **ser mestre na arte de enganar seus súditos**. Em “O Príncipe”, Maquiavel faz uso regular de termos como “parecer ser Y”, “ter fama de X”, “ser considerado como Z” etc., quando fala do sucesso do governante, deixando claro que na (sua) concepção de política moderna, mais do que em qualquer outra época, a representação simbólica adquire papel central na construção da imagem do político.

No capítulo XVIII, intitulado “De que modo devem os príncipes manter a palavra dada”, o autor deste livro dos primeiros anos do século XVI e que é considerado um dos marcos editoriais iniciais do Renascimento, ao tratar das qualidades do Príncipe diz que:

O príncipe não precisa possuir todas as qualidades, bastando que aparente possuí-las. Antes, teria eu a audácia de afirmar que, possuindo-as e usando-as todas, essas qualidades seriam prejudiciais, ao passo que, aparentando possuí-las, são benéficas; por exemplo: de um lado, parecer ser efetivamente piedoso, fiel, humano, íntegro, religioso, e de outro, ter ânimo de, sendo obrigado pelas circunstâncias a não o ser, tornar-se o contrário. (...) devendo aparentar, à vista e ao ouvido, ser todo piedoso, fé, integridade, humanidade, religião. Não há qualidade de que mais se careça do que esta última. É que os homens, em geral, julgam mais pelos olhos do que pelas mãos, pois todos podem ver, mas poucos são os que sabem sentir. Todos vêem o que tu pareces, mas poucos o que és realmente, e estes poucos não têm a audácia de contrariar a opinião dos que têm por si a majestade do Estado. (...) Procure, pois, um príncipe, vencer e conservar o Estado. Os meios que empregar serão sempre julgados honrosos e louvados por todos, porque o vulgo é levado pelas aparências e pelos resultados dos fatos consumados, e o mundo é constituído pelo vulgo, e não haverá lugar para a minoria se a maioria não tem onde se apoiar (MAQUIAVEL, 1532, p. 102-103).

¹⁸ Não entraremos aqui no mérito da discussão que Foucault (1979) levanta no Capítulo XVII (Da Governamentalidade) da Microfísica do poder, acerca da diferença entre o que considera uma “doutrina do príncipe” ou “teoria jurídica do soberano” de Maquiavel, ao contrário de uma “arte de governar” em diversos textos produzidos a partir do século XVI até o final do século XVIII. Interessa-nos do Príncipe apenas esta noção de aparência, de *parecer ser algo*, do soberano em relação aos seus súditos.

Assim como no Príncipe, a noção de “necessidade de enganar ao governar”, de demagogia, também é concebida no “Arte da Mentira Política”, atribuído a Swift (1733) – porém, sendo incerta a sua autoria – segundo o qual, mentir para governar o povo e conduzi-lo ao bem, é (ou deveria ser) um tema de maior relevância na pauta dos políticos e de seus partidos.

Nesta perspectiva, do ângulo da análise que ora empreendemos, a posição de sujeito de Tirano é atualizada e associada à de demagogia (enganação do povo) para significar que Chávez recorreu/ recorre ao expediente da mentira unicamente com o objetivo de chegar e de se manter no poder. O que está em jogo o tempo todo é o mesmo enunciado do início, qual seja: **Chávez é um tirano**, cego pelo poder. Entretanto, a característica negativa do Tirano (como aquele que não quer perder ou largar o poder) no sentido de Foucault (1974) é que ganha mais visibilidade na materialidade da revista.

Na edição 1612 de 25/08/1999, a matéria da seção *Internacional*, intitulada “O novo Caudilhismo de Hugo Chávez” (p. 7), retoma a reportagem da edição 1610 numa nova matéria intitulada “**Chávez o Demolidor**” para dizer que:

Montado na Assembléia Constituinte, presidente agora investe contra Judiciário. O coronel Hugo Chávez vem comprovando que, num país pobre e em crise (e quantos não os há), não são necessários fuzis para triturar as instituições e os princípios democráticos. Ao presidente da Venezuela, basta a Assembléia Constituinte, auto-intitulada "soberaníssima". Na semana passada, os 131 eleitos para reescrever a Constituição, 121 deles partidários de Chávez, aprovaram decreto de emergência que, na prática, destitui de autoridade o Poder Judiciário. Todos os juízes, da Suprema Corte às primeiras instâncias, serão submetidos a avaliações, por comissões nomeadas pelo próprio monolito chavista, para decidir quem vai ou não permanecer em suas funções. Nesta semana, a Assembléia discutirá a dissolução parcial do Congresso, já em recesso voluntário, e os expurgos nos sindicatos (*Veja*, edição n. 1612 de 25/08/1999, p. 55).

Notamos nesta passagem, portanto, que o emprego das expressões: “demolidor”, “montado na Assembléia Constituinte”, “triturar as instituições e os princípios democráticos”, “na prática, destitui de autoridade o Poder Judiciário” e “monolito chavista” indicam o funcionamento da tirania de Chávez no que tange à esfera do político, do jurídico, à centralização do poder em suas mãos, e à sua obsessão em dissolver as outras forças democráticas nacionais institucionalizadas no âmbito do legislativo e judiciário: o congresso, os juízes de primeira instância e as cortes superiores.

Na edição 1614, de 08/09/1999, a matéria “**Chávez avança com tudo**” recebe o título de interior “**O trator avança**”. Nesta reportagem de duas páginas (p. 54-55), a discursivização se dá em torno de “O Congresso é fechado, a economia vai de mal a pior e Chávez se aproxima do ponto de ruptura”. Aqui, destaca-se o fato de que a Assembléia Constituinte, da qual 93% dos integrantes são aliados de Chávez, suspendeu temporariamente os poderes do Congresso Nacional e concentraram ainda mais poder nas mãos do Presidente. No início do texto, a formulação linguística: “*A Venezuela já passou do ponto sem retorno, da fronteira que a transformaria numa "ditadura eleita"? Do ponto de vista formal, pode-se dizer que sim. Ou, na hipótese mais otimista, está chegando perigosamente perto do limite*” chama a atenção para o fato de que o caminho político adotado na Venezuela parece ser irreversível.

Em oposição ao amplo apoio popular e dos Constituintes ao populismo/caudilhismo, essa matéria contrapõe (a exemplo da edição 1610) os baixos índices econômicos e sociais, **retomando com o elemento “heróico” que há na subjetivação de Tirano**, por meio da seguinte formulação: “*O desemprego está em torno de 20%, a economia deve registrar uma contração de 6% neste ano e, segundo Vicente Brito, "entre 70% e 80% das empresas estão operando com perdas". Até mesmo o preço do barril do petróleo, que havia dobrado desde fevereiro, deu sinais de queda depois da nomeação de Ciavaldini*”. Vemos em funcionamento um jogo com as noções de **Populismo Demagógico versus Popularidade Heróica** (dois aspectos da mesma posição de sujeito), para caracterizar o apoio popular de Chávez como uma balbúrdia nacional (quase babel, quase anarquia) e seu heroísmo como ineficaz/incompetente para sanar os problemas que envolvem a questão do desenvolvimento econômico da Venezuela. Nesse sentido as formulações também indicam o funcionamento de uma posição de sujeito que diz respeito ao povo nesse processo: este é subjetivado como inconseqüente e desconhecedor dos efeitos político-jurídicos danosos a que está sendo conduzido.

As imagens que aparecem na edição n. 1614, de 08/09/1999 reforçam a posição de sujeito materializada nas formulações linguísticas acima definidas, como podemos verificar abaixo:



Figura 6. *Veja*, edição n. 1614 de 08/09/1999, p. 54-55



Figura 7. *Veja*, edição n. 1614 de 08/09/1999, p. 55



Figura 8. *Veja*, edição n. 1614 de 08/09/1999, p. 55

Nesta edição, a reportagem é ilustrada por uma fotografia (figura 6) que apresenta manifestantes, em primeiro plano, de cuecas e boinas vermelhas, gritando palavras de ordem na rua. Em outra imagem, uma faixa erguida pela multidão, neste

mesmo cenário de rua e grades, ostenta o seguinte dizer: “CONSTITUYENTES, CLAUSUREMOS EL CONGRESO!” (Constituintes, fechemos o Congresso! – figura 7). E, finalmente, uma foto pequena na parte final da matéria mostra Chávez com fones de ouvido, falando diante de um microfone preto e vermelho num estúdio (figura 8).

As formulações linguísticas que seguem as fotos: “*Pelados com boina e apoio ao fechamento do Congresso: desejo de vingança contra os poderosos de outrora*” e “*Chávez: pregação no programa de rádio eletriza as massas*” (p. 55), retomam as formulações anteriores para indicar que Chávez, aproveitando-se de seu populismo, controla o povo pela oratória, inflamando-os e doutrinando-os ideologicamente (o que se encontra materializado pelo emprego do termo “*pregação*” em relação às falas públicas do Presidente – lembrando um extremismo político-ideológico quase que de cunho religioso), ao passo que o povo se porta de maneira irracional e cede a este artil do presidente, ao ponto de agir de modo contrário aos seus próprios interesses (aos interesses democráticos), pedindo o fechamento do Congresso. A semi-nudez dos manifestantes que, de cueca e boina vermelha, realizam protesto público, confere o tom de loucura, insanidade e anarquia a que são levados os populares atizados por Chávez. A expressão “*desejo de vingança contra os poderosos de outrora*” denota que o povo, movido pelo ódio às elites e aos antigos (e corruptos) governantes, deixa-se levar irracionalmente por Chávez, sem se dar conta de que está sendo enganado e cerceado em seus direitos civis. Nestas formulações, Chávez aparece representado como **populista-demagogo e o povo subjetivado na posição de sujeito que funciona como pessoas manipuláveis, sem consciência política, que seguem seus ímpetos ao sabor das aparências políticas, sem reflexão dos seus próprios atos** – características ideais de *uma população, ou de um grupo*, no populismo e no caudilhismo. Vê-se, portanto, duas posições de sujeito definidas: aquele em que Chávez é o *tirano* populista e, relacionada a ela, aquela em que o povo venezuelano é massa de manobra para os ideais do populismo chavista.

Na edição n. 1626 de 01/12/1999, a reportagem “A Constituição de Hugo Chávez” (p. 6 do índice e p. 68-69 do interior) discursiviza sobre a promulgação da nova Constituição Venezuelana que dá poderes para Hugo Chávez fechar o Congresso. A formulação “A lei de Chávez. Novo projeto de Constituição amplia os poderes e a permanência do presidente”, retoma a Tirania no seu aspecto negativo de “permanência no poder”. Não obstante, na parte final da reportagem, o elemento heróico deste

personagem é retomado, mais uma vez, nas formulações que relembram em que circunstâncias políticas se deu a sua eleição:

Logo depois de sua eleição, que arrancou do poder uma elite responsável por décadas de corrupção e desastres econômicos, Chávez deixou claro que seu objetivo ia muito além de um simples mandato presidencial. Aproveitando a enorme popularidade, ele conseguiu, com um plebiscito, convocar eleições para a formação da Constituinte. A população lhe deu 90% das cadeiras, e o novo órgão rapidamente calou o Congresso e o Judiciário. Os protestos de juízes e parlamentares foram em vão, e o apoio popular falou mais alto. A nova Carta, concluída em apenas três meses, metade do tempo previsto, é o resultado dessa trajetória e expõe o projeto político pessoal do neocaudilho. "A Constituição está ligada ao governo de Chávez", disse a *VEJA* o cientista político Luís Gomez, do Centro de Estudos de Desenvolvimento da Universidade Central da Venezuela. "Os constituintes não pensaram em um projeto de país de longo prazo." Para os membros da Assembléia, o que importa é que o presidente gostou. Para a Venezuela, a nova Constituição pode ser um símbolo de orgulho nacional, incorporando ao nome oficial do país o de Simon Bolívar, o herói da independência. Mas tudo, como antes, depende apenas de Chávez (*Veja*, edição n. 1626, de 1º de dezembro de 1999, p. 68-69).

Um aspecto recorrente nas matérias e reportagens analisadas é esta representação do herói enquanto elemento constituinte do *Tirano* em Chávez que aparecerá nas edições seguintes. O acontecimento sobre *em que condições (sociais, políticas e econômicas) ele foi eleito* não é esquecido e nem apagado das edições da revista analisadas.

Nas edições seguintes, a questão da centralização de poder por parte de Chávez continua sendo discursivizada, acentuando que o presidente joga com o irrestrito apoio popular e utiliza instâncias e instrumentos democráticos para acabar com a própria democracia, por meio de consultas à população em plebiscitos, votações na Assembléia ou diante das urnas.

A edição 1629 de 22/12/1999, que faz a retrospectiva de *Veja* durante o ano de 1999, noticia que Chávez apresentou o seu projeto de Constituição à população e mais de 72% dos votos no plebiscito por ele convocados aprovaram a nova lei. A matéria intitulada "A Lei da Boina" afirma que Chávez aprovou "em plebiscito a Carta que dá maior poder à Presidência e pode prolongar seu mandato". Segundo *Veja*,

O Ex-coronel pára-quedista que adotou a boina vermelha e a farda camuflada como símbolos, Chávez, vai apresentar-se mais uma vez como candidato à Presidência, cargo que pretende ocupar pelo menos até 2012. A nova Constituição eliminou o Senado, reduziu o controle civil sobre os militares e deu ao presidente poderes para dissolver a Assembléia Nacional em certas

circunstâncias. Além disso, aumenta o mandato presidencial para seis anos e institui a reeleição (*Veja*, edição n. 1629, de 22/12/1999, p. 41).

No final da reportagem, notamos que a formulação “Ninguém duvida da firmeza de seus propósitos – isto é, conservar-se no poder pelo maior tempo possível” (*idem*, p. 41) aparece associada às anteriores e inserida num *domínio de memória* em relação a Chávez, retomando a mesma posição de sujeito e, portanto, o mesmo enunciado: Chávez é um tirano.

Na edição 1649 de 17/05/2000, identificamos o funcionamento a mesma posição de sujeito que indica a tirania de Chávez na matéria *Democracia, pero no mucho*:

A figura mais fulgurante da tendência é o presidente Hugo Chávez, da Venezuela, que descobriu na via eleitoral um excelente instrumento para amearhar poderes ditatoriais. Eleito com grande maioria no ano passado, ele reescreveu a Constituição para recolocar em disputa todos os cargos eletivos, inclusive o seu, neste 28 de maio. O objetivo de Chávez é açambarcar a maior quantidade possível de cargos eletivos e tornar-se senhor absoluto do Executivo, do Legislativo, do Judiciário e das Forças Armadas (*Veja*, edição n. 1649 de 17/05/2000, p. 54-55).

Depois de quase um ano da promulgação da nova Constituição Venezuelana (dezembro/1999), *Veja* noticia na edição 1661 de 09/08/2000, a reeleição de Hugo Chávez para o cargo de Presidente. A posição de Tirano, preocupado com a permanência no poder, continua a ser materializada nas formulações, das quais destacamos as seguintes:

Nos dezoito meses em que está no comando da Venezuela, o coronel Hugo Chávez preocupou-se obsessivamente em pavimentar o caminho para garantir sua permanência no poder até 2012. A vitória folgada nas eleições presidenciais realizadas no último domingo, com 60% dos votos, representou um grande passo para a concretização desse projeto político de longuíssimo prazo. Chávez não tem mesmo medido esforços para chegar lá. Em pouco mais de um ano, convocou dois plebiscitos e duas eleições, sempre com o objetivo de aumentar e legitimar seu domínio (*Veja*, edição n. 1661 de 09/08/2000, p.52-53).



Figura 9. *Veja, Veja*, edição n. 1661 de 09/08/2000, p. 52-53

A imagem, apresentada na figura 9, ilustra a reportagem e ocupa quase a metade do campo visual das duas páginas que compõem a matéria. A imagem de Hugo Chávez aparece recortada em primeiro plano (ou seja, sem fundo), com rosto sério olhando para frente, vestindo terno preto, luvas brancas, camisa branca e gravata azul escura, adornado por um brasão e um colar com emblemas oficiais presidenciais, além de segurar firme com as mãos uma espada indicativa de cerimônia ou de rito oficial. A fotografia intitulada por *Veja* como: “*Mais seis anos de poder: desemprego e falta de investimento desafiam o coronel que quer governar até 2012*”, opera como uma formulação não verbal associada às demais formulações linguísticas do texto para reforçar o discurso da tirania de Chávez, como governante pomposo, seduzido por aquela aura de poder própria da chefia do executivo.

A edição n. 1731 de 19/12/2001 (p. 52-53) traz uma reportagem que aborda o crescimento da oposição ao regime chavista. Há o relato de uma greve de 12 horas, que se sucedeu à adoção de 49 decretos presidenciais criados por Chávez. As fotografias que acompanham o texto (abaixo representadas) reforçam o título e o subtítulo do interior da revista: “*Chávez enfrenta a contra-revolução*” e “*A população da Venezuela reage ao coronel que agora quer governar por decretos*”. O efeito de sentido desse jogo indica o presidente está/estaria mais autoritário do que nunca, editando leis à sua vontade, retomando àquela característica do Tirano segundo a qual ao governante não interessariam as leis da cidade, pois, quando em confronto com as sua vontade, esta deve prevalecer.



Figura 10. *Veja*, edição n. 1731 de 19/12/2001, p. 52-53



Figura 11. *Veja*, edição n. 1731 de 19/12/2001, p. 52-53

Nas formulações da matéria sobre as fotos acima, quais sejam: “*A manifestação montada a favor de Chávez e seu encontro com Fidel Castro: empresários, sindicalistas e estudantes preferiram a greve geral*” (figura 10), encontramos uma posição que indica uma divisão na população do país: de um lado, o público, que aparece retratado como aquele que compareceu ao encontro de Chávez com Fidel Castro, é tomado como massa de manobra; de outro lado, o público *livre* que *não se deixou montar no evento* e protestam contra os erros do governo na forma da greve geral. Além disso, identificamos a posição em que Chávez é associado a Fidel Castro (Cuba), na imagem indicada na figura 11 e na formulação: “*Entre derramados elogios a ditadores como Saddam Hussein e Fidel Castro*” (p. 53). A imagem dos presidentes vestidos de roupas militares (Chávez com sua característica boina vermelha) indicam uma Venezuela que se estreita com países de governo ditatorial e que cerceia as liberdades individuais.

As edições n. 1747 de 17/04/2002 e n. 1748 de 24/04/2002 narram conjuntamente a queda momentânea e o retorno de Chávez ao poder. A edição n.1747 é a primeira em que o tema de Chávez e da recente política da Venezuela ocupam um espaço, ainda que pequeno, na capa de *Veja* com o dizer: “*Venezuela: A queda do presidente fanfarrão*”. Esta edição utiliza as seguintes formulações para tratar da queda: “*Caos econômico e protestos derrubam governo na Venezuela*” (*Veja*, edição n. 1747

de 17/04/2002, p. 8); “O falastrão caiu” e “Multidões nas ruas e rebelião militar tiram Hugo Chávez da Presidência da Venezuela” (*idem*, p. 42). Segundo a materialidade repetível destas formulações, portanto, o insucesso de Chávez em solucionar os problemas sociais e a *desdemocratização* do país culminaram com uma manifestação popular massiva de 200.000 pessoas, convocadas por empresários e sindicalistas, que retirou o presidente do seu cargo.



Figura 12. *Veja*, edição n. 1747 de 17/04/2002, p. 42



Figura 13. *Veja*, edição n. 1747 de 17/04/2002, p. 44-45



Figura 14. *Veja*, edição n. 1747 de 17/04/2002, p. 45



Figura 15. *Veja*, edição n. 1747 de 17/04/2002, p. 45

A materialidade não-verbal das fotografias utilizadas na matéria, em que Chávez aparece: enxugando os olhos ou o suor da face com um lenço, como quem esteve a chorar ou desolado diante de uma platéia (figura 12 – “Chávez joga a toalha: retórica em excesso, pouco resultado”), e as outras em que aparece: de boina vermelha sobre uma picape branca percorrendo ruas, em atitude populista, acenando e cumprimentando uma multidão também usando boinas vermelhas (figura 13 – “Chávez faz festa com o povo”); sorrindo e jogando beisebol com Fidel, em momento de amizade e descontração (figura 14 – “Chávez joga beisebol com Fidel Castro, em Caracas”); e ao lado de Saddam Hussein em momento particular, dentro do carro deste último, onde a presença de motorista foi dispensada, para que Saddam pudesse guiar para Chávez (figura 15 – “Em aberto desafio aos Estados Unidos, o presidente visitou o ditador Saddam Hussein em Bagdá, a quem propôs aumentar o preço do petróleo”), retomam o já dito em outras edições, no que diz respeito ao lugar de fracassado (mal gerente da coisa pública), político populista e ditador (uma vez que pousa ao lado de outros ditadores sempre em ar de amizade e intimidade), utilizando formulações distintas, para, ao final, deixar entrever, no nível do discurso, que o enunciado sobre este personagem é o mesmo: Chávez é um tirano. A utilização do vocábulo “falastrão” caricaturiza a figura do presidente como aquele que é demagogo e que usou da mentira e da enganação para se manter na função.

Especificamente na Figura 12 acima referenciada, podemos identificar, de certo modo, um outro fenômeno importante no que diz respeito à imagem de Chávez limpando o rosto com a toalha: **a justaposição**. Freund (1995) postula que “um outro modo de alterar a significação das fotografias é a maneira de as justapor” (p.156).

Assim, tomando a justaposição como o ato de combinar duas ou mais imagens para produzir um significado, um sentido, sem necessidade até mesmo de se recorrer a

um texto auxiliar que as explique, verificamos que o contexto imediato em que Chávez leva a toalha ao rosto é suprimido pela superposição de um recorte branco, criando o efeito de vazio em segundo plano, colando em situação “ideal” um estado lamentável (de choro, de desolação, etc.) do modelo fotografado, conforme acima descrito. Olhando atentamente a figura, se percebêssemos que estivesse representado ao fundo um dia de calor – sol brilhando, céu limpo, local aberto, pessoas demonstrando tal sensação térmica, etc. – o efeito de sentido seria outro: Chávez limpa o suor do seu rosto. Contudo, não se trata aqui de julgar a manipulação de imagens pela mídia. De acordo com referencial teórico adotado, uma vez afastado/descartado o sujeito pragmático, somente nos interessa a produção de sentido: de que forma Chávez é posto em cena pela revista.

Na edição seguinte (1748 de 24/04/2002), *Veja* noticia o retorno de Hugo Chávez ao cargo presidencial em dois momentos – carta ao leitor e matéria de interior –, rotulando, na carta ao leitor, o acontecimento de alguns dias atrás como uma “*Vitória da Democracia*”:

Hugo Chávez voltou ao poder na Venezuela 48 horas depois de afastado por um movimento golpista ilegítimo que se aproveitou de uma insatisfação popular legítima. Pelos primeiros discursos e ações, o dirigente venezuelano reassumiu a Presidência da República um tanto melhor do que quando foi dela apeado pelas forças de oposição. Prometeu dialogar com as várias correntes de opinião que se opõem a suas idéias e não mais considerá-las simplesmente "traidoras da revolução bolivariana", como costumava dizer. Anunciou que deseja ser o presidente de todos os venezuelanos. É um avanço e tanto em se tratando de Chávez, um político autoritário, populista e falastrão, que se vinha portando cada vez mais como uma caricatura do ditador cubano Fidel Castro. Com todos os seus defeitos, Chávez foi eleito pelo povo e sua volta ao poder é um sinal positivo. Retomou-se a ordem constitucional na Venezuela. Isso é uma prova de solidez democrática na América Latina, que precisa tanto de previsibilidade, transparência e civilidade quanto os seres vivos precisam de ar (carta ao leitor – *Veja*, edição 1748 de 24/04/2002, p. 9).

Embora as formulações: *político, autoritário, populista, falastrão e caricatura de Fidel Castro* deslizem para o lugar de subjetivação da edição anterior em que Chávez é apresentado como um político mal sucedido e incompetente no sentido de resolver os problemas sociais, as formulações que tratam do golpe como movimento ilegítimo, ressaltando a sua eleição direta pela população como forma de legitimar o seu poder presidencial, são marcadas pela posição do herói-tirano cujos feitos fizeram-no ser conduzido ao poder pela vontade do povo, como guia e protetor.



Figura 16. *Veja*, edição 1748 de 24/04/2002, p. 9

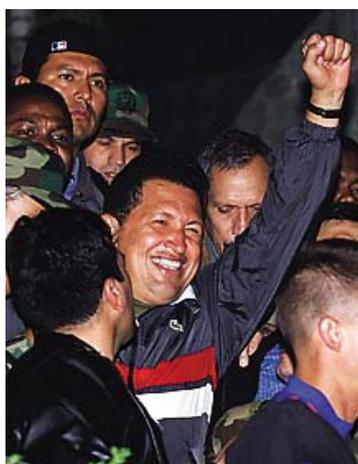


Figura 17. *Veja*, edição 1748 de 24/04/2002, p. 50

As principais imagens que ilustram a carta ao leitor e a matéria de interior são apresentadas na figura 16 (“Chávez com uma cópia da Constituição: os problemas ainda são os mesmos”): Chávez diante de alguns microfones – provavelmente numa entrevista coletiva –, em traje formal, segurando um exemplar impresso da Constituição da Venezuela, com um quadro (ou mural) de Simon Bolívar ao fundo em segundo plano; e na figura 17 (“Chávez, em seu retorno triunfal: o amigo de Fidel foi salvo pelos democratas”): Chávez à noite, usando um agasalho azul marinho com duas listras horizontais uma vermelha e outra branca, sorrindo, erguendo o punho cerrado, em meio a populares que estão posicionados bem próximos a ele, assim como militares ao fundo (no mesmo plano) que aparentam fazer a sua segurança.

A imagem da figura 16, cuja legenda é “Os problemas ainda são os mesmos”, aliada à representação pictórica de Chávez com a foto de Bolívar ao fundo, reforça o aspecto heróico-legítimo da Tirania, pois sua ascensão ao poder se deu pelo voto direto. Já a imagem da figura 17, que dá ênfase ao aspecto “triunfal” de retorno do presidente

(p. 50), o subjetiva no lugar de homem do povo, na medida em que a formulação pictórica contida na imagem é a de que *o povo reconduziu o seu presidente ao posto mais alto do poder na nação*.

A edição 1782 de 18/12/2002, por meio da matéria “*O coronel está cercado*” (p. 106-107), trata de uma “*Greve geral [que] exige a saída de Hugo Chávez, o presidente que queria revolucionar a Venezuela*” (Veja, edição n. 1782 de 18/12/2002, p. 107). Ao final da matéria, há um quadro comparando Chávez a outros três políticos, caracterizados como “populistas desastrados”:

POPULISTAS DESASTRADOS

O descrédito dos partidos tradicionais na América do Sul serviu de trampolim para a eleição de vários presidentes com promessas messiânicas, ao estilo de Hugo Chávez. Todos deixaram o cargo de forma tumultuada.

Abdalá Bucaram foi eleito presidente do Equador em 1996 como o candidato de protesto contra os mandachuvas tradicionais. Seu governo acabou em seis meses, em meio à corrupção e ao caos econômico. Nesse período, Bucaram gravou CDs de rock e fantasiou-se de Batman. Acabou deposto pelo Congresso, por "incapacidade mental", e refugiou-se no Panamá.

Alberto Fujimori elegeu-se no Peru, em 1990, como alguém "fora do sistema". Domou a hiperinflação e abriu a economia. Mas deu um autogolpe, fechou o Congresso e permitiu uma corrupção desenfreada e organizada pelo seu braço direito. Chegou a ser reeleito duas vezes. Mas, depois da comprovação de seu envolvimento em suborno de deputados e fraude eleitoral, exilou-se no Japão, em 2000.

Alan García, presidente do Peru entre 1985 e 1990. Eleito com um discurso esquerdista, declarou o calote da dívida externa como primeiro ato de governo. Sua administração foi desastrosa. Deixou como herança uma hiperinflação de 7 600% ao ano e um país atormentado pelos terroristas do Sendero Luminoso. Exilou-se por dez anos entre a Colômbia e a França (Veja, edição n. 1782 de 18/12/2002, p. 108).

Nesta passagem, a formulação “eleição de vários presidentes com promessas messiânicas, ao estilo de Hugo Chávez” subjetiva Chávez como aquele que enganou a população com o objetivo de chegar ao poder, uma vez que a expressão “promessas messiânicas” remete àquilo que é impossível (ou quase impossível) de ser concretizado, e que serviu apenas de engodo para atrair o carisma e os votos do povo. Vemos, portanto, que a posição de sujeito em que Chávez é um demagogo é evocada para indicar que a posição de sujeito que está funcionando em relação à Chávez continua a ser a de tirano, que se utiliza do artifício de mentiras para alcançar/ manter o poder.

Outras edições se seguem nessa mesma direção, contendo diferentes assinaladas formulações pela mesma posição de sujeito, e, portanto, pelo enunciado *Chávez é um tirano*. Entretanto, nenhuma delas chama tanto a atenção quanto às formulações verbais

e não verbais das capas da revista, onde todo um jogo de efeitos de sentido criado por meio da manipulação de cenários, imagens e dizeres, estabelece uma nova forma de tratar este personagem nas páginas de *Veja*, mexendo com os sistemas de verdade que permeiam a figura Chávez e o que ela representa

A edição 1903 de 04/05/2005 traz a primeira capa de *Veja* onde todos os espaços são dedicados integralmente à Chávez desde a sua ascensão ao poder em 1999:



Figura 18. *Veja*, Edição 1903 de 04/05/2005, capa



Figura 19. *Veja*, Edição 1903 de 04/05/2005, p. 6



Figura 20. *Veja*, Edição 1903 de 04/05/2005, p. 152-153

A imagem da capa, apresentada na figura 1, é uma fotografia frontal retratando uma expressão facial que é um misto de seriedade, desprezo e obstinação, pois o olhar fixo de Chávez parece alcançar o infinito. As roupas vermelhas (casaco e boina militar) autorizam relacionar aquele que os vestem com alguém ligado a alguma ideologia de esquerda. Tal conclusão é reforçada pelo título da edição, qual seja: “*Quem precisa de um novo Fidel?*”. Mais adiante, os dizeres do índice caracterizam o personagem em destaque como “ameaça” para toda a América Latina, através dos textos citados: “*Chávez: um risco para toda a América Latina*” e “*Chávez: Presidente Venezuelano desestabiliza a América Latina*”.

A imagem apresentada na **figura 19** retoma o aspecto do autoritarismo e da autocracia do Tirano. Nela Chávez vestindo roupas vermelhas e boina vermelha aponta e dá uma ordem ao mesmo tempo – o que vale é o seu desejo e sua vontade na direção da nação.

Além disso, a imagem apresentada da **figura 20**, intitulada “O PATRONO. Fidel e Chávez: o dinheiro e o petróleo venezuelanos estão permitindo a Fidel endurecer ainda mais a ditadura cubana”, subjetiva Chávez como ditador, aliado de Fidel Castro, que é subjetivado como o ditador que tem permanência vitalícia no poder de Cuba. Na formulação “o dinheiro e o petróleo Venezuelano estão permitindo a Fidel endurecer ainda mais a ditadura cubana” funciona uma posição em que Chávez é aquele que não cuida do dinheiro público de seu país, é corrupto e quer se manter no poder a todo custo e por todos os meios, inclusive ajudando e se irmanado com quem procede da mesma maneira. Nesta imagem, a parceria de Chávez e Fidel retoma e reatualiza o mesmo efeito de sentido da imagem da figura 11 (*Veja*, edição n. 1731 de 19/12/2001, p.52-53),

mencionada anteriormente neste trabalho, com a diferença de que desta vez quem aponta com o dedo é Fidel Castro [ao passo que na figura 11 quem aponta o dedo a algo é Chávez]. O efeito de sentido da retomada é o de que os dois políticos são parceiros, mas, sobretudo, que se alternam num posto de liderança: Chávez segue o exemplo [os ensinamentos] de Fidel.

Na reportagem intitulada “*Chávez: o clone do totalitarismo*” podemos verificar que esse efeito de sentido também é retomado.

O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, há mais de seis anos no poder, ameaça a estabilidade da América Latina com o financiamento e o apoio a grupos radicais de países vizinhos, a formação de uma milícia civil, o uso o petróleo para chantagear as repúblicas da América Central, a compra de armas e a aliança com a ditadura cubana de Fidel Castro, de quem está se tornando um clone malfeito e extemporâneo. Na Venezuela, Chávez adotou um governo centralizador, mudou as leis para controlar melhor a oposição e aumentou o tamanho do Estado, levando à derrocada de uma das mais antigas democracias da região. Resultado: a população ficou mais pobre, os investidores externos sumiram e a dívida pública aumentou (*Veja*, Edição 1903 de 04/05/2005, p. 153).



Figura 21. *Veja*, Edição 1903 de 04/05/2005, p. 154-155



Figura 22. *Veja*, Edição 1903 de 04/05/2005, p. 155

As imagens apresentadas nas **figuras 21 e 22** aparecem nas páginas 154-155 e são intituladas de “A *GUARDA DE CHÁVEZ*. O presidente venezuelano passa em revista a tropa de 30 000 voluntários da milícia que iniciou treinamento no mês passado (à dir.): *força armada popular contra qual inimigo?*” (p. 155). Nelas, a representação pictórica do presidente, passando em revistas as tropas de voluntários, marchando, utilizando [também] farda militar com espada ao ombro e com a sua característica boina vermelha, retoma um aspecto da “força” da posição de ditador em que o personagem se encontra subjetivado. A pergunta: “força armada contra qual inimigo?” indica a inexistência de um inimigo externo em específico da Venezuela¹⁹. Por outro lado, a notícia da *criação de uma força paramilitar voluntária interna* opõe estas tropas ao próprio exército republicano do país institucionalmente constituído. No mais, a expressão “a guarda de Chávez” não deixa dúvida que tais tropas servem a ele, Chávez, na esfera pessoal e na qualidade de Tirano, e não à população. As tropas são subjetivadas, por seu turno, como esta *força – no sentido da guerra –* com que se pretende manter o poder nas mãos do Presidente.

¹⁹ A expressão “força armada contra qual inimigo?” pode ter pelo menos dois sentidos: o primeiro, *do modo como foi tratado: a inexistência de inimigos, ou seja: “qual inimigo” se não há?*; e a segunda: *a possibilidade de identificação de um ou mais inimigos num universo de possibilidades, ou seja: “qual inimigo” dentre todos?*. Entretanto, descartamos a segunda alternativa, uma vez que para que fosse autorizada a sua utilização no jogo do que esta sendo dito, seria necessária a menção explícita a um rol de inimigos da Venezuela. O silenciamento sobre tal aspecto não permite tal deslizamento de sentido.



OS AMIGOS DO CORONEL

Com o ditador Muamar Kadafi, em visita à Líbia, no ano passado (*acima, à esq.*). Chávez com o líder do MST João Pedro Stédile, em janeiro, em um assentamento no Rio Grande do Sul (*acima*). O venezuelano elogia a estratégia de invasão de terras do grupo. Em 2000, Chávez foi o primeiro chefe de Estado a visitar Saddam Hussein desde 1991 (*à esq.*).

Figuras 23, 24 e 25. *Veja*, Edição 1903 de 04/05/2005, p. 156-157

Finalmente nas imagens apresentadas nas **figuras 23, 24 e 25**, acima, a representação de Chávez sempre ao lado, na qualidade de amigo/ aliado de ditadores na Líbia e Iraque (respectivamente Muamar Kadafi e Saddam Hussein) e do líder do MST João Pedro Stédile atualiza o efeito de sentido de Chávez tem sede pelo poder, uma vez que a característica política de cada um dos retratados, os primeiros como “ditadores” e o outro como “líder de invasores de terras”, indica o traço comum em todos, qual seja: a vontade de manter-se numa posição de poder ainda que pela força (ditadura) ou de forma ilegítima (invadindo terras), pois para eles “tudo” vale a pena para ser o chefe de estado ou o líder maior de uma causa política. Esse efeito de sentido é reforçado na formulação “em 2000, Chávez foi o primeiro chefe de Estado a visitar Saddam Hussein desde 1991”, indicando o destemor e a ousadia deste personagem no cenário político mundial, tendo em vista o embargo político-econômico que os EUA e aliados imputaram ao Iraque de Saddam depois da Guerra do Golfo.



Figura 26. *Veja*, edição n. 1986 de 13/12/2006, capa

A edição 1986 de 13/12/2006 é a segunda capa de *Veja* integralmente dedicada a Hugo Chávez. Nela, Chávez aparece representado por um boneco que, segundo a reportagem, teria sido distribuído em sua campanha pela reeleição na Venezuela (a capa diz: *Boneco de Chávez usado em sua campanha à reeleição na Venezuela*). As roupas do brinquedo e seus tons remetem ao “militar”, o vermelho ao “Comunismo”. Remetem também à materialidade do *Boneco* e ao aspecto dúbio que este representa nas culturas ocidentais, especialmente no que diz respeito ao universo infantil: *por um lado*, geralmente representando um herói, a exemplo do Super-homem, Homem-aranha, Batman entre outros – ou seja, carregados de significados, neste caso: enquanto a própria materialização do *heróico* que há nos Tiranos do modo como foi tratado ao longo deste capítulo; *por outro*, a possibilidade de atribuição de identidade e significado para aqueles desprovidos de tais características, como é o caso dos fantoches e marionetes: plenamente manipuláveis.

Nesse sentido, a representação de Chávez por meio de tal adereço, atualiza o enunciado de tirano de duas formas: primeiro como um herói, e segundo [a partir da leitura da formulação: “Chávez não é brinquedo”] como aquele que deve ser levado a sério, que não é de brincadeira, e que não é manipulável. Ao fundo, a sombra projeta Fidel Castro como o modelo ou o referencial de Chávez (seu antecessor), de modo a mostrar que eles têm os mesmos ideais e propósitos em relação à política e ao poder. Ao centro, a formulação: “*CHÁVEZ NÃO É BRINQUEDO. Com Fidel Castro à morte,*

Hugo Chávez quer usar o petróleo para liderar a revolução na América Latina". No interior da revista, na parte do índice, Chávez e Fidel Castro são representados numa fotografia como amigos. O presidente venezuelano, sorridente, cumprimenta o chefe de estado de Cuba deitado num leito de repouso. A foto indicativa da reportagem intitulada *"INTERNACIONAL: Chávez arma seu circo: poder perpétuo como o de Fidel"*.



Figura 27. *Veja*, Edição 1986 de 13/12/2006, Índice, p. 8

Nas páginas 76 a 77, é apresentado um quadro comparativo que ressalta características comuns dos dois presidentes, dentre elas: *"meta de se perpetuar no poder"*, *"narcisista e prolixo"* e *"invenção de um inimigo externo"*. Vejamos:

O FILHOTE DO DITADOR
O presidente venezuelano está seguindo
os passos do cubano moribundo

CHÁVEZ

META DE SE PERPETUAR NO PODER

No poder há oito anos e reeleito para mais seis, Chávez anunciou a intenção de criar a reeleição contínua, sem limite

DESEJO DE EXPORTAR A REVOLUÇÃO

Usa o dinheiro da venda de petróleo para bancar aventureiros esquerdistas em outros países

NARCISISTA E PROLIXO

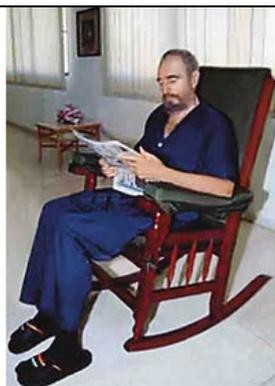
Tem um programa dominical na televisão em que canta, discursa durante horas e faz palhaçadas

INVENÇÃO DE UM INIMIGO EXTERNO

Escolheu os Estados Unidos como desafeto, apesar de o país ser o principal parceiro comercial da Venezuela



O presidente Chávez: ele quer se reeleger indefinidamente, criar partido único e pôr sua ideologia no currículo escolar



Nesta foto publicada em setembro no jornal oficial *Granma*, Fidel aparece no quarto do hospital: Cuba já prepara seu funeral

FIDEL

META DE SE PERPETUAR NO PODER

Está no poder desde 1959

DESEJO DE EXPORTAR A REVOLUÇÃO

Tentou exportar a Revolução Cubana para outros países da América Latina e a África

NARCISISTA E PROLIXO

Dono de retórica magnética, usou a TV e o rádio para intermináveis discursos

INVENÇÃO DE UM INIMIGO EXTERNO

Pôs no embargo americano a culpa pela pobreza de Cuba

Tanto no que diz respeito à perpetuação no poder quanto em relação à invenção de um inimigo externo a ser permanentemente combatido, Chávez (à sombra de Fidel) é novamente subjetivado no lugar de funcionamento de *tirano*, pois encontramos todos os elementos desta posição de subjetivação da forma como a trata Foucault: o heróico; o autoritário/ autocrata; a sede de poder; mas, sobretudo, a questão do *SABER* (saber eficiente, poder de resolver, conhecimento, etc.) segundo a qual ambos, Fidel e Chávez, aparecem ocupando a posição de sujeito de únicos (em seus países e naquelas circunstâncias) que souberam/ sabem – via poder – apresentar soluções aos problemas que se apresentaram/ se apresentam ao povo através do Socialismo, ou de mudanças sociais. Embora a edição trate da questão como um desastre econômico, o que interessa observarmos é que a materialidade discursiva do texto indica que o “socialismo” foi esta solução apresentada por esses dois políticos e amplamente acolhida pelo povo, segundo a própria evidência linguística trazida pelas matérias em análise que informam a adesão popular à ascensão revolucionária ao poder por Fidel em Cuba²⁰, bem assim às sucessivas vitórias eleitorais.

Nesse sentido, retornamos ao Édipo-Rei de Sófocles para salientar que, apesar de morta a esfinge, Édipo continua a enfrentar problemas na *Polis*: a peste chegou e persistiu. Entre um mal e outro, o que fica é a *posição de sujeito* de Édipo, que era conhecido pelos seus concidadãos como aquele que *SABIA resolver os problemas*, daí

²⁰ Não se trata de realizar a defesa, neste trabalho, da legitimidade e/ou justeza das medidas adotadas e/ou referencial político-ideológico de tais personagens, nem, tampouco, de empreender esforços no sentido de comprovar a realidade factual do que tratam as matérias em análise. Questões de natureza política, histórica ou sociológica ficaram relativamente fora da presente pesquisa (ou seja, não incluídas diretamente) em razão do referencial teórico-metodológico adotado. Outras abordagens, dentro de suas disciplinas, demandam tratamento diverso dos dados, o que, no caso, não foi objetivo, nem mesmo possível, aprofundar.

porque Foucault representa esse *saber-poder* na perspectiva da glória do *tirano* (em sentido metafórico). Assim como Édipo não acabou com a peste estando no poder, é possível que os problemas – as pestes de Cuba e da Venezuela – persistam. Mas o que interessa é que, olhando desta perspectiva, possivelmente a posição será sempre a de *tirano* para Chávez e para Fidel.

O socialismo foi estabelecido formalmente em abril de 1961. A economia planificada mostrou-se um desastre imediato. O racionamento de alimentos foi estabelecido antes do fim do ano. Hoje, a renda *per capita* cubana é a 29ª da América Latina. A queda no consumo diário de alimentos, hoje em 2.417 calorias, jogou Cuba para o último lugar na lista de onze países. Os cubanos sabem ler e escrever, mas são praticamente analfabetos digitais. Apenas 2% da população tem acesso (censurado) à internet, contra 25% na Costa Rica.

"Os governos socialistas queriam atingir o mesmo desenvolvimento de uma economia de mercado por meio de um planejamento centralizado nas mãos do governo. Isso é impossível porque o Estado não é um bom piloto do motor que produz a riqueza de uma nação. A iniciativa privada desempenha melhor esse papel", disse a *VEJA* Vladimir Kontorovich, economista ucraniano estudioso dos sistemas socialistas do Haverford College, na Pensilvânia, Estados Unidos. "Por isso, a economia controlada pelo governo é inimiga do bem-estar da população." A construção do socialismo à moda chavista está levando a Venezuela ao mesmo destino de Cuba. O modelo adotado por Chávez não tem por base um programa sistemático ou organizado. Trata-se de uma mistura de clichês socialistas e da repetição de erros já cometidos por governos venezuelanos do passado. "Em matéria econômica, não há grande diferença entre Chávez e seus antecessores: todos, basicamente, sustentaram o crescimento da economia no aumento dos gastos públicos, desperdiçando a receita do petróleo", declarou a *VEJA* o economista venezuelano Hugo Faría, do Instituto de Estudos Superiores de Administração, de Caracas.

No caso de Chávez, o dinheiro da venda do petróleo – a Venezuela tem a sétima maior reserva mundial do produto fóssil – é direcionado para projetos assistencialistas. Conhecidos como *misiones*, esses programas estabelecem uma dependência direta entre a população mais pobre e a Presidência da República. Há *misiones* de alfabetização de adultos, de cooperativas agrícolas, de atendimento médico e de venda de alimentos subsidiados, entre outras. Mas não criam empregos ou condições para que os pobres saiam definitivamente da miséria. "Ao governo interessa que haja muitos pobres, porque são eles que lhe garantem o triunfo eleitoral", diz Faría. Em outra frente, Chávez hostiliza a propriedade privada e cria uma sensação de insegurança jurídica que desestimula os empresários a investir em seus negócios – a forma mais segura para gerar empregos e um crescimento sustentado (*Veja*, edição n. 1986 de 13/12/2006, p. 79-80).

Nas passagens acima, as formulações linguísticas atualizam a posição de sujeito do tirano, no que diz respeito à relação entre “*poder*” e “*saber*”, na medida em que marcam uma posição de políticos obcecados pela permanência no poder em referência a Fidel e a Chávez, ao mesmo tempo em que marcam a prática de políticas assistencialistas como forma de sanar (à moda socialista) as mazelas sociais enfrentadas por ambos: Cuba é lembrada como país de pessoas que “*sabem ler e escrever*” e na

Venezuela “o dinheiro da venda petróleo (...) é direcionado para projetos assistencialistas”. O elemento desta posição presentificada nas formulações é o do *saber eficiente* enquanto característica da *tiranía*, é um *SABER-TIRANO*, que, como dito acima, não necessariamente tem que vir seguido de uma comprovação plena de eficácia.

Ademais, levamos em consideração que os motivos que levam um político ao poder podem levar também à sua destituição, como em Édipo, na leitura de Foucault (1974). Isto significa que o caminho para permanecer para sempre no poder é o mesmo caminho que pode levá-lo à queda.



Figura 28. *Veja*, edição n. 2033 de 07/11/2007, capa



Figura 29. *Veja*, edição n. 2033 de 07/11/2007, Índice, p. 8

Na capa da edição de *Veja* 2033 de 07 de novembro de 2007, apresentada na figura 28 acima, aparece a seguinte formulação linguística: “*Chávez, à sombra do Ditador. Como o desvario ideológico abala a vida dos Venezuelanos*”. No centro da

capa há uma boina vermelha, acima do nome Chávez em letras garrafais amarelas, com leve efeito: o dono da boina é também o dono daquele nome – é insubstituível e encontra-se acomodado sobre as letras, fazendo sombra como se na cabeça [do dono] estivesse. Chávez é representado, sobretudo, **metonimicamente**²¹: é o “todo” tomado por uma parte interdependente e contígua de si, ou seja, “sua boina”. Há de se considerar, ainda, o aspecto militar introduzido pelo brasão que ornamenta a referida boina, chamando a atenção para um efeito de sentido “autoritário-militar” atualizado em relação a boinas civis congêneres, relembrando outra boina igualmente famosa: a de **Ernesto “Che Guevara”**, especialmente no que diz respeito ao romantismo político e ideológico que tal vestimenta representa. A posição de sujeito assinalada indica, portanto, que o enunciado presentificado é o de que *Chávez é um tirano* (é o ditador, dono do poder na Venezuela, monopoliza o poder).

Esta mesma posição é retomada nas seguintes formulações linguísticas, no interior da mesma edição: “*Como Hugo Chávez destruiu a democracia na Venezuela*” (Veja, edição n. 2033 de 07/11/2007, Índice, p. 8); e “*À SOMBRA DE ‘EL SUPREMO’ – A DITADURA EM FORMA DE LEI. Com a reforma constitucional aprovada na semana passada, Hugo Chávez consolida seu regime autoritário e personalista na Venezuela. (Idem, p. 86-87)*”. A imagem da seção índice, apresentada na figura 29 – “INTERNACIONAL. Como Hugo Chávez destruiu a democracia na Venezuela”, além de retomar o efeito de sentido da formulação não verbal ou pictórica de que **Chávez é o dono da**[quela] **boina** presente na capa da edição 2033, ao representá-lo com as vestimentas militares e a boina vermelha, acenando e sorrindo para algum público diante de si, retomam a noção de populismo, caudilhismo e demagogia.

²¹ Metonímia é a figura de linguagem que consiste na substituição de uma palavra por outra em razão de haver entre elas uma relação de interdependência, de contiguidade, de proximidade. Neste caso seria a hipótese do *todo pela parte*.



Figura 30. *Veja*, edição n. 2101 de 25/02/2009, capa

A capa da edição 2101 de 25/02/2009 traz na sua parte superior, em um pequeno quadro centralizado na borda da folha, a fotografia de Chávez em fundo azul, rindo e acenando com a mão direita para algum público oculto na imagem, acompanhada da seguinte formulação verbal: “*CHÁVEZ. A democracia como atalho para a tirania*”. Os títulos da reportagem no interior da edição retomam a noção de tirania através das seguintes formulações: “*Venezuela. Um voto pela tirania*” (*Veja*, edição n. 2101 de 25/02/2009, índice, p. 6) e “*UM CAUDILHO PARA SEMPRE. Plebiscito que deu a Chávez o direito de se tornar um presidente vitalício é o exemplo perfeito do uso de instrumentos democráticos para acabar com a democracia*” (*Idem*, p. 70). A reportagem trata, portanto, de um plebiscito que deu a Chávez a possibilidade de se legitimar no poder através de sucessivas eleições, podendo permanecer até mesmo de forma vitalícia no cargo.

Nos trechos seguintes da reportagem, apresentados abaixo, continua em funcionamento a posição de *Tirano*, do populismo demagógico e da autocracia (como forma de exercício do saber/poder):

A história comprova que o poder vitalício é quase sempre sinônimo de abusos. Foi para conter o poder de um só homem que surgiram instituições como a separação de poderes e os mandatos, que na democracia colocam prazo na ambição dos governantes. Um sistema republicano só faz sentido quando há alternância no poder. Sem isso, não se pode falar em república ou em democracia. A separação de poderes não existe mais na Venezuela. A Justiça Eleitoral obedece inteiramente a Hugo Chávez, assim como o Poder

Judiciário e o Legislativo. Os venezuelanos votam sob a pressão de uma enorme máquina de intimidação montada por um governo que utiliza descaradamente o dinheiro público para seu próprio proveito político e eleitoral. Em dezembro, empregados públicos foram instruídos a deixar de lado suas funções para se dedicar prioritariamente à aprovação da emenda. (...)

Por que um povo se sujeita à vontade de um único homem é um enigma desde a Antiguidade. Os latino-americanos são particularmente afeitos ao caudilho populista do tipo que dá ordem como se o país fosse uma fazenda de sua propriedade. Esse é o estilo de Chávez, cujo mandonismo se faz sentir até em desfile de miss. A Venezuela vive uma crise econômica cuja profundidade pode ser aferida pela escassez de gêneros de primeira necessidade. Todos os indicadores socioeconômicos da Venezuela pioraram nos dez anos de governo Chávez, com exceção de um: a pobreza, que diminuiu. Parece animador, mas trata-se simplesmente do resultado da distribuição de dinheiro público a pobres dispostos a demonstrar lealdade ao coronel-presidente. Ele também criou quase 1 milhão de empregos públicos, boa parte deles para gente que presta serviços nas milícias e organizações chavistas. Sem existir a correspondente prosperidade econômica ou a criação de empregos produtivos, a mobilidade social venezuelana não pode ser considerada duradoura. Se o preço do barril de petróleo não subir, a Venezuela receberá apenas 21,6 bilhões de dólares pela venda do produto neste ano, contra 93 bilhões em 2008. Sem esse dinheiro, ficará complicado manter a mesada dos pobres. O pior é que cada dia será mais difícil se livrar pacificamente do tirano e de sua ridícula boina vermelha (Veja, edição n. 2101 de 25/02/2009, p. 70-71).

Da análise do trecho acima, identificamos características que configuram o lugar de funcionamento de tirano: desejo de permanência no poder, autocracia/ autoritarismo e promessas de melhora/ ou melhoras (como forma de exercício do *saber do líder*) aliado a uma heroicidade daí decorrente, que também se vincula ao socialismo/comunismo – especialmente lembrada pela cor da boina, enfatizada no final da passagem transcrita: vermelha.

Isto posto, cabe-nos tratar da historicidade que se apresenta na análise acima empreendida. O *tirano*, da forma como tomamos neste trabalho, é uma figura metafórica para designar aquele que chega ao poder como herói por um *saber* [eficiente] que possui. Nesse sentido a figura do Tirano grego abordada por Foucault não é apropriada na integralidade de seu sentido histórico e político para dizer que, sob condições sociais (pós)modernas, Chávez esteja encenado politicamente tal qual mencionado pelo filósofo francês. O recorte histórico tratado neste trabalho diz respeito a aproximadamente 10 anos de revista nas quais o personagem em questão (Chávez) está presente, daí porque necessário mencionar que não estamos trabalhando com uma análise especificamente histórica da antiguidade clássica até a atualidade. Dizer que a posição de sujeito ora identificada é a mesma da Grécia antiga seria tão anacrônico e descabido quanto dizer que sempre esteve a funcionar em todos os períodos históricos,

em todas as partes do planeta e em relação a todos os políticos que alcançaram cargos centrais de poder. O alcance desta análise, sobretudo pelo referencial teórico-metodológico adotado, encontra limites no objeto estudado e não dá fundamentos para generalizar tão grosseiramente seus resultados. Se afirmamos encontrar esta posição de sujeito, este lugar de funcionamento, materializado em *Veja* sobre Hugo Chávez é porque a arqueologia e a genealogia de Foucault nos autorizam esta espécie de afirmação, nos limites do exercício do “*saber*”-poder do político que o autor, amparado em Nietzsche, afirma ser *seu fim* um mito²².

A pesquisa ora proposta se fundamenta na lógica das rupturas e das interrupções dos processos históricos em detrimento de uma lógica evolutiva, progressiva e causal (embasada em relações de causa e efeito entre fatos históricos) adotada por outros referenciais teórico-metodológicos e/ou para analisar objetos diferentes do que aqui se apresenta sobre bases linguísticas. Sutilmente deslocadas e conduzidas pelo fio comum da **memória** que orienta ambas as formas de análise, a Escola Francesa de Análise de Discurso (AD) e a filosofia de Foucault se aproximam ao tratar deste tema, conforme abaixo transcrito:

tento mostrar como se pode organizar, sem falha, sem contradição, sem imposição interna, um domínio em que estão os enunciados, seu princípio de agrupamentos, as grandes unidades históricas que eles podem constituir e os métodos que permitem descrevê-los. **Não procedo por dedução linear, mas por círculos concêntricos, e vou ora na direção dos mais exteriores, ora na dos mais interiores: partindo do problema da descontinuidade no discurso e da singularidade do enunciado (tema central)**, procurei analisar, na periferia, certas formas de agrupamentos enigmáticos; mas os princípios de unificação com que me deparei, e que não são nem gramaticais, nem lógicos, nem psicológicos, nem a proposições, nem a representações, exigiram que eu voltasse para o centro, ao problema do enunciado – destacamos e negritamos (FOUCAULT, 1969, p. 129-130).

De fato, a questão do papel da memória permitiu um encontro efetivo entre temas a princípio bastante diferentes. Esta questão conduziu a abordar as condições (mecanismos, processos...) nas quais um **acontecimento histórico (um elemento histórico descontínuo e exterior)** é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio de uma memória.

Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da **memória mítica**,

²² Identificar a mesma posição de sujeito em relação a outros atores políticos da contemporaneidade ou de qualquer período histórico demandariam esforço similar ao presente no sentido de se verificar através de dados consistentes a hipótese de trabalho, não sendo garantido que se encontre o mesmo sobre todos, haja vista que diversas são/podem ser as formas de ascensão ao poder, inclusive pela força, o que coloca em outra medida a questão da representatividade ou da preferência eleitoral do político.

da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador – destacamos e negritamos (PÉCHEUX, 1983b, p. 49-50).

Tomada a memória, portanto, como este dispositivo social, capaz de se inscrever em práticas sociais, deixando suas marcas para além da *memória social coletiva viva e imediatamente inscrita em rituais do que ainda se celebra* (NORA, 1984) ou de uma *memória grupal e coletiva* (HALBWACHS, 1950) – conceitos ainda ligados a uma noção psicológica e cognitiva –, poderíamos afirmar que, se afirmamos que a posição de sujeito a qual se refere Foucault (1974) é retomada em relação às matérias de *Veja* que tratam de Hugo Chávez, isso se deve ao movimento cíclico e não-linear da história conforme acima citado, que faz com que um enunciado persista ou seja esquecido, caia em desuso ou seja lembrado, dito de outras formas, por meio de diferentes formulações, sofrendo alterações de acordo com as condições de possibilidade e de existência de cada época ou momento, e que descarta, segundo uma lógica de rupturas, que para que algo seja assim HOJE requer tenha sido assim SEMPRE. Conforme afirma Foucault (1969)

Enquanto uma enunciação pode ser *recomeçada* ou *reevocada*, enquanto uma forma linguística (linguística ou lógica) pode ser *reatualizada*, o enunciado tem a particularidade de poder ser *repetido*: mas sempre em condições estritas (FOUCAULT, 1969, p. 118).

Nesse sentido, as formulações, imagens e demais registros verbais e não-verbais que identificamos em *Veja* encontram-se inscritos num **domínio de memória, domínio associado, campo associado** ou **campo de utilização**, que no dizer de Foucault (1969):

faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado e que lhes permite ter um contexto determinado, um conteúdo representativo específico, forma uma trama complexa. Ele é constituído, de início, pela série das outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento (...). É constituído, também, pelo **conjunto das formulações a que o enunciado se refere** (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas; **não há enunciado que, de uma forma ou de outra não reatualize outros enunciados** – destacamos (FOUCAULT, 1969, p. 111).

A AD trata do tema da memória especialmente por meio do conceito de **memória discursiva** que, segundo Possenti (2005) não tem nada a ver com a memória individual à maneira psicológica, a memória cognitiva:

A memória será evidentemente, discursiva. Talvez a melhor apresentação desta noção esteja em Courtine (1981). (...) **A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas** (...). Assim, no domínio do discurso político, a memória discursiva remete a questões como: “do que lembramos, e como nos lembramos, na luta ideológica, do que convém dizer e do que não convém, a partir de uma posição numa conjuntura dada na redação de um panfleto, de uma moção, de uma tomada de posição?” (Courtine 1981: 53). Ou seja, **remete ao modo como o trabalho de uma memória coletiva permite a retomada, a repetição, a refutação e também o esquecimento desses elementos de saber que são enunciados**. – destacamos e negritamos (POSSENTI, 2005, p. 365).

Quando falamos de pesquisar os discursos materializados em *Veja*, assim o dizemos em razão de o enunciado possuir uma **materialidade repetível**, que propicia a sua retomada (repetição) por meio de formulações distintas. Daí porque ao longo deste capítulo, embora tenhamos analisado uma série de formulações, podemos afirmar que identificamos apenas um enunciado em relação a Chávez: Hugo Chávez é um *tirano*, dado que a **análise enunciativa** *leva em conta um efeito de raridade* (FOUCAULT, 1969, p. 134), *busca estabelecer uma lei de raridade* (*Idem*, p. 135)²³. Por isso Foucault (1969) afirma que o enunciado

trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. O enunciado não é pois uma estrutura (...); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos (...); é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 1969, p. 98).

É por isso que ao definir as características da função enunciativa Foucault (1969) relaciona-a ao domínio associado opondo-o a “um simples agregado de signos que precisaria, para existir, apenas de um suporte material – superfície de inscrição, substância sonora, matéria moldável, incisão vazia de um traço” (p. 108). Percebemos melhor tal oposição quando o filósofo afirma que:

²³ Foucault dirá a este respeito que: “Ela repousa no princípio de que nem *tudo* é sempre dito; em relação ao que poderia ser enunciado em língua natural, em relação à combinatoria ilimitada dos elementos lingüísticos, os enunciados (por numerosos que sejam) estão sempre em *déficit*; a partir da gramática e do tesouro vocabular de que se dispõe em dada época, relativamente poucas coisas são ditas em suma. Vamos então procurar o princípio da rarefação ou, pelo menos, do não-preenchimento do campo das formulações possíveis, tal como é aberto pela língua. A formação discursiva aparece, ao mesmo tempo, como princípio de escansão no emaranhado dos discursos e princípio de vacuidade no campo da linguagem (FOUCAULT, 1969, p. 135).

O enunciado não é uma projeção direta, sobre o plano da linguagem, de uma situação determinada ou de um conjunto de representações. Não é simplesmente a utilização, por um sujeito falante, de um certo número de elementos e de regras linguísticas. De início, desde sua raiz, ele se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual (FOUCAULT, 1969, p. 111-112).

Nem oculto, nem visível, o nível enunciativo está no limite da linguagem: não é, em si, um conjunto de caracteres que se apresentariam, mesmo de um modo não sistemático, à experiência imediata; mas não, tampouco, por trás de si, o resto enigmático e silencioso que não traduz. (*Idem*, p. 127)

Tomando, portanto, nesse sentido, tanto a língua quanto as imagens como materialidades significantes como domínios que são atravessados pelos discursos, pelo discursivo, podemos afirmar que a(s) análise(s) ora empreendida(s) privilegiam a descrição (de formulações linguísticas, imagens, etc.) para que, por meio do exercício de decomposição, descrição/interpretação, as posições de sujeito e, os consequentes, enunciados possam ser identificados, indicando qual ou quais discursos estão materializados. É por isso também que não podemos dizer que “a revista tem tal discurso”, ou “o discurso da revista”, ou ainda “o discurso de tal pessoa”, assim como não cabe dizer o discurso *está na* imagem ou *no* texto. Embora Foucault (1969) diga que o enunciado deve ter existência material, as suas ponderações são no sentido de que uma base material – enquanto suporte – serviria para materializar os discursos em circulação na sociedade (por exemplo: os discursos sobre Chávez materializados na revista *Veja*), eis que:

Poderíamos falar de enunciado se uma voz não o tivesse enunciado, se uma superfície não registrasse seus signos, se ele não tivesse tomado corpo em um elemento sensível e se não tivesse deixado marca – apenas alguns instantes – em uma memória ou em espaço? Poderíamos falar de um enunciado como de uma figura ideal e silenciosa? **O enunciado é sempre apresentado através de uma espessura material, mesmo dissimulada, mesmo se, apenas surgida, estiver condenada a se desvanecer.** - negritamos (FOUCAULT, 1969, p. 113).

As revistas analisadas, portanto, transformam-se em objeto para o presente estudo, na medida em que se inserem nesse conceito de base material, como suporte à materialidade repetível dos enunciados possíveis. A noção de não-linearidade histórica, acima apresentada, orienta a nossa opção pela mídia impressa enquanto *documento-monumento* conforme entende Foucault (1966; 1969), na medida em que olhar para rupturas requer olhar para as minúcias, em detrimento de uma sacralização de processos

sociais mnemônicos através da eleição de *monumentos-documentos* como marcos de uma historicização evolutiva humana. Deste modo, a revista, enquanto espaço de materialização de diferentes discursos em circulação na sociedade, define-se enquanto objeto importante nos estudos de jogos de verdade que atravessam a produção de conhecimento e de sentido, e a vida, afinal “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1971, p. 26).

2.3 Considerações finais

A criação de instituições visando ao controle e à contenção do “*saber-poder*” ao “*modo do tirano*”, como afirma Foucault (1974), como, por exemplo, os três poderes teorizados na obra de Montesquieu²⁴ e os mandatos eletivos – símbolos da democracia moderna²⁵ –, apresentam-se como uma destas rupturas, em que a tentativa de silenciamento chama a atenção também para o que se está sendo silenciado e/ou esquecido. Entretanto, não fizeram morrer/ desaparecer o enunciado da *tiranía* aqui metaforicamente tomado como a utilização de *um saber* (conhecimento, estratégia pessoal etc.) para exercício do poder, readaptando-o para esta forma (pós)moderna em que as propostas de melhores condições sociais e de vida, militância partidária (especialmente de cunho socialista), etc., são postas em circulação (sendo a encenação midiática um destes sintomas) como legitimadoras de acesso ao poder por líderes políticos, como é o caso de Chávez.

²⁴ Montesquieu (1748) afirma que: “Para que não se possa abusar o poder é preciso que, pela disposição das coisas, **o poder freie o poder**” (...). “Há, em cada estado, três espécies de poderes: o poder legislativo, o poder executivo das coisas que dependem do direito das gentes, e o executivo das que dependem do direito civil” (...). “Quando na mesma pessoa ou no mesmo corpo de magistratura o poder legislativo está reunido ao poder executivo, não existe liberdade, pois pode-se temer que o mesmo monarca ou o mesmo senado apenas estabeleçam **leis tirânicas** para executá-las **tiranicamente**” – negritamos (p. 200-202).

²⁵ De acordo com Schilling (2002) “a democracia moderna é uma confluência da ideologia liberal, na medida em que mantém o sistema representativo, a divisão dos poderes e as demais liberdades, que convivem com as propostas do programa socialista, isto é, a plena igualdade de todos os cidadãos, a garantia dos direitos sociais e trabalhistas e a equivalência dos sexos. Observa-se que na democracia moderna desaparecem os anteriores critérios que discriminavam os cidadãos. Os critérios de impedimentos de ordem cultural (pois hoje votam alfabetizados e os analfabetos), sexual (votam homens e mulheres), religioso (ninguém perde seus direitos políticos por motivo religioso), censitário (não se divide mais os indivíduos em cidadãos ativos, com renda, e passivos, sem rendimento), racial (por serem de outra cor que a maioria), ou ideológico (por defenderem uma doutrina contrária aquela que domina o país) foram todos eles derogados ou abolidos, mantendo-se apenas uma exigência de limite etário para que o indivíduo se torne cidadão.

A posição de sujeito identificada nas edições analisadas, neste capítulo, portanto, é sempre a mesma retomada e atualizada nas matérias e capas de *Veja*, indicando que há um enunciado em funcionamento no sentido postulado por Foucault (1969) em relação aos jogos de memória e de verdade encenados na mídia sobre Hugo Chávez: *Chávez, presidente da Venezuela, é um “tirano”, é aquele que chega ao poder como herói por ser detentor de um “saber” e uma vez ali, cego pelo poder, contrariando a lógica democrática, nele pertence se perpetuar indefinidamente.*

Além de identificarmos esta posição de sujeito nas diferentes formulações linguísticas e pictóricas analisadas, outras duas posições de sujeito (outros dois enunciados) foram identificadas em relação a Chávez e mereceram a nossa atenção ao longo da análise do *corpus*. Uma delas é a de *comunista e esquerdista*, da qual trataremos no próximo capítulo.

3 CHÁVEZ COMUNISTA

3.1 Considerações iniciais

Neste capítulo, mostraremos que a posição de sujeito de comunista/ esquerdistas, na qual Hugo Chávez também se encontra subjetivado, atualiza o enunciado *Chávez é um comunista démodé*, característica atribuída a políticos ligados a ideologias de esquerda pelo mundo, especialmente após o ocaso da ex-URSS, o declínio econômico de Cuba na América Latina e a hibridização do modelo Chinês que adaptou aspectos da economia de mercado, despontando como uma das maiores potências do mundo na atualidade.

As categorias utilizadas para as análises que apresentamos foram reconfiguradas a partir da análise do discurso Alfonsinista feita por Zoppi-Fontana (1997), que trata dos governos de transição (pós-ditaduras) da década de 1980 na Argentina e de sua constituição/ constitucionalização enquanto democracia,.. Assim como noção de posição de sujeito de *Tirano* postulada por Foucault (1974) orientou o percurso de leitura do capítulo 2, as noções de *discurso sobre a modernização* e de *discurso sobre a democracia* serão tomadas como base para a leitura das matérias, capas e textos de *Veja*, analisadas neste capítulo.

As formulações verbais e não-verbais selecionadas indicam que se encontra em funcionamento o discurso político-jurídico em que Chávez, *eleito pelo povo, modifica a ordem constitucional venezuelana vigente para instaurar outra (a sua)*, Nas formulações, como veremos no tópico 3.2, Chávez é subjetivado na posição de sujeito de comunista e *ditador de esquerda*. O saber desse discurso ideológico está relacionado a aspectos do militarismo latino americano e soviético, da propaganda e do policiamento ideológico stalinista.

A análise das formulações linguísticas e pictóricas (abusando dos tons vermelhos e das imagens-comparação com outros políticos) contidas em *Veja* indicou, portanto, pela lógica da ruptura, a atualização do lugar de *comunista* como um padrão político, jurídico e ideológico destoante das necessidades da atualidade e incapaz de sanar as questões e problemas impostos ao seu povo.

3.2 Análise e discussão

Zoppi-Fontana (1997), ao estudar as formas discursivas dos governos de transição na América Latina dos anos 1980, argumenta que estes anos representaram um retorno gradual à democracia após longos anos de Ditadura Militar na região. Nesse sentido, duas questões se apresentaram como problemas urgentes: uma questão de ordem jurídico-institucional, que envolvia a criação de mecanismos de negociação política visando a assegurar a estabilidade dos governos de transição; e a outra da ordem do desenvolvimento econômico, com o objetivo de recuperar as economias nacionais deterioradas pelas ditaduras.

Segundo a autora, estas questões produziram no campo discursivo político duas focalizações: a democratização e a modernização. Com a posse dos novos presidentes eleitos de forma democrática, a questão da modernização deslocou-se do campo meramente da economia financeira para ser considerada uma questão de ordem político-institucional e cultural (ZOPPI-FONTANA, 1997, p. 17-18)²⁶.

Assim, observamos como o *discurso da transição* reorganiza o discurso político dos anos 80 dentro de uma encruzilhada discursiva configurada em clave temporal (tempo transitório e tempo fundador), em que os sentidos de *modernização* e de *democracia* sofrem sucessivos deslizamentos da ordem do político e do econômico à ordem cultural, até coincidir no espaço restrito da subjetividade, do *novo cidadão* que estes discursos postulam e que configuram como lugar de origem de toda a transformação estrutural.

Dessa maneira, o cruzamento do *discurso sobre a modernização* e do *discurso sobre a democracia* opera uma redefinição discursiva do espaço público pelo espaço privado, ao desenhar a imagem de um novo sujeito *moderno e democrático*, cuja interiorização por parte dos cidadãos é condição necessária para a construção de uma

²⁶ Embora os estudos de Zoppi-Fontana, digam respeito *especialmente* à Argentina, e devam ser aplicados ao Brasil (no contexto de sua inclusão nesta região), por exemplo, com a ressalva de que durante o governo militar o país tomou verdadeiro impulso para se modernizar urbana e industrialmente, seus postulados serão tomados como referência para analisar a questão de Chávez levando em conta que, embora *Veja* seja uma revista brasileira, voltada ao público nacional (modelo não-exportação) não podemos negar que discursos sobre a realidade política regional (latino-americana) e global circulam em suas matérias, ou seja: dizer que o discurso *latino-americano sobre a modernização* não está materializado no que se refere a Chávez *por ser uma publicação brasileira* seria um equívoco. Ademais a análise enunciativa ora proposta pretende analisar o político e o jurídico *encenados em Veja*, e não propriamente empreender uma análise linear e tradicional (em ciência política, sociologia, história, etc.).

nova *cultura política*, garantia de um futuro melhor para a nação: uma mudança subjetiva da identidade coletiva aparece então como preâmbulo obrigatório de mudanças objetivas, como promessa definitiva de um *destino de grandeza para a nação* (ZOPPI-FONTANA, 1997, p. 19).

Ao interrogar, portanto, *que imagem de sujeito político/cidadão define estes discursos, e que formas de representação do sujeito manifestam a especial encruzilhada discursiva na qual participam os discursos sobre a modernização durante os chamados governos de transição*, Zoppi-Fontana (1997) retoma de Pêcheux (1982) a noção de porta-voz enquanto figura:

definida como um funcionamento enunciativo de mediação da linguagem, como forma nova de enunciar a palavra política, através da qual um sujeito pertence a um grupo, e reconhecido pelos outros integrantes como igual, destaca-se do resto como centro visível de um nós em formação, que o coloca em posição de negociador potencial com o poder constituído (PÊCHEUX, 1982, *apud*. ZOPPI-FONTANA, 1997, p. 20).

Assim, devido a esta posição de intermediador ocupada pelo porta-voz, duas direções se configuram em relação à destinação à palavra enunciada politicamente: - do grupo para *porta-voz* e deste para o poder ou adversários (povo → líder), e o contrário: do poder ou adversários de volta ao grupo sempre intermediado pelo porta-voz (líder → povo). Ponto importante é que tanto o povo quanto o mediador aparecem como enunciadores originários da palavra mediada nesse processo, e, se por um lado, no período de mudanças de regime (de transição ou de campanhas eleitorais pós-ditaduras), a figura do porta-voz funciona na cobrança *representativa* de demandas da cidadania contra o governo militar (este na qualidade de **inimigo comum**), por outro, uma vez alcançado o poder por este líder pela via democrática, desaparece a função de enunciador e torna-se ele mesmo [agora] destinatário das demandas da sociedade/ do grupo enquanto representante (eleito), retomando as reivindicações/ retomando a voz do grupo. O inimigo, por sua vez, que antes era o regime militar, passa a ser identificado não como atores políticos (sujeitos potenciais de enunciação), mas com objetos discursivos: inflação, desemprego, dívida externa etc. Em relação à função enunciativa, outra ruptura se verifica no porta-voz eleito, que, segundo a autora, passa a ser enunciador originário das demandas (identificando-se com o grupo), mas também diferenciando-se como **testemunha do acontecimento**, ou seja, aquele que tem um

olhar reflexivo que lhe proporciona um excedente de visão sobre a participação do grupo na produção do acontecimento.

Zoppi-Fontana (1997) analisando o Discurso Alfonsinista (DAL) sobre a modernização na Argentina, entre 1983 e 1989, definindo a república, a constituição e a praça como *lugares de memória*, no sentido postulado por Nora (1984). Defende, pois, que a república seria o espaço do NÓS, o espaço de constituição no imaginário coletivo de um “povo-Uno”; a praça simbolizaria, ao mesmo tempo, a recuperação do gesto de liberdade para instituição do primeiro governo independente da coroa espanhola e a retomada deste efeito de sentido com a recitação ritualizada do texto preambular constitucional pelo povo; já a constituição seria o texto em cuja materialidade (repetível e ritualmente repetida em momentos públicos) se ancoraria num efeito de sentido no qual a memória deste acontecimento seria retomada para interpelar o povo em seu conjunto, e cada cidadão, acerca dos valores democráticos deste gesto fundacional de um novo paradigma político na América Latina.

A autora interroga se, diante do processo de identificação e diferenciação do líder/porta-voz enquanto candidato eleito, o estatuto discursivo da palavra do representante do povo funciona como metáfora ou como metonímia política, como substituto ou como tradução da língua legitimado povo (p. 74) e retoma Rousseau e Guilhamou para afirmar que:

para que a palavra do representante seja legítima, ela deve coincidir necessariamente com a do povo representado e, para isto, é preciso que ela se institua no instante mesmo em que o povo se constitui como *povo*. (...) Os processos metonímicos são, assim, renovados em cada ato, em que as duas vozes (do porta-voz e do povo) se encontram e se articulam na sua recíproca relação de presença. (...) Dessa maneira, os processos metonímicos (fundamento discursivo da *retórica do povo em ato*) que constituem o porta-voz em representante da palavra do povo no mesmo ato em que, através do contrato social, o povo se constitui como tal, impedem que os processos metafóricos de representação política (*estar no lugar de, falar em nome de*) tomem conta da figura do porta-voz, e sobretudo de sua palavra, erigindo-o irredutivelmente em substituto do poder(da voz) originário. Assim, pela cena imaginária da delegação da voz, atualizada recorrentemente por meio da *retórica do povo em ato*, a palavra do porta-voz coincide com a do povo, única língua legítima no imaginário de enunciação política inaugurado pelo contrato social rousseauano. (ZOPPI-FONTANA, 1997, p. 74-75)

Ao longo da análise do *corpus* selecionado para esta pesquisa, constatamos que os textos escritos e pictóricos de *Veja* materializam um enunciado repetível sobre Chávez e algumas categorias mobilizadas por Zoppi-Fontana (1997), tais como:

democracia; modernização (econômica, jurídico-institucional e cultural); república, constituição e praça (enquanto lugares de memória); e os conceitos de metáfora e metonímia da representação política pelo líder/ porta-voz (enquanto **lugar de subjetivação de governos democráticos na América Latina**), apontando para o funcionamento de uma posição em que o governo de Chávez é subjetivado como o *não-lugar* de um governo híbrido, misto de democracia e ditadura autocrata, populista e comunista, que na verdade utiliza os instrumentos de uma democracia ainda frágil (como em toda a região) para *desdemocratizar* o país, através de um mandato vitalício.

A Venezuela, oficialmente República Bolivariana da Venezuela (nome dado no governo Chávez ao país), após o século XX, passou por um lento processo de democratização.

De 1830 a 1848, o país foi governado por uma oligarquia conservadora até passar para o governo dos ditadores Monagas (1848-1858). A revolução de 1858 liderada por Julián Castro levou o país a um período de instabilidade política, agravado pela guerra civil entre os grupos conservadores e liberais que se desenrolou entre os anos de 1866 e 1870, após a introdução no país de uma constituição federalista em 1864(1864).

Entre 1870 e 1888, o político liberal Antonio Guzmán Blanco governou/administrou a Venezuela de forma autoritária, exercendo uma política de realização de obras públicas, de combate ao analfabetismo e contra a influência da Igreja Católica. Ao seu governo, sucederam-se períodos de pequenas ditaduras militares. Cipriano Castro apoderou-se da presidência no ano de 1899 e pôs em prática uma política externa bastante agressiva que chegou a provocar em 1902 o bloqueio e o ataque militar dos portos da Venezuela pela Inglaterra, Alemanha e Itália.

No ano de 1908, Castro foi deposto por Juan Vicente Gómez, que se tornou ditador durante os próximos vinte e sete anos. Foi durante o governo de Gomez, em 1922, que deu-se início à exploração das jazidas de petróleo do país.

Após a queda da ditadura do general Isaías Medina Angarita,, em 1945, Rómulo Betancourt, fundador do partido Acción Democrática, se tornou presidente provisório até as eleições livres de finais de 1947 que culminaram com eleição do escritor Rómulo Gallegos à função de presidente, contudo, uma revolta militar o tirou do poder. Em

1953, instalou-se a ditadura de Pérez Jiménez, que durou até o ano de 1958, quando foi restabelecida a democracia²⁷.

Nesse contexto, após quase meio século de democracia, e vivendo sob o governo de Carlos Andrés Pérez, que proporcionou ao país anos de profunda recessão econômica e péssimos indicadores sociais, Hugo Chávez conseguiu se eleger presidente no ano de 1998 através do voto de 56% (cinquenta e seis por cento) dos eleitores, de acordo com as regras da então vigente Constituição.

Colocado no nível de acontecimento discursivo, a questão da democracia na Venezuela passou a ser encenada na mídia (escrita e não escrita) brasileira. No caso de *Veja*, grande atenção passou a ser dada a esse após a ascensão de Chávez ao poder presidencial. Do ponto de vista da relação entre lembrança e esquecimento, o **silenciamento** de *Veja* sobre os governos venezuelanos anteriores ao Chavista, não os polemizando (ou os despolemizando), nos autoriza a afirmar que a materialidade discursiva [dos textos e das imagens] de *Veja* subjetivavam a Venezuela como um país de base política essencialmente democrática, cujos mecanismos (por exemplo, a separação de poderes, como dito no capítulo 2) serviam de blindagem contra práticas personalistas, protegendo o povo contra ditadores autocratas e garantindo liberdades individuais e coletivas aos cidadãos. Mas isso somente até a eleição de Chávez, quando ocorre esta ruptura e tudo muda. As matérias, especialmente na parte “Internacional” da revista, passaram a trazer com certa frequência reportagens acerca de Chávez e seu estilo de governar, priorizando sua ideologia e seus referenciais políticos.

A edição n. 1596, de 05 de maio de 1999, traz na página 7 do índice a seguinte reportagem sobre a Venezuela: “Coronel-presidente visita o Brasil”. Nas páginas 60 a 62, a matéria intitulada “O CORONEL VEM AÍ” em letras negras e garrafais em tamanho grande, evoca o passado recente do continente, no que tange a um cenário mais amplo, onde se inserem a Venezuela e próprio Brasil, além de outros países, para retomar o posto militar ocupado por Chávez no exército venezuelano e subjetivá-lo como político antidemocrático e de certa forma com perfil ligado a uma espécie de autocracia militar, conforme já mencionado anteriormente na análise da “Figura 28” (*Veja*, edição n. 2033 de 07/11/2007, capa). O fragmento inicial do texto que compõe o corpo central da matéria é marcado pelas seguintes formulações:

²⁷ Publicado em: <http://www.embvenezuela.org.br/>.

Com 44 anos, pele de índio, cabelo duro de mestiço e a infância pobre vendendo doce na rua, o presidente da Venezuela, coronel Hugo Chávez, chega a Brasília nesta quinta-feira exibindo um feito histórico. Com 57% dos votos, foi o primeiro político venezuelano criado fora das grandes máquinas partidárias a vencer os espertalhões que dominam a política do país. Empossado há três meses, numa cerimônia esdrúxula em que chamou de moribunda a mesma Constituição que é obrigado a defender sob juramento, conserva a popularidade de presidente recém-saído do forno. Sua aprovação passa dos 80% e, há uma semana, 90% do eleitorado que foi às urnas disse sim a sua proposta de convocar uma Assembléia Constituinte para passar um bisturi nas instituições.

Abrigo da segunda maior reserva de petróleo do mundo, só inferior à da Arábia Saudita, e de uma massa de miseráveis que cresce ano após ano, na Venezuela o relógio político obedece a outro fuso horário. A maioria dos países do continente enfrentou ditaduras militares nos anos 60 e 70. A Venezuela teve uma ditadura entre 1948 e 1958, mas, quando os vizinhos sofriam sob regimes fardados, usufruía uma democracia estável. Nos anos 70, o Peru e a Bolívia foram governados por outro tipo de generalato, o dos militares nacionalistas. Com um palavreado inspirado em Simon Bolívar, o herói da independência da América espanhola, Chávez pertence a essa segunda família. Em 1992, comandou um golpe para derrubar o presidente eleito Carlos Andrés Pérez. Derrotado e preso, saiu da cadeia, dois anos depois, mais admirado do que nunca.

Carismático e falante, Hugo Chávez faz barulho por onde passa. Ele diz que está à frente de uma revolução destinada a mudar seu país de cima a baixo. Anuncia que a Constituinte deverá criar uma "nova democracia" e garante que a única solução para os povos da América Latina é cerrar fileiras em torno de um bloco econômico e político. Como era de se imaginar, muita coisa do que Chávez diz é verdade e boa parte da indignação que expressa é justíssima. A Venezuela chega a ser apontada como o país mais corrupto da América Latina, atrás do Paraguai. Tem um PIB de 67 bilhões de dólares – mas estima-se que seus magnatas acumulem uma fortuna equivalente em paraísos fiscais. Chávez foi eleito em urna – diferença decisiva em relação a outros militares do continente. Planeja fazer reformas por meio de uma Constituinte, em vez de se valer de baionetas. Parabéns. Mas tais credenciais não bastam para transformá-lo num democrata sem retoques (*Veja*, edição n. 1596 de 05/05/1999, p. 60-62). (grifos nossos).

Verificamos, na materialidade do texto, algumas formulações linguísticas, como as que grifamos acima, que indicam como Chávez encontra-se subjetivado em *Veja*. Com base na análise dessas formulações, podemos afirmar que Chávez, mais do que um simples democrata excêntrico ou um genuíno militar, ocupa um lugar híbrido do ponto de vista da ciência política clássica (de ser esquerda ou direita, democrata ou ditador etc.).

Na materialidade textual destas formulações linguísticas, podemos verificar que Chávez ao se oferecer como candidato segundo as regras de uma Constituição que, meses depois; promete reformar; ao dizer que mudará o país de cima para baixo, mas criará uma “nova democracia”; e, sobretudo, ao ter a sua eleição pelas urnas colocada como uma **“diferença decisiva em relação a outros militares”** (p. 61), ocupa a

posição de sujeito de um político aparentemente esquerdista, posto que utiliza as vantagens de mercado proporcionadas pelo petróleo nacional, mas que, ao mesmo tempo, não é nem democrata nem ditador militar, estando num limiar em que o ponto fulcral parece ser a sua “ameaça” de estabelecer uma “nova democracia” e aprovar o texto de uma nova constituição. *Veja* materializa este ponto de ruptura no discurso sobre a democratização e a modernização na América Latina, democratização e modernização (essas já apontadas por Zoppi-Fontana (1997) em seu trabalho) quando indica que Chávez foi empossado **“numa cerimônia esdrúxula em que chamou de moribunda a mesma Constituição que é obrigado a defender sob juramento”** (*Veja*, edição n. 1596 de 05/05/1999, p. 60). O efeito de sentido destas expressões aponta para Chávez como um político que provoca instabilidade e transgressão à ordem posta (das coisas).

Na mesma matéria, encontramos ainda a formulação a seguir:

A tradição venezuelana garante, a todo presidente recém-empossado, um cheque em branco de seis meses, para legislar por decreto sem necessidade de negociar cada idéia nova no Congresso. Numa manobra para receber esses poderes especiais numa escala maior que a habitual, **Chávez mobilizou cabos eleitorais para ameaçar deputados e senadores com xingamentos e muita arruaça. Também entrou em conflito com a Suprema Corte sobre o caráter da Constituinte depois que os juízes disseram que ela poderia fazer as mudanças que quisesse nas instituições – menos dissolver o Congresso ou reformar o Judiciário.** Outro exemplo. Perguntado por *VEJA* em entrevista exclusiva se está arrependido pelo golpe de 1992, sua resposta é clara: "Não. Alguém tinha de fazer aquilo" (Idem, p. 61-62).

Nessa formulação, identificamos a mesma preocupação com uma certa “anti-democracia” contra a qual, pelo menos desde Montesquieu²⁸ com a separação dos poderes, as instituições democráticas modernas tem procurado blindar o poder executivo.

Ao mesmo tempo, a questão de Chávez evoca o gesto fundacional de que trata Zoppi-Fontana (1997), pois, no texto de *Veja*, Chávez assume a presidência por uma via democrática, e somente admite promover mudanças se aprovadas novas leis e uma nova Constituição Republicana, mediante consultas populares, via plebiscitos e votação por uma Assembléia Constituinte. Os elementos da República (NÓS), da Praça (liberdade) e da Constituição como *lugares de memória* no sentido de Nora (1984), aparecem nesta edição de *Veja* como indicativos de que o lugar de Chávez não é o de um mero militar, pois, nas formulações analisadas, os anseios populares encontram-se presentes.

²⁸ Falamos sobre Montesquieu no item 2.3 *Considerações Finais* do segundo capítulo.

As fotografias n. 13 e 14 já citadas neste texto (capítulo anterior) também compõem a matéria da edição 1707 de 04 de julho de 2001, que traz a reportagem “O CHARLATÃO BOLIVARIANO”. Esta edição apresenta estas imagens, relacionando Chávez a Fidel Castro como seu ídolo. As duas imagens abordam a noção de populismo autocrata. Notamos, portanto, que o fato de a edição 1747 de 17/04/2002 reutilizar, importar ou repetir as mesmas fotos, alguns meses depois (conforme verifica-se no capítulo antecedente), enfatiza uma relação política externa da Venezuela “chavista” para marcar politicamente o seu presidente.

Nessas edições, identificamos, portanto, uma posição de sujeito em que Chávez é apresentado como esquerdista e não-democrata. Aqui o *não-lugar* político a que temos nos referido em relação a Chávez começa a se delinear para formar um lugar de onde se exerce o poder de forma *ditatorial e dissociada do capitalismo financeiro*. Esta posição é reforçada quando o texto trata de amizade entre ditadores estrangeiros; *ditaduras militares* antecedentes ao governo chavista; e *favorecimento de amigos* – em oposição a um tecnicismo neutro exigido pelo paradigma de *poder democrático contemporâneo*, desvinculado do *saber do governante*, como pode ser observado nas formulações apresentadas a seguir:

Se entre os pobres Chávez é tido como um novo Bolívar, ou como um Robin Hood latino, a classe média e a alta já descobriram que ele é mais um populista ao estilo latino-americano, com discurso no modelo do nacionalismo esquerdista dos anos 50 e 60. Faz críticas à globalização e ao imperialismo americano e vende aos Estados Unidos mais da metade do petróleo exportado pelo país. Elogia países que não entendem muito de democracia, como Iraque, Cuba e Irã, dos quais se aproximou recentemente. De Fidel Castro, virou até amigo.

A Venezuela ficou imune, desde 1958, às ditaduras militares que assolavam a América do Sul. Depois do impeachment do ex-presidente Carlos Andrés Pérez, por corrupção, e do fracasso do governo de Rafael Caldera em reerguer a economia do país, os venezuelanos quiseram uma virada radical. Com tanta aprovação popular, Chávez venceu os cinco plebiscitos que convocou para acumular poderes. Fechou o Congresso, convocou uma assembléia constituinte para fazer uma nova Constituição (chamada de bolivariana, *por suposto*), elegeu-se novamente em julho passado para um novo mandato de seis anos, extinguiu o Senado e conseguiu intervir nas eleições da maior central sindical do país. Ao mesmo tempo, substituiu 90% dos juizes e 80% dos executivos da PDVSA, a gigante estatal do petróleo. Chávez colocou militares amigos, a maioria sem nenhuma experiência administrativa, em vários cargos nos ministérios, no banco central e nas estatais (*Veja*, edição n. 1707 de 04/07/2001, p. 63-64).

Há, entretanto, uma diferença básica que distancia o poder constituído, a que se refere Chávez, e aquele sustentado pelos discursos em circulação na América Latina

pós-ditaduras militares, identificados por Zoppi-Fontana (1997). Tal diferença diz respeito, às questões do sistema comunista ao qual Chávez é relacionado; e à retomada/rememoração das experiências Soviética (e do seu bloco) e Cubana (caso mais próximo quando se trata de América Latina). No processo de **modernização contemporânea**, a atualidade das doutrinas de esquerda, especialmente o comunismo revolucionário, é colocada em cheque.

Na edição n. 1891 de 09/02/2005, é veiculada uma reportagem denominada “CHÁVEZ, O NOVO HERÓI DA ESQUERDA”. Nas páginas do interior da revista, é apresentado o seguinte texto:

O encanto do coronel. Ao eleger como ícone o presidente venezuelano Hugo Chávez, a esquerda brasileira mostra que perdeu o rumo.

Hugo Chávez vive dias de festa. O Fórum Social Mundial de Porto Alegre converteu-se na entronização do presidente da Venezuela em farol da esquerda brasileira. Num ginásio esportivo da capital gaúcha, ele foi ovacionado por 15.000 pessoas, basicamente o mesmo público que vaiou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva no mesmo lugar, dias antes. Intelectuais brasileiros disputaram quase a tapa a oportunidade de posar ao lado do coronel. A elevação de Chávez a modelo tem mais a ver com a desorientação da esquerda brasileira do que com as idéias do venezuelano. Em tese, há fartura de escolhas melhores. Predominam na América do Sul os presidentes de centro-esquerda. O socialista Ricardo Lagos, que comanda a ascensão do Chile a um padrão de vida de Primeiro Mundo, por exemplo. Ou Luiz Inácio Lula da Silva, o operário que chegou lá. O argentino Néstor Kirchner é opção para quem gosta de personalidades erráticas. São governantes de esquerda que, de modo geral, adotam políticas realistas e sensatas.

Como se explica a escolha do extravagante venezuelano? "Ao apoiar Chávez, a esquerda latino-americana mostra que perdeu totalmente o rumo", diz o historiador Boris Fausto. **"Os ícones do passado eram, no mínimo, consistentes em seu ideal revolucionário, enquanto Chávez, hoje, oferece apenas um antiamericanismo tosco e primitivo."** **Depois de se decepcionar com Lula, que se recusou a adotar a política econômica proposta pela claue alternativa, parte da esquerda brasileira encontrou o venezuelano.** A escolha é perigosa, pois o coronel representa o repúdio à democracia representativa, que tanto custou aos brasileiros. Em seu país, ele se aproveitou da popularidade para usurpar os poderes do Estado e se converter em ditador. Do ponto de vista social, seu governo é um desastre. Como diz a piada argentina, Chávez gosta tanto de pobres que seu governo cuidou de multiplicá-los na Venezuela.

O que a esquerda brasileira vê em Chávez é um líder revolucionário surgido das massas. Em outros tempos, quando os ensinamentos de Karl Marx eram levados a sério, teria olhado com desconfiança sua promessa de resolver o problema da pobreza com medidas populistas. "A revolução bolivariana na Venezuela é o fato político mais importante da América Latina desde a Revolução Cubana de 1959", diz o escritor Fernando Morais, que também é admirador de Fidel Castro e do ex-governador paulista Orestes Quércia. **No ano passado, Morais levou a Caracas uma carta de solidariedade assinada por 69 personalidades brasileiras, entre elas o arquiteto Oscar Niemeyer, o compositor Chico Buarque e o governador Roberto Requião, do Paraná.** Fidel tem no currículo uma revolução fracassada, mas que inspirou uma geração. Já o presidente venezuelano é da categoria

caudilho iluminado, tipo comum na América hispânica, que se empenha em reconstruir o continente de acordo com suas fantasias revolucionárias. Na prática, Caracas tenta substituir Havana como quartel-general da esquerda violenta.

A arma para isso não é tanto o discurso vazio do presidente, mas o dinheiro do petróleo. Graças ao aumento dos preços, Chávez tem recursos para comprar apoio nas vizinhanças. Como Fidel, ele recebe com salamaleques os simpatizantes que visitam Caracas. Não há intelectual esquerdista que não se encante com palácio e tapete vermelho. A parte perigosa é o refúgio que Chávez oferece à narcoguerrilha colombiana. Ele também financiou Evo Morales, o líder dos distúrbios que derrubaram um presidente na Bolívia. Chávez inspirou e, de acordo com a imprensa peruana, deu dinheiro aos militares que tentaram uma sangrenta quartelada no Peru, no mês passado. O coronel vermelho dá petróleo praticamente de graça a Cuba e agora promete abastecer a Argentina com preços camaradas. É curioso que a Venezuela seja o terceiro maior fornecedor de petróleo dos Estados Unidos. A razão disso é que, apesar de toda a retórica, Chávez prefere evitar o confronto real com – as palavras são dele – "a mão peluda do imperialismo" (*Veja*, edição n. 1891 de 09/02/2005, p. 50-51).

Nas formulações acima, a dissociação de Chávez, por um lado: com a democracia representativa; com o presidente brasileiro Lula; e com o presidente chileno Ricardo Lagos (**governantes de esquerda** que adotam políticas realistas e sensatas), e, por outro lado, a sua associação: ao fracasso dos indicadores sociais na Venezuela; à narcoguerrilha colombiana; ao MST no Brasil; à esquerda violenta; a Fidel Castro; ao caudilhismo e ao populismo; e à dissimulação política de ter os EUA como parceiro comercial e contraditoriamente se opor ao imperialismo norteamericano, indicam que Chávez é discursivizado como **ditador comunista à moda antiga**, como na Rússia e na Alemanha Oriental do Século XX.

A utilização de nomes de intelectuais e de pessoas ilustres no texto, quando faz referência à carta entregue a Chávez por Moraes, indica retomada do romantismo do socialismo pré-revolucionário na Rússia ou dos resistentes dos regimes militares ou dos intelectuais franceses de meados do século XX etc., quando “ser comunista” e ler Karl Marx era pensar com a **vanguarda política**. Em confronto/ interpelação com o discurso de modernização identificado por Zoppi-Fontana (1997) e que se aplica à realidade social-democrata de hoje em dia, para qual pensar assim é ser **ultrapassado e carente de fundamentação**, principalmente fundamentação empírica, uma vez que os exemplos, como o fracasso da URSS e de Cuba, além do rumo político-econômico híbrido que tomou a China confirmam o referido fracasso. Podemos dizer, assim, que nas formulações acima, identificamos o funcionamento de uma posição de sujeito que

indica mudança na condição de possibilidade e de existência, e, conseqüentemente, ruptura no discurso sobre o comunismo

Courtine (2006), no texto intitulado *O pós-stalinismo, ou a metamorfose impossível*, afirma a este respeito que:

Um acontecimento discursivo inédito, com efeito, se produziu: o discurso comunista, pouco a pouco, perdeu seu valor performativo; tornou-se um discurso que não mais se sustenta.

Os signos dessa perda são numerosos. O discurso comunista sofre, antes de mais nada, desse tipo de descrédito que atualmente parece afetar a fala política, em geral. O vento da “pós-modernidade” soprou sobre as formas de representação política: a teatralidade do espetáculo político se transformou profundamente com as novas mídias, que perturbaram o lugar da fala na comunicação política. O discurso perdeu sua autonomia e sua eficácia; ele é, desde então, indissociável da imagem do homem político e está frequentemente subordinado a essa imagem. – destacamos (COURTINE, 2006, p. 112).

O modelo do orador político está passando por uma profunda metamorfose, à qual o Partido Comunista não soube se adaptar, na medida em que ele continua preso às *formas longas* e didáticas de uma eloqüência herdeira dos aparelhos religiosos e escolares. **Seu discurso, cujo conteúdo é repetido indefinidamente e cuja forma cristalizada numa retórica imóvel, parece doravante desqualificado por seu anacronismo, tão-logo ele é enunciado** – destacamos (*Idem*, p. 113).

O descrédito do discurso é acompanhado de um déficit de crença. (...)

As palavras, de repente, soam tão vazias que nos surpreendemos com o crédito de que elas puderam usufruir durante tanto tempo, nos surpreendemos ainda que elas tenham podido conquistar a adesão ou, ao contrário, suscitar tantos debates críticos. (...) **Temos o sentimento de ler uma fala de desafeto.**

Essa desafeição parece irreversível. O partido comunista esgotou o crédito de esperança e de utopia, do qual ele podia antes dispor – destacamos (*Idem*, p. 114).

Assim, o que assistimos aqui é a um processo de *mumificação política*. (...) Com o XXV Congresso do Partido Comunista Francês se abre a *era do pós-stalinismo*. O partido de tipo stalinista não mudou de natureza, mas ele perde sua base de massa: ele está se transformando no que Canetti chama de um “cristal de massa”, pequeno grupo de homens rígido e estritamente delimitado que se destaca de uma massa. Ele tem a nitidez, o isolamento, a constância do cristal. Absolutamente estático, ele pretende conjurar o horror de sua desintegração por meio de um tipo de hibernação histórica, que garantia sua permanência. As múmias não têm nada a temer do futuro. (*Idem*, p. 115).

Os fragmentos acima indicam que ocorreu uma mudança no cenário político local e mundial. Essa mudança indica uma discrepância entre os movimentos citados e o caso de Chávez na Venezuela, no nível de condição de possibilidade ou de existência

dos enunciados²⁹, pois, se em meados do século XX existia nas Universidades do Brasil, por exemplo, uma posição de subjetivação de intelectualidade e vanguardismo para os comunistas, hoje não se pode dizer o mesmo.

Após a derrocada da URSS e do modelo híbrido da China, e face a melhor adaptação/aceitação global ao modelo capitalista dos EUA (inclusive no que tange às liberdades individuais – ao menos no nível do discurso), a interpelação deste discurso comunista revolucionário nos dias de hoje nos mesmos ambientes de outrora (universidades, retomando o exemplo) já não tem o mesmo efeito, ou seja, o processo de tomada de posição pelo processo identificação com esse discurso perde força, pois, o que vem ocorrendo são **tomadas de posição** pelo processo de **desidentificação** e de **contra-identificação**. Sobre esses processos, Orlandi (1999) esclarece que

Devemos ainda lembrar que o sujeito discursivo é pensado como “posição” entre outras. Não é uma forma de subjetividade mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz (M. Foucault, 1969): é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz. (...) a língua também não é transparente ao mundo diretamente apreensível quando se trata da significação pois o vivido dos sujeitos é informado, constituído pela estrutura da ideologia (M. Pêcheux, 1975). (...)

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas (ORLANDI, 1999, p. 49-53).

Deste modo, quando falamos em processos de *identificação*, *contra-identificação* ou *desidentificação* em relação ao discurso comunista, dizemos do indivíduo que, uma vez interpelado, inconscientemente assume uma posição de sujeito: a) *identificando-se* com uma determinada formação discursiva³⁰ (FD), no sentido da AD, passando a dar voz ao que é autorizado dizer daquele *lugar*; b) *contra-*

²⁹ Conceito já abordado no primeiro capítulo do texto.

³⁰ Segundo Haroche, Henry e Pêcheux (1971) “Falar-se-á de formação ideológica para caracterizar um elemento suscetível de intervir como uma força que se confronta com outras forças, na conjuntura ideológica característica de uma formação social, num dado momento; cada formação ideológica constitui assim um complexo conjunto de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais, mas se reportam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito, umas em relações a outras [...] as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias **formações discursivas**, interligadas, que determinam **o que pode e deve ser dito** (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de um relatório, de um programa, etc.) **a partir de uma dada posição numa dada conjuntura**: [...] as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam; [...] **as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva para outra**” – destacamos (p. 102).

identificando-se, opondo-se a uma dada FD na medida em que aquela a qual “pertence” lhe é antagônica e contrária; c) ou *desidentificando-se* com uma determinada FD conseqüentemente identificando-se com outra, através de um efeito de deslocamento, conforme postulado por Pêcheux (1975).

Na edição 1935 de 14/12/2005, o enunciado *Chávez é um comunista demodé* é retomada. Nesta edição a matéria de *Veja* tratará do perfil político de Hugo Chávez comparando-o aos governos comunistas soviéticos. A formulação linguística que compõe o título da reportagem no índice da revista (p. 6) será: **“A SOVIETIZAÇÃO À MODA DE CHÁVEZ”**. Outras formulações indicam que Chávez é antidemocrático e seu governo, que cultua a imagem à moda de Stálin sem contudo melhorar a qualidade de vida da população, encontra-se ultrapassado e deslocado no tempo:

Há semelhanças entre a trajetória de Hitler e a de Chávez. Sobretudo num aspecto: como ocorreu com Hitler nos primeiros anos, a comunidade internacional não está dando a devida atenção à forma sistemática com que Chávez vem corroendo a liberdade na Venezuela. (...) (p. 158 e 160)

Muitos eleitores não foram votar por medo. Na semana anterior à votação, o CNE viu-se obrigado a suspender o uso de uma máquina de identificação dos eleitores com impressão digital, depois que uma auditoria independente revelou que o mecanismo permitiria ao governo saber em quem cada eleitor votou. (...) A informação é usada pelo governo venezuelano para perseguir os adversários: quem votou contra o presidente tem dificuldade para tirar passaporte e não consegue emprego público. (...) algumas companhias estão se valendo de empresas de fachada – que têm apenas funcionários politicamente "limpos" na folha de pagamento – para fechar os contratos com o governo. **Josef Stalin fazia o mesmo que Chávez.** (...)

Uma boa maneira de entender quais são as armas de **Chávez no seu projeto de destruir a democracia venezuelana** é percorrer as ruas de Caracas. Dois fenômenos marcam a paisagem da capital da Venezuela. O primeiro é a frota de carros americanos dos anos 70 que abarrotam as ruas da cidade, a maioria caindo aos pedaços e consumindo 1 litro de gasolina a cada 3 quilômetros. Só o quinto maior exportador de petróleo do planeta, como é o caso da Venezuela, poderia se dar ao luxo de ter tantos carros gastadores, alimentados por gasolina subsidiada ao preço de 11 centavos de real o litro. O segundo fenômeno é a profusão de gigantescos murais, grafites, cartazes e outdoors protagonizados pelo presidente Hugo Chávez. Em todos, Chávez aparece como o pai dos pobres e como o comandante que vai levar os venezuelanos a uma revolução socialista do século XXI. Em muitos, o presidente é colocado ao lado do ícone revolucionário Che Guevara ou de Fidel Castro, um amigo do peito. Petróleo e populismo. Essa é a fórmula que permitiu a Chávez concentrar poder e iniciar o controle da sociedade venezuelana em diversos setores, da economia à cultura. (...) A oposição a Chávez é fragmentada e ainda não se recuperou da derrota no plebiscito convocado para tirar o presidente do poder (*Veja*, edição n. 1935 de 14/12/2005, p. 162 e 164).

As imagens apresentadas nas figuras 13 a 29 do capítulo anterior e fragmentos acima, retomam a posição de sujeito e, logo, o enunciado de que Chávez é um ditador

comunista, que, por meio do controle da mídia e dos demais aparelhos do estado, influencia nas escolhas da população da Venezuela, ceifando-lhes as liberdades à moda de Hitler e Stalin. Além disso, o populismo é evocado como principal pilar de sustentação deste ultrapassado modelo econômico como é o modo de produção comunista, quando a passagem que trata dos carros e combustíveis opõe o baixo custo da gasolina à frota antiga e obsoleta de carros (americanos dos anos 70), para conformar seu total insucesso/ fracasso. Por outro lado, as imagens apresentadas nas figuras 13 a 29, capítulo anterior) e demais formulações combinam-se para produzir também o efeito de sentido segundo o qual a propaganda sobre o nome de Chávez possui um **caráter ideológico alienativo**, na medida em que estaria a esconder/ camuflar a realidade, à pior moda Stalinista, uma vez que as formulações verbais e não verbais das fotos abaixo convergem para uma posição de sujeito em que Chávez troca favores e abusa do poder (e dos instrumentos) estatais para cativar [alienando] seus eleitores.



Figura 31. *Veja*, edição n. 1935 de 14/12/2005, p. 157

A figura 31 apresenta, em segundo plano, a face de Chávez em perfil, com olhar sério, num certo agrupamento de pessoas. Um rosto desfocado ao fundo e um punho cerrado³¹ (mão esquerda) em primeiro plano dão esta impressão espacial. A fotografia

³¹ O punho cerrado e o braço erguido (ora esquerdo, ora direito) são representados em outras figuras já mencionadas neste trabalho, especialmente no capítulo 1 de análise, podendo, portanto, ser retomadas também nesta leitura (gestual de esquerda), entretanto ora atemo-nos mais sobre neste aspecto em virtude da posição de sujeito aqui analisada, que diz respeito a orientação político-ideológica de Chávez. As

apresentada na figura 1 indica determinação e, associada ao título O SENHOR DA VENEZUELA e a formulação relacionada à imagem: Hugo Chávez: no passado, ele liderou um fracassado golpe militar. Agora, usa a democracia para acabar com a democracia, materializa o enunciado *Chávez é um ditador comunista*. Além disso, o efeito de sentido do punho esquerdo cerrado retomando o gestual político adotado pelos socialistas³², é de uma “ditadura socialista”, no caso de Chávez.



"HONOR AL JEFE"

Hugo Chávez adotou um culto à personalidade ao estilo stalinista. Sua imagem está por toda parte, e só ele é responsável pelos sucessos do governo. Os erros, por sua vez, são atribuídos aos ministros e deputados. Todo domingo, o presidente chega a passar cinco horas falando de tudo na TV. Seu tema predileto é xingar a oposição.

Figuras 32, 33 e 34. *Veja*, edição n. 1935 de 14/12/2005, p. 158-159

As figuras 32, 33 e 34 exemplificam o propandismo de que trata a reportagem, entretanto, o pessoalismo que as imagens retratam (sempre com o rosto de Chávez em evidência) e os tons de vermelho, em que Chávez aparece recoberto, não deixam dúvida de que ele está ocupando o lugar de *ditador comunista*. Nesse sentido, a propaganda é a *propaganda comunista*, em que a vigília ideológica, típica dos momentos de tensão, a exemplo das ditaduras militares ou dos tempos de guerra fria, é a marca registrada.

imagens seriam: Figura 29. *Veja*, edição nº 2033 de 07/11/2007, Índice, p. 8; Figura 26. *Veja*, edição nº 1986 de 13/12/2006, capa; Figura 19. *Veja*, Edição 1903 de 04/05/2005, p. 6; e Figura 17. *Veja*, edição 1748 de 24/04/2002, p. 50, por exemplo, não obstante possamos encontrar o mesmo elemento em outras passagens da pesquisa.

³² Conforme texto publicado em: <http://eduexplica.blogspot.com/2009/09/um-punho-para-cada-ideologia.html>, intitulado: “Um punho para cada ideologia”, acessado em 03/11/2009, às 16h:11min.



UM ÚNICO FREGUÊS

Manifestante em marcha chavista, acima, à esquerda, e cooperativa têxtil em Caracas: as costureiras estão recebendo uma antecipação mensal de 250 reais, de crédito do governo, enquanto não conseguem lucro. Quando isso acontecer, também será com dinheiro do Estado: as únicas encomendas consistem em camisas vermelhas com propaganda do governo e dos programas sociais. Próximo da cooperativa têxtil, há uma de calçados em que o princípio é o mesmo: os fregueses são o governo, a PDVSA e Cuba. Assim, Chávez garante a dependência dos cooperativistas em relação ao governo indefinidamente.

Figuras 35 e 36. *Veja*, edição n. 1935 de 14/12/2005, p. 160-161



A FÉ DAS AVÓS BOLIVARIANAS

"Chávez é o meu comandante", diz Vilma Torres, de 59 anos, moradora do *barrio* Manicomio, um dos mais antigos de Caracas. Estima-se que metade dos moradores da capital viva nos *barrios*, o equivalente venezuelano às favelas. Vilma é uma veterana militante socialista e admiradora de primeira hora do presidente da Venezuela. "Graças a Chávez, consegui me naturalizar venezuelana depois de anos e agora posso votar nele", diz Vilma, que nasceu no Peru. Ela se orgulha de participar de quase uma dezena de grupos chavistas, como a Organização das Avós Solidárias e a Frente Bolivariana de Mulheres, e não sai de casa sem levar consigo uma pilha de jornais de movimentos sociais para distribuir na rua.

Figura 37. *Veja*, edição n. 1935 de 14/12/2005, p. 160

As figuras 35, 36 e 37 retomam o mesmo enunciado de que Chávez é um ditador comunista, pois, ao explorarem o propagandismo e o uso da máquina estatal a serviço do presidente e de seu referencial ideológico, (re)produzem o mesmo sentido.



Figuras 38, 39 e 40. *Veja*, edição n. 1968 de 09/08/2006, p. 46-47

A edição 1968 de 09/08/2006, embora trate mais especificamente da doença que tirou Fidel Castro do posto de maior poder no governo de Cuba (*comandante en jefe*), traz uma pequena passagem que trata de Hugo Chávez. As figuras 38, 39 e 40 (acima) abordam a ruína econômica de Cuba enquanto resultado dos anos de governo de Fidel. Ao lado, uma imagem com Fidel e Nikita Krushev sorrindo como amigos coloca o governo soviético da época da guerra fria como financiador das finanças cubanas.

Mais abaixo, em outra ocasião descontraída, Fidel Castro e Hugo Chávez aparecem, também sorrindo e conversando, percorrendo um rio em meio à floresta: o comentário coloca ambos os amigos externos como padrinhos, beneméritos financiadores, a quem Cuba sempre recorreu. Numa troca de posições, vemos que a posição de sujeito para ambos os “padrinhos” de que trata a reportagem é a mesma: padrinhos comunistas. Chávez, portanto, mais uma vez é colocado no lugar de **ditador comunista à moda soviética**. Assim, podemos afirmar que a formulação linguística e pictórica muda em relação a anterior, uma vez que é Stálin o político paradigma, mas o enunciado permanece inalterado.



Figura 41. *Veja*, edição n. 1970 de 23/08/2006, p. 46-47

A edição 1970 de 23/08/2006 apresenta uma matéria que também trata da saída de Fidel do poder por questão de saúde e retoma o mesmo enunciado sobre Chávez. A imagem apresentada na figura 41 indica o funcionamento da posição de sujeito em que Chávez e Fidel estão subjetivados como comunistas. Esta posição está em funcionamento também na formulação linguística: “Doença grave de Fidel abre a discussão entre os cubanos sobre **como recuperar os bens roubados pelos comunistas**”, que retoma o sentido de arbitrariedade do verbo “roubar”, pois quem rouba na posição de presidência é quem não respeita a ordem democrática, os bens (a propriedade privada) do povo – com seus esforços e trajetórias – e age acima de todos. No caso, agir em nome do *bem comum* apenas completa o sentido.

Dentre todas as revistas mencionadas e analisadas até o momento, a edição n. 1991 de 17/01/2007 é a que melhor indica o funcionamento da posição de sujeito em que Chávez é o político comunista/esquerdista *démodé*.

Na referida reportagem, que aborda a reeleição de Chávez para o terceiro mandato, identificamos esse funcionamento, principalmente em expressões tais como: “*socialismo do século XXI*”, “*centralização econômica*”, “*estatização de empresas*”, “*censura à imprensa*”, “*supressão velada ou violenta da atividade política não-alinhada com o governo*” e “*socialismo real*”, na Carta ao Leitor; e das expressões: “*o velho que finge ser novo*”, “*Chávez nada mais é do que a volta do velho*” e *reedição tardia do caudilhismo na América Latina*”, que aparecem em:

Carta ao leitor:

Por outro nome também deveria ser chamado o "socialismo do século XXI" de Chávez, pomposo rótulo para um rosário de fracassos de uma autocracia cada dia mais inviável. Um bom nome para a experimentação chavista poderia ser "involução bolivariana". Esse regime se define pela volta da centralização da economia, pela estatização de empresas definidas como estratégicas – telecomunicações e energia –, pela censura à imprensa e pela supressão velada ou violenta da atividade política não-alinhada com o governo. É a vitória da cegueira sobre a experiência. O século XX serviu de laboratório em larga escala para o tipo de organização social imposto por Chávez. Ele não funciona. O socialismo real produziu apenas miséria, servidão e guerras (*Veja*, edição n. 1991 de 17/01/2007, carta ao leitor, p. 9).

Reportagem:

Internacional. O velho que finge ser novo. O socialismo do século XXI anunciado por Chávez nada mais é que a volta do velho caudilhismo populista da América Latina. (*Idem*, p. 80-82)

A figura 42 também retoma a mesma posição de sujeito, ao mostrar Chávez de terno e gravata, com a faixa presidencial e em carro aberto, desfilando na rua, com o povo ao fundo.



Figura 42. *Veja*, edição n. 1991 de 17/01/2007, p. 80-81

As pétalas de rosa vermelhas, os militares fazendo a escolta trajando boinas vermelhas e os trajes vermelhos dos populares que saúdam Chávez atualizam o lugar de funcionamento do comunismo. O punho direito cerrado complementa este efeito de sentido, lembrando, conforme mencionado anteriormente³³, um gestual característico comunista. Convém salientar, contudo, que a utilização alternada de ambos os gestuais (outrora do punho esquerdo e agora o direito) retoma na verdade uma posição de esquerda (ou esquerdista), assim explicada pelos deslizamentos de sentido da

³³ Conforme citação anterior: texto publicado em <http://eduexplica.blogspot.com/2009/09/um-punho-para-cada-ideologia.html>, intitulado: "Um punho para cada ideologia", acesso em 03/11/2009, às 16h:11min.

representação, em um momento, de saudação socialista e, em outro, mais explícito, comunista.

Em outro trecho da mesma reportagem, o lugar discursivo de modernização via democracia, postulado por Zoppi-Fontana (1997), é retomado por *Veja*, para *dessubjetivar* – no sentido de *deslocamento de uma posição ou lugar de subjetivação a outra(o), enquanto formação imaginária* (ORLANDI, 1999, p.40) – Chávez deste lugar de **democrata moderno**, quando o tema do sucateamento do país é evocado na materialidade do fragmento citado a seguir, especialmente pelo o emprego da expressão “*O atual pacote de reformas de Chávez é **contra a modernidade e a integração econômica***”:

Quem sofre com tudo isso é a Venezuela. Apesar do falatório, as medidas de Hugo Chávez são irrelevantes para os vizinhos, exceto para Estados fracassados, como a Bolívia, onde Chávez financia um clone ainda mais primitivo, Evo Morales. O atual pacote de reformas de Chávez é contra a modernidade e a integração econômica porque, quando um país começa a implementar medidas hostis aos negócios, como ocorre na Venezuela, acaba por se isolar no cenário mundial e perde os benefícios do intercâmbio de informação e produtos da economia global (*Veja*, edição n. 1991 de 17/01/2007, p. 81-82).

A edição n. 2027 de 26/09/2007 publica uma matéria que trata da alteração curricular na Venezuela, indicando que Chávez, na qualidade de aspirante a ditador, pretende usar as escolas que funcionam como um dos aparelhos ideológicos do Estado, no sentido de Althusser (1969) para fazer uma lavagem cerebral nos jovens estudantes para, com isso, por meio do doutrinamento político-ideológico regionalista-comunista, assegurar, pela via democrática, a sua manutenção no poder enquanto ditador, como pode ser observado a seguir:



Figura 43. *Veja*, edição n. 2027 de 07/11/2007, p. 86-87

Logo abaixo do título da matéria, “A MÁ EDUCAÇÃO DE CHÁVEZ”, é apresentada seguinte formulação linguística: “O coronel-presidente prepara reforma educativa para **impor suas idéias às crianças**” (*Veja*, edição n. 2027 de 26/09/2007, p. 86-87). A ambiguidade (ou equivocidade) da expressão “má educação de Chávez” pode implicar a) o aspecto obsoleto do que Chávez aprendeu e prega aos cidadãos (uma espécie de “instrução ideológica esquerdista”; b) a falta de polidez (truculência) no seu comportamento impositivo; c) e a educação de péssima qualidade que pretende proporcionar às crianças venezuelanas. Isto tudo encena um caráter esquerdista-autoritário-alienativo de Chávez, no que tange à educação do seu país.

Na posição de sujeito em funcionamento, Chávez pretende controlar pela alienação (e não pela ideologização ou conscientização) as crianças do seu país.

A Figura 43 mostra Hugo Chávez com uma camisa vermelha e calças pretas, numa sala de aula branca, diante de crianças entre 06 e 10 anos de idade, meninos e meninas, vestidos de camisas brancas, sentados em suas carteiras e mesas, com o olhar para o presidente que segura um globo terrestre na mão direita, apontando com a esquerda para América Latina, voltada para a lente do fotógrafo. A pose sugere que Chávez está dando uma espécie de palestra às crianças. A disposição de mãos e gestos em torno do artefato (globo terrestre), e o ar descontraído com que o segura, relembra o filme “O Grande Ditador” de Charles Chaplin. Na posição em funcionamento na formulação “O presidente no primeiro dia de aula: inspiração em Cuba e história adulterada”, a inspiração para esta medida foi Cuba e o foco é a adulteração de fatos históricos com o intuito deliberado de manipular “verdades” (interpretações e narrativas) de cunho político-ideológico no país.

A posição **de ditador comunista** funciona também nas demais formulações no corpo central do texto:

Para chegarem ao poder, aspirantes a ditadores podem escolher dois caminhos: usar a força ou se eleger em eleições democráticas. Para tornarem perene sua tirania, no entanto, devem saber manipular os objetivos e a visão de mundo de seu povo. Nesse quesito, Hugo Chávez, presidente eleito da Venezuela em 1998, já mantém sob seu jugo os canais de televisão e inibe os jornalistas da oposição com ameaças de processos judiciais. Com isso, **controla a informação que chega a 80% dos venezuelanos.** Na semana passada, Chávez anunciou um plano de doutrinação destinado a ter repercussão ainda mais duradoura sobre os venezuelanos – a reforma do currículo nacional de educação primária e secundária. No Sistema Educativo

Bolivariano, como o projeto é chamado, crianças entoarão canções ao herói da independência nacional, Simon Bolívar, e **aprenderão a odiar os colonizadores europeus, incluindo Cristóvão Colombo. O golpe de estado fracassado de Chávez, em 1992, desaparecerá dos livros didáticos** e o conceito de soberania nacional, tão valioso às ditaduras militares latino-americanas, será transformado em pura xenofobia. (...) Na semana passada, Chávez – ao lado de seu irmão Adán, ministro da Educação – anunciou que **as escolas privadas que se recusarem a adotar o novo sistema serão fechadas ou estatizadas.** (Veja, edição n. 2027 de 26/09/2007, p. 86-87).

Isto pode ser observado, principalmente, nas expressões acima destacadas/negritadas. Todas estas formulações linguísticas indicam que na posição de sujeito, na qual Chávez aparece subjetivado, o controle da sociedade, por meio dos meios de comunicação e do doutrinamento político amparam a manutenção do governante no poder de forma não democrática, em franca oposição aos discursos de democratização e de modernização identificados por Zoppi-Fontana (1997).

Na mesma edição, um quadro denominado “O ABC DO TOTALITARISMO” (Veja, edição n. 2027 de 26/09/2007, p. 86-87), compara o novo currículo escolar da Venezuela a medidas adotadas por governantes subjetivados na posição de sujeito de ditadores totalitaristas:

O ABC DO TOTALITARISMO

O currículo que Hugo Chávez vai impor às escolas da Venezuela segue a cartilha de Hitler, Stalin e Mao

<p>O NOVO CURRÍCULO...</p> <p>...retira dos livros escolares referências à fracassada tentativa de golpe militar comandada por Chávez em 1992. O assassinato do presidente Carlos Andrés Pérez estava nos planos dos militares golpistas</p>	<p>...enaltece o legado de índios e negros e retrata os europeus como opressores</p>	<p>...estabelece a necessidade de um "compromisso coletivo" em defesa da soberania nacional. E uma referência às milícias populares criadas por Chávez</p>	<p>...exalta "movimentos de libertação", em especial aqueles que resultaram em ditaduras comunistas na Coreia do Norte, em Cuba, na China e em outros países</p>
<p>POR QUE ISSO NOS LEMBRA HITLER, STALIN, MAO</p> <p>Omitir fatos do passado e reescrever a história é típico das ditaduras. Na União Soviética, os desafetos de Stalin chegavam a ser apagados de fotos históricas</p>	<p>Impor uma versão mística das origens nacionais e desconsiderar a contribuição positiva de outras etnias é próprio de regimes racistas. Hitler impôs o culto à hipotética "raça ariana" e tentou exterminar "raças inferiores"</p>	<p>Uma força armada criada à margem das instituições nacionais e fiel apenas ao chefe supremo é comum nas ditaduras. Hitler tinha as SS. Seu aliado Benito Mussolini dispunha dos camisas-negras para atacar os adversários</p>	<p>O conceito de que a "libertação" justifica crimes cometidos pelo regime revolucionário está no cerne das atrocidades nazistas e comunistas. Só o grande salto para a frente de Mao Tsé-tung causou a morte de 30 milhões de chineses</p>

Fonte: Leonardo Carvajal, da Ucab

Figura 44. , edição n. 2027 de 26/09/2007, p. 86-87

No conjunto de formulações verbais e não verbais apresentadas na figura 44 funciona uma posição que indica que a Venezuela copiou as diretrizes escolares de: *Stálin* com o objetivo de apagar fatos desinteressantes a Chávez; de *Hitler*, para exaltar o passado mítico e grandioso, bem como para estimular um ideal militar segundo o qual

todos devem se comprometer com a soberania nacional, inclusive criando milícias paramilitares populares; de *Mao*, com a finalidade de utilizar do pretexto da libertação para justificar crimes políticos e de guerra contra seus opositores. A forma como esses líderes encontram-se representados na figura 44 – Stálin e Mao em pose de fala a algum público, *erguendo o braço direito* (gestual tipicamente comunista), e Hitler de braços cruzados, concentrado, olhando para um ponto fixo –, todos três com fardamentos militar –, remete-nos à autocracia, à intransigência e ao militarismo, independentemente do referencial político e de seus contextos nacionais.

3.3 Considerações finais

A análise, neste capítulo, das formulações verbais e não verbais selecionadas indicam que Chávez ocupa a posição de sujeito de *comunista*, como uma forma político-ideológica ultrapassada, fracassada e “démodé”, em oposição aos discursos de democratização e modernização postulados por Zoppi-Fontana (1997) no que tange à América Latina como acontecimento discursivo de ordem global/mundial ante as condições de possibilidade e de existência do final século XX e início do XXI.

O quadro apresentado na figura 44 aponta para outra ruptura no que tange à ascensão de Chávez ao poder na Venezuela e nos leva a discutir a terceira posição de sujeito de que trataremos no próximo capítulo ou capítulo 4: a posição de inimigo, em que o personagem Hugo Chávez no cenário político externo vai ser subjetivado – o que tocará inevitavelmente na América Latina e na sua relação com o Brasil.

4 CHÁVEZ INIMIGO

4.1 Considerações iniciais

Conforme explicitado no capítulo 1, apesar de a proposta original do projeto ter apenas duas hipóteses de enunciado em relação a Chávez: **Tirano** e **Comunista**, durante o levantamento do *corpus* os dados indicaram outra posição de sujeito: a de **Inimigo**, posição decorrente do lugar em que a “Venezuela de Chávez” passou a ser colocada em relação a um ou outro país (ou chefe de estado), dentro do jogo de poder-saber³⁴ da diplomacia mundial, especialmente no tocante ao ocidente e à América Latina.

Essa posição reaparece não como uma posição-verdade-estática diante deste meio tão dinâmico que é o das relações externas entre os países (como se destinado a responder: a “Venezuela de Chávez” é perpetuamente inimiga deste país ou daquele país?), mas sim como ameaça que **Chávez representa** e *contra o que* aparece representado como inimigo.

Nesse sentido, ao invés de identificarmos o funcionamento dessa posição em relação a outros atores políticos ou estados, identificamos uma posição, e, conseqüentemente, o enunciado atualizado indicando que Chávez figura como **inimigo da democracia e das formas/ instituições democráticas** em geral, ainda que as formulações apontem para conflitos com a Colômbia, Espanha, Estados Unidos ou Brasil.

Neste capítulo, portanto, analisamos, como base em alguns pressupostos teóricos explicitados nos capítulos anteriores, formulações selecionadas de reportagens de *Veja* que tratam das relações diplomáticas entre a Venezuela de Chávez e outros países. O objetivo é identificar, nas formulações linguísticas e não-linguísticas desses textos, posições de sujeito em que Chávez figura como amigo ou inimigo externo de algumas nações, especialmente no caso do Brasil.

Para tanto levamos em conta dois aspectos: 1) que a diplomacia é um campo um tanto quanto volátil ou movediço em que as condições de possibilidade e de existência

³⁴ Aqui nos referimos ao conceito de saber/verdade de que fala Foucault em *A arqueologia do saber* (1969) e não do *saber habilidade/estratégia/experiência*, que metaforicamente fala no *A verdade e as formas jurídicas* (1974), II conferência, ao comentar o Édipo de Sófocles.

de um dia, podem ser totalmente diferentes em outro, dada a complexidade que envolve as relações externas entre os países; 2) e que não se tomará como ponto de partida a análise científica política tradicional em que as posições de cada país parecem estar engessadas em períodos lineares de história, seguindo um curso retilíneo e uniforme, levar-se-á em conta, portanto, o aspecto discursivo da materialidade dos textos de *Veja*, bem como os efeitos de sentido³⁵ produzidos, pois concordamos com Pêcheux (1983b, p. 51), segundo o qual os discursos são atravessados por uma divisão entre dois espaços discursivos, cuja fronteira é difícil de determinar: a) o da manipulação das significações estabilizadas, normalizadas; b) e o das transformações do sentido. Entre essas fronteiras, há uma zona discursiva intermediária de processos discursivos que deriva do jurídico, do administrativo e das convenções da vida cotidiana

4.2 Análises e discussão

Partindo dos fundamentos propostos por Zoppi-Fontana (1997), entendemos que com o advento *da constitucionalização democrática dos países inseridos no contexto do ocidente* (especialmente EUA e oeste europeu), *das pós-ditaduras latino americanas e da democratização dos países do leste europeu pós-comunismo*, as regras do jogo político mundiais sofreram uma ruptura e a possibilidade de eleição pelo voto direito da população erige como verdadeiro inimigo dos países **as ditaduras e os governos personalistas**.

Assim, tudo que vai de encontro aos valores democráticos, tudo que é anti-democrático, carrega em si embrionariamente algo que deve ser hostilizado pelos povos e pela comunidade internacional, como efeito da retirada gradual do *saber* da esfera do *poder*, numa tentativa de neutralizá-lo e transformá-lo numa estrutura vazia (FOUCAULT, 1974).

Neste sentido, qualquer menção a permanência indefinida de um governante no comando de uma nação ou de um governo passa a ser interpretada como uma atitude condenável e merecedora de repúdio. Isto explica o fato de diversos políticos notáveis

³⁵ Orlandi (1999) dirá que: “As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações. Este é o efeito da determinação do interdiscurso (da memória)” (p. 46). E ainda que: “no discurso, o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo, ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos “lugares”, [...] proibem-se certas “posições” de sujeito (1992, p. 76).

no cenário mundial terem sido encenados e subjetivados na posição de sujeito de **inimigo externo**, muitos deles já mencionados no corpo deste trabalho: Saddam Hussein (do Iraque), Stálin (ex-URSS), Hitler (Alemanha Nazista), Fidel Castro (Cuba), Mahmoud Ahmadinejad (presidente do Irã), Kim Jong-Il (chefe de estado norte coreano), Muamar Kadafi (da Líbia), dentre outros. Para que um ator político possa ser subjetivado no lugar de **governante ou país amigo** é preciso que respeite à soberania dos seus vizinhos e demais estados, respeito aos investimentos externos no território, acate diretrizes legitimamente comuns (geralmente extraídas de fóruns, encontros ou outros órgãos representativos das nações, ONU, por exemplo), bem como tenha decoro para com outros chefes de estado e seus povos.

Nas formulações do quadro apresentado na figura 44 do capítulo 3, vimos que Chávez encontra-se subjetivado como um dos **inimigos da democracia e das instituições democráticas**, figurando ao lado de Hitler, Mao e Stálin como ditadores que usavam a manipulação de “verdades” (interpretações e narrativas) para conseguir, por meio da propaganda e do doutrinação ideológico (no sentido de alienação), o apoio do seu povo. Ressaltamos que nenhum desses atores políticos ocupou a posição de sujeito de amigo ou aliado dos EUA ou do poder legitimamente instituído pela via democrática.

Na edição 1747 de *Veja* de 17/04/2002, já referenciada no capítulo 2 identificamos formulações linguísticas que indicam de um lado, que existe inimizade entre Fidel x EUA e Saddam Hussein x EUA; e, de outro lado; que Chávez é amigo de Saddam Hussein e de Fidel Castro, como pode ser observado nas imagens apresentadas nas figuras 14 e 15 do capítulo 2 e retomadas abaixo:



Figura 14 (capítulo 2)



Figura15 (capítulo 2)

Veja, edição n. 1747 de 17/04/2002, p. 45

Na edição 1903 de 04/05/2005, referida também no capítulo 2, Chávez é novamente subjetivado como amigo de Fidel e de outros ditadores, inclusive na

qualidade de financiador e sucessor do Cubano, no que diz respeito a uma posição de liderança comunista ou de esquerda radical na América Latina, pois o título da matéria é “QUEM PRECISA DE UM NOVO FIDEL?”.

Nesse sentido, ao mobilizar as expressões “o patrono” para se referir a Fidel e “os amigos do coronel” para se referir aos ditadores Muamar Kadafi e Saddam Hussein e ao líder de movimento de “invasão” (*sic*) de terras, *Veja* materializa a posição em **Chávez é de inimigo da democracia**, colocando-o numa posição integrante de um bloco de inimigos dos Estados Unidos da América.

A edição 1787 de 29/01/2003, por sua vez, veicula a reportagem que trata de forma mais direta e incisiva o tema da diplomacia em relação a Chávez. Nela é discursivizada a ida do ex-presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, prêmio Nobel da paz em 2002, para intermediar um diálogo entre governo (Chávez) e oposição. A matéria intitulada “*OUTRO DEIXA-DISSO. Nem Carter convence Chávez e oposição a negociar um compromisso na Venezuela*” diz que:

Na semana passada, mais um mediador de peso surgiu para tentar o diálogo entre o presidente Hugo Chávez e a barulhenta oposição venezuelana, que há sete semanas mantém o país paralisado por uma greve geral: o ex-presidente americano Jimmy Carter, Nobel da Paz de 2002. Ele apresentou duas propostas: a realização de um referendo em agosto que decidiria a permanência de Chávez ou uma emenda constitucional que encurtaria seu mandato de seis anos e meio para quatro, com eleições presidenciais no ano que vem. Governo e oposição só viram defeitos na proposta. O que não falta na crise da Venezuela são mediadores internacionais e propostas sensatas. A iniciativa mais importante é a do Clube de Amigos, formado por Brasil, Estados Unidos, México e Chile, com Espanha e Portugal como observadores. Sua primeira reunião foi na sexta-feira passada – mas sua eficácia está ameaçada pela má vontade de Chávez. Apesar de o Clube ser o resultado de uma sugestão sua ao governo brasileiro, o presidente venezuelano não está satisfeito com sua composição. Chávez insiste que reúne mais inimigos do que amigos dentro do Clube e quer incluir Rússia, França e China. No sábado 18, ele apareceu em Brasília para pedir ao presidente Lula uma nova composição do grupo de mediadores. Lula mandou-o de volta a Caracas sem lhe dar nada em troca – ele já descobriu que Chávez é uma amolação (*Veja*, edição n. 1787 de 29/01/2003, p. 66)

A materialidade discursiva desta reportagem aponta para a presença de um importante negociador na Venezuela com o intuito de apaziguar as relações conflituosas entre governistas/chavistas e oposição, não apenas pelo fato de ser um ex-presidente dos EUA, mas também por ser um prêmio Nobel da paz do ano de 2002.

A matéria discursiviza ainda sobre um grupo de amigos que acompanha as negociações na qualidade de observadores internacionais, sendo chamados de “Clube de

Amigos, formado por Brasil, Estados Unidos, México e Chile, com Espanha e Portugal como observadores”, entretanto logo relata que “Apesar de o Clube ser o resultado de uma sugestão sua ao governo brasileiro, o presidente venezuelano não está satisfeito com sua composição. Chávez insiste que reúne mais inimigos do que amigos dentro do Clube e quer incluir Rússia, França e China”.

Notamos aqui que no jogo de memória a) China e à Rússia são referenciadas como nações comunistas; b) os Estados Unidos e a Espanha são referenciadas como *suspeitas de inimigos externos de Chávez*; c) e China, Rússia e França foram são referenciadas nações amigas da Venezuela no cenário mundial.

Um mês depois, a edição *Veja* n. 1791 de 26 de fevereiro de 2003, retoma o conflito entre governistas/ chavistas e opositores, para noticiar uma “CAÇA ÀS BRUXAS DEPOIS DA GREVE CONTRA CHÁVEZ” (p. 8 do índice), em que “Chávez desiste de diálogo e aumenta a pressão sobre seus opositores”:

a polícia pôs na cadeia um dos líderes da greve geral, Carlos Fernández, presidente da maior associação empresarial do país. A ordem foi expedida por um juiz por crime de "rebelião civil e traição à pátria". Não é coincidência, assim, que Chávez tenha dito publicamente que os opositores mereciam ir para a cadeia. Ao desistir de qualquer diálogo político, o presidente desmoraliza a diplomacia brasileira, que tanto se esforçou para mediar o impasse entre os venezuelanos. Também fica sem sentido o Clube de Amigos da Venezuela, capitaneado pelo Brasil e Luiz Inácio Lula da Silva. Esse clube reúne países interessados na busca de uma solução negociada para a crise política em Caracas (*Veja*, edição n. 1791 de 26/02/2003, p. 54).

As formulações verbais acima transcritas indicam que Chávez foi, novamente, subjetivado na posição de um ditador ao estilo soviético-stalinista, caçando seus opositores para garantir, pela força, o controle do que está autorizado a circular. Nesse caso, o presidente venezuelano encontra-se subjetivado no **lugar de antidemocrata (inimigo da democracia)**, daquele que emperra por ato de vontade deliberada o funcionamento das instituições democráticas, haja vista ter sido preso *um dos líderes da greve geral*, considerada uma manifestação popular.

Ao dizer que, desistindo do diálogo e adotando as medidas de caça aos opositores, Chávez “*desmoraliza a diplomacia brasileira*” e que “*também fica sem sentido o Clube de Amigos da Venezuela, capitaneado pelo Brasil e Luiz Inácio Lula da Silva*”, o texto retoma, em suas formulações, o enunciado **Chávez é um inimigo**. Desta

vez, porém, inimigo do Brasil que fez pouco caso dos esforços do Brasil e de Lula, desmoralizando-os.

Dessa forma, o efeito de sentido das formulações selecionadas dos textos de *Veja* e aqui analisadas é que Chávez estaria ridicularizando o Brasil e fazendo pouco caso da generosidade do país e do seu presidente, Lula, em querer colaborar com os problemas da Venezuela. Em outras palavras, o efeito de sentido é que **Chávez é um amigo mal agradecido**. Os leitores deste periódico, portanto, são interpelados a se identificarem ou contra-identificarem com esse efeito de sentido.

Na edição 1889 de 26/01/2005, *Veja* veicula a matéria “A NOVA BRIGA DE CHÁVEZ”, em que noticia a interferência de Chávez nos assuntos externos da Colômbia, relacionando-o com as FARC, força armada paramilitar contra quem luta o exército republicano colombiano.



Figura 45
Veja, Edição n. 1889 de 26/01/2005, p. 64-65



Figura 46.



Figura 47.
Veja, Edição n. 1889 de 26/01/2005, p. 64-65

As formulações verbais do título e do subtítulo (Um vizinho amigo do bandido. Crise diplomática entre Venezuela e Colômbia expõe as ligações do presidente Hugo Chávez com a guerrilha colombiana.), combinadas com as formulações pictóricas (não-

verbais) das imagens apresentadas nas figuras 45, 46 e 47 que compõem a matéria, indicam uma situação de impasse entre Álvaro Uribe, presidente da Colômbia, e Chávez.

Na **figura 45**, Uribe é apresentado de óculos, cabelo bem penteado, terno preto e camisa e gravata em tons azuis claros, em um espaço aberto, com o dedo indicador da mão direita em riste, discursando de forma intransigente (no sentido de não fazer concessões, não transigir sobre aquilo que se fala). Na **figura 46**, Chávez é encenado com a sua típica camisa vermelha de botões, com o corpo levemente curvado e inclinado, segurando um taco de beisebol e fazendo o movimento de batida em algo. Assim, o fato de a foto de Uribe estar disposta na mesma direção da atacada, justaposta, indica que esta tem como “alvo” a cabeça de Uribe. Na **figura 47**, Rodrigo Granda aparece algemado e conduzido coercitivamente por quatro soldados trajando uniformes e fortemente armados.

As figuras 45 e 46 são comentadas por *Veja* como: “*O presidente Hugo Chávez: irritação por ter sido o último a saber do sequestro e prisão, na Venezuela, do terrorista Granda, das Farc (à dir.)*” (*Veja*, edição n. 1889 de 26/01/2005, p. 65). Na posição de sujeito presentificada, Chávez cultivou inimizade com a Colômbia de Uribe ao fornecer guarida a terroristas das FARC que lutam contra o exército para controlar o território nacional. A menção ao apoio às FARC (aqui subjetivadas como terroristas que lutam contra o poder legitimamente instituído em outro país) retoma, por meio de outras formulações, o mesmo enunciado já destacado de que **Chávez é um inimigo da democracia**, especialmente no que concerne aos países e aos governantes democratas que defendem as instituições legitimamente instituídas no contexto das pós-ditaduras na América Latina, neste caso: a Colômbia, pois Chávez aparece como aquele que agride a soberania política e jurídica deste país.

A edição 1899, de 06 de abril de 2005, retoma o mesmo enunciado acima descrito por meio da matéria “VENEZUELA. COMO LIDAR COM CHÁVEZ, O BOM COMPRADOR (DE ARMAS)” (índice, p. 4). É preciso observar que o uso dos parênteses para separar o termo *armas* das demais palavras marca uma posição de militarismo e belicismo (de não-paz) em relação à Chávez, por destacá-la diante de todas as outras possibilidades *de compra* que o verbo implica:

INTERNACIONAL - TODOS QUEREM VENDER A CHÁVEZ

Com os cofres cheios de petrodólares, o presidente venezuelano usa o talão de cheques para fazer amigos e influenciar países.

Como uma grande democracia européia deve lidar com um **tiranete do Terceiro Mundo**? Bem, a resposta parece depender de quanto dinheiro ele tem para gastar. (...) Na semana passada, o primeiro-ministro espanhol, o socialista José Luis Rodríguez Zapatero, fechou um contrato de 1,7 bilhão de dólares para a venda de armas para a Venezuela. (...) Para Rajoy, não se deve vender armas a um **governo empenhado em destruir de forma sistemática a democracia em seu país**. Sobretudo no momento em que Chávez está empenhado em complicar a própria vida com as **ameaças que faz aos Estados Unidos**.

O anúncio do negócio das armas espanholas foi feito na reunião dos chefes de governo do Brasil, Colômbia, Venezuela e Espanha, na semana passada, em Caracas. (...) Uribe quer preservar os bons negócios, mas sabe que **precisa ficar de olhos abertos porque o coronel de Caracas continua um bom amigo das Farc** (*Veja*, edição n. 1899 de 06/04/2005, p. 56-57) – negritamos e destacamos.

Neste trecho da edição n. 1899 de 06/04/2005, destacamos as seguintes formulações lingüísticas: *tiranete do Terceiro Mundo*; *governo empenhado em destruir de forma sistemática a democracia*, *ameaças que faz aos Estados Unidos*, *coronel de Caracas continua um bom amigo das Farc*. Essas formulações e expressões são marcadas pelo funcionamento de uma posição de sujeito segundo a qual **Chávez é uma ameaça, não só simbólica, mas real e constante, à democracia**.

A imagem apresentada na figura 48 abaixo mostra um aperto de mão entre os chefes de governo da Colômbia, Espanha, Venezuela e Brasil (da esquerda para a direita): Álvaro Uribe, da Colômbia; José Luis Rodríguez Zapatero, da Espanha; Hugo Chávez e Luis Inácio Lula da Silva, do Brasil, todos de terno, num dia de sol, em um campo aberto e com árvores ao fundo, indicando que as relações econômicas entre Colômbia e Venezuela prevalecem em detrimento das diferenças ideológicas.



Figura 48. *Veja*, edição n. 1899 de 06/04/2005, p. 56-57

Além disso, a imagem apresentada nessa figura mobiliza as formulações verbais do início da reportagem *“TODOS QUEREM VENDER A CHÁVEZ. Com os cofres cheios de petrodólares, o presidente venezuelano usa o talão de cheques para fazer amigos e influenciar países”*, produzindo um efeito de sentido que tal arranjo diplomático somente foi possível pelo poder financeiro que o petróleo da Venezuela representa para outros países e governantes. Dito de outra maneira, o efeito de sentido é que os políticos que posam ao lado de Chávez colocam as questões econômicas de seus países acima das questões ideológicas.

Na capa da edição 1955 de 10/05/2006, apresentada na figura 49 abaixo, o presidente brasileiro Luiz Inácio da Silva (Lula) aparece, em uma imagem, de costas, em pose desolada, com um chute (um pontapé) no “traseiro”, como se expulso ou destituído de alguma posição. O “pé” que o chutou usava sapatos sujos de óleo, no caso, o petróleo, que é a principal marca de riqueza da Venezuela e que é uma grande força econômica também para o Brasil, com a empresa pública Petrobrás.



Figura 49. *Veja*, edição n. 1955 de 10/05/2006, capa

Tanto na formulação não verbal quanto na formulação verbal: *“Lula dormiu com o ‘grande gula’ da América latina e acordou como mais um bobo da corte do venezuelano Hugo Chávez, que tramou o roubo do patrimônio brasileiro na Bolívia”*, encontra-se em funcionamento a posição de sujeito em que Chávez é uma ameaça. ao

patrimônio e à soberania política e jurídica brasileiras e da América Latina. Indica que Chávez traiu o Brasil, governado por Lula.

No índice da mesma edição, encontramos ainda, uma imagem, apresentada na figura 50, que mostra Hugo Chávez e Evo Morales, então presidente da Bolívia, rindo, galhofando da proeza de Chávez, no caso: a nacionalização da produção de gás e de petróleo do seu país, por meio da apropriação de bens (usinas, refinarias etc.) da Petrobrás. Mais uma vez, Chávez é subjetivado numa posição de ameaça ao direito de propriedade de estrangeiros em seu país e como um presidente que se fortalece fazendo alianças com outros atores políticos aliados.



Figura 50. *Veja*, edição n. 1955 de 10/05/2006, p. 10

Nas páginas 88 e 89 da mesma edição, duas imagens, lado a lado, apresentadas nas figuras 51 e 52 abaixo, mostram, de um lado, Chávez, Fidel e Morales em comemoração; e, de outro lado, Lula sentado, em pose carrancuda/preocupada, olhando fixamente em alguma direção, como quem se depara com algo que não esperava.



Figuras 51 (à esq.) e 52 (à dir.). *Veja*, edição n. 1955 de 10/05/2006, p. 88-89

A figura 51 apresenta Fidel como referência, ao fundo, lançando um olhar entreaberto de aprovação ao aperto de mãos de Chávez e Morales, à frente. A diferença de sombras atrás da orelha de Chávez e a aba da boina de Fidel indicam tratar-se de *uma montagem de fotografia*, ou seja, o jogo de olhares do cubano foi propositadamente construído para produzir este efeito de sentido.

Na figura 52, denominada de “Os líderes e o liderado” – justaposta sobre a Figura 51 –, Lula (e, por conseguinte, o Brasil) é apresentado destituído de uma posição de sujeito que supostamente possuía: a posição de líder dos países latino-americanos, que assistiu passivamente a nacionalização de bens brasileiros em território alheio, sem interferir neste processo. E como a soberania política/ jurídica de um estado e o direito à propriedade são dois dos principais pilares do estado democrático de direito, novamente Chávez, desta vez ao lado de Fidel e Morales, encontra-se subjetivado num lugar discursivo em que é inimigo do Brasil e de Lula, bem como **das instituições democráticas na América Latina e no mundo**.

A edição 1991 de 17/01/2007 (já citada no capítulo 3) apresenta, na seção “Carta ao Leitor”, página 9 – logo após o índice, o texto abaixo, cujo título é **Um inimigo do Brasil**: O texto é marcado pela formulação “Chávez pode até ter amigos na cúpula do PT, mas é inimigo de uma América Latina e de um Brasil modernos e justos” pela imagem apresentada na figura 53:



Figura 53. *Veja*, edição n. 1991 de 17/01/2007, p. 9

A formulação verbal “Chávez é *de inimigo*: do Brasil, da América Latina e de outros países do mundo” e a imagem que mostra Chávez rindo (quase que descontroladamente, com roupas oficiais, terno preto, camisa branca, gravata vermelho sangue, brasões e faixas presidenciais, entre autoridades, com a mão direita a bater

sobre o peito) . indicam que o modo como o presidente venezuelano administra a coisa pública é ditatorial e que seus comportamentos antidemocráticos distanciaram a Venezuela do restante da comunidade mundial. Na posição de sujeito identificada Chávez é *inimigo* da democracia.

As páginas de 80 a 82 da edição 2035 de 21 de novembro de 2007 indicam que Chávez recebeu uma resposta áspera do rei Juan Carlos da Espanha às suas afirmações na reunião da Cúpula Ibero-Americana em Santiago do Chile, ocorrida em 10/11/2007, como pode ser observado na formulação selecionada e apresentada abaixo:

Na Cúpula Ibero-Americana em Santiago do Chile, encerrada no sábado 10, a estratégia falhou: o rei Juan Carlos, da Espanha, perdeu a paciência e mandou Chávez calar a boca diante das câmeras de televisão. O rei reagia à provocação. O petroditador atacou José María Aznar, ex-presidente do governo espanhol, ausente ao encontro. Chávez não deixava o atual chefe de governo da Espanha, José Luis Rodríguez Zapatero, terminar sua réplica ao insulto. O rei tomou então atitude esperada há tempos em encontros desse tipo e disparou: "Por que não se cala?". Diz o cientista político venezuelano Ricardo Sucre Heredia: "Essa foi a primeira vez que Chávez ouviu uma resposta tão contundente a seus insultos habituais, em um encontro dessa importância" (*Veja*, edição 2035 de 21/11/2007, p. 80).

O termo **petroditador**, presente na formulação acima, indica a fusão dos termos *ditador* e *petróleo*, e mostra a questão do impasse diplomático em torno de Chávez, pois marca a um só tempo as posições de sujeito: a) de *ditador*, da forma trabalhada nos capítulos 2e 3; b) e de *financiador de políticas públicas e externas* (no sentido de influência) por meio do petróleo. O efeito de animosidade entre as duas personalidades está materializado em todo o texto, e principalmente na formulação: "Por que não se cala?". Mas também nas imagens que ilustram a matéria, apresentadas nas figuras 54 e 55:



Figura 54. *Veja*, edição n. 2035 de 21/11/2007, p. 80-81



Figura 55. *Veja*, edição n. 2035 de 21/11/2007, p. 81

A imagem apresentada nas figuras 54 mostra Zapatero e o rei Juan Carlos, ambos com a mão erguida em direção a Chávez. O primeiro como a pedir calma nas afirmações de Chávez, o segundo direcionando os dedos ao representante da Venezuela em pose firme e desafiadora. Chávez, de costas para a lente da câmera fotográfica, é posto no lugar de alvo das retaliações. Aqui vemos encenada uma **interdição (silenciamento) à fala de Hugo Chávez**, no sentido de “proibição da palavra” de que trata Foucault (1971), em relação *ao que está sendo dito, onde está sendo dito e quem está dizendo*, na medida em que, conforme mencionado na *Introdução* do Capítulo 2 “*não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa*” (p. 9). A encenação midiática do “Por que no te callas?” do rei Juan Carlos marca a circulação de um discurso que impede que Chávez possa defender seus posicionamentos e/ou criticar a política de outros países ou chefes de estado *irrestritamente* em um evento formal e oficial como aquele. A imagem apresentada na figura 55 mostra manifestantes da oposição a Chávez em Caracas retomando, desta vez em clima de provocação, a formulação “Por que no te callas?”, como uma espécie de palavra de ordem.

Nessas formulações, a posição de sujeito em funcionamento é mesma identificada, ou seja, a de que Chávez é uma ameaça às instituições e aos valores democráticos, à democracia. Por isso, o repúdio de autoridades que não se submetem na mesma posição.

Não é a primeira vez em que aparece, nos textos de *Veja*, a figura de políticos de prestígio internacional que submetem na posição de desafiante de Chávez. Na edição

1959 de 07/06/2006 (já citada neste trabalho), que trata da reeleição de Álvaro Uribe para presidência da Colômbia, observamos funcionar mesma posição de sujeito materializada nas formulações: “*A reeleição de Uribe, o anti-Chávez*” (Veja, edição n. 1959 de 07/06/2006, p. 6) e “*A vitória de Álvaro Uribe, o anti-Chávez*” (Idem, p. 70).

A posição de sujeito identificada nas edições anteriores é retomada na capa da edição 2036 de 28/11/2007, apresentada na figura 56 que trata das Forças Armadas brasileiras e de seu potencial bélico, do “armamentismo de Hugo Chávez” e de como os oficiais brasileiros vêem esta questão:



Figura 56. *Veja*, edição n. 2036 de 28/11/2007, capa

Na imagem da capa, apresentada na figura 56, aparecem os contornos de um oficial usando um *cap* do exército brasileiro em tom totalmente sombreado sobre fundo claro, despersonalizando a imagem do modelo. Todavia, o uso de um brasão oficial militar em destaque, como única imagem nitidamente preenchida da figura, reitera um efeito de **inimizade particular com o Brasil**, quando particulariza dois lados: o país dos oficiais entrevistados (cuja boina ou *cap* ostenta tal brasão) *versus* o país sobre o qual tais militares são questionados, ou seja, a “Venezuela de Chávez”, “governada por Chávez”, daí a expressão “Armamentismo de Hugo Chávez”, produzindo o sentido de que o problema daquela república não se encontra necessariamente em seu histórico diplomático com o Brasil, mas sim em seu governante (Chávez), subjetivado na posição de um ditador, de um tirano, e de **um inimigo da democracia**, posto que, se fosse outra

a razão da preocupação *com o fortalecimento bélico do vizinho*, a encenação discursiva deste acontecimento na materialidade de *Veja* poderia ser outra. Funciona no jogo de memória encenada na mídia sobre Chávez a posição de sujeito e, portanto, o enunciado: *Chávez é uma ameaça à soberania política e jurídica nacional brasileira, às suas instituições e a sua forma democrática de governo.*

A edição n. 2037, de 05 de dezembro de 2007 veicula a matéria “*Os destruidores de Países*” (p. 152/153), que trata da proposta de reeleição vitalícia de Chávez na Venezuela; Evo Morales, na Bolívia; e Rafael Correa, no Equador. Na reportagem, encontramos a formulação “*Como fez Chávez na Venezuela, os presidentes da Bolívia e do Equador rompem a coesão social e arruinam a economia na busca de mais poder*” (subtítulo, p. 152) e as seguintes:

Os presidentes Hugo Chávez, da Venezuela, Evo Morales, da Bolívia, e Rafael Correa, do Equador, compartilham o projeto de modificar as leis para ampliar o próprio poder, a prática de excluir a oposição de qualquer debate político e a estratégia de inventar inimigos externos para dar a impressão de que só o presidente tem a capacidade de defender os interesses nacionais. Nos últimos anos, Chávez tem sido o principal modelo dessa forma de governar. À medida que o projeto populista avança, os três governantes impõem a seus países um perigoso paradoxo. Ao mesmo tempo que abusam dos mecanismos da democracia para destruir o estado de direito, alimentam a instabilidade política que pode destituí-los. O desmanche das instituições democráticas, a condução ideologizada da economia e a promoção do ódio a quem discorda do governo empurram a sociedade para a beira do precipício (*Veja*, edição n. 2037 de 05/12/2007, p. 152). Grifos nossos.

Nas formulações desse fragmento de texto, podemos identificar a mesma posição de sujeito a que Chávez está subjetivado, especialmente no que diz respeito à *desdemocratização* da Venezuela, vista como um retrocesso. Além disso, o apoio a países estrangeiros marca o aspecto de exportação do modelo político Chavista, estabilizando o sentido de que: a) o temor a respeito da ameaça de Chávez é real; b) e a sua influência já extrapolou/extrapola as fronteiras nacionais, alcançando outros Estados.

As figuras 57 e 58 abaixo retratam, respectivamente: uma manifestação popular contra a Constituição de Morales, em Sucre na Bolívia; e Chávez erguendo o punho esquerdo cerrado (relembrando a saudação socialista já abordada neste trabalho), em comício pelo voto “sim”,



Figura 57. *Veja*, edição n. 2037 de 05/12/2007, p. 152-153



Figura 58. *Veja*, edição n. 2037 de 05/12/2007, p. 155

As imagens apresentadas nas figuras 57 e 58, analisadas em conjunto com a formulação do título da matéria “*os destruidores de países*”, apontam para a mesma posição de sujeito identificada nas materialidades significantes verbais e não verbais já apresentadas neste capítulo, qual seja: Chávez é um inimigo da democracia (não só de seu país como a de qualquer outro). Essa ameaça às instituições democráticas é *real*, pois o efeito de sentido produzido é o que *Chávez efetivamente conseguiu exportar o seu modelo de governo para a Bolívia e para Equador, cooptando Morales e Correa*. O Enunciado identificado nas formulações analisadas até aqui é seja único e, assim como todo acontecimento, no sentido de Foucault (1969), está aberto à repetição, transformação, etc, pois está ligado tanto a situações que o provocam quanto a enunciados que o precedem e que o seguem.

Finalmente, na edição 2075 de 27/08/2008, Chávez é representado na imagem apresentada *na* figura 59 por meio de uma caricatura que veste camisa e boinas

vermelhas, faixa com as cores da Venezuela e um globo terrestre (o mundo) segurado debaixo do braço direito olhando na direção do leitor.



"Vamos tomar as empresas de cimento da Venezuela. É mais um passo em direção ao socialismo."

Hugo Chávez, presidente da Venezuela, dando mais um passo rumo ao passado

Figura 59. Veja, edição nº 2075 de 27/08/2008, p. 58

Ao lado da imagem, aparecem as seguintes formulações linguísticas: *"Vamos tomar as empresas de cimento da Venezuela. É mais um passo em direção ao socialismo."* e *"Hugo Chávez, presidente da Venezuela, dando mais um passo rumo ao passado"* (Veja, edição n. 2075 de 27/08/2008, p. 58). Nestas, além da posição de sujeito em que o socialismo de Chávez é ultrapassado e *démodé* (já tratada no capítulo 3), encontra-se em funcionamento a posição em que Chávez é anti-democrata, que desrespeita a propriedade privada e a livre iniciativa, características de regimes democráticos.

Embora sutil a diferença, não podemos, portanto, fazer confusão entre o lugar de funcionamento identificado neste capítulo (*inimigo da democracia*) com o tema abordado no capítulo anterior (*comunista/esquerdista démodé*), uma vez este é mais amplo que aquele. Evocamos o quadro da figura 44 (edição n. 2027 de 26/09/2007, p. 86-87) abordada na parte final do item 3.2 acima, para demonstrar que ditadores e líderes totalitários de todo gênero (ou seja, de orientação econômica capitalista, socialista ou comunista) são classificados como "inimigos-ameaça à democracia" nas páginas de *Veja*, ao passo que o lugar de *comunista démodé* possui relação direta com o ocaso da extinta URSS e a mudança de paradigma político-econômico daí decorrentes.

Na expressão "dando mais um passo rumo ao passado", identificamos os discursos de modernização e democratização, dos quais trata Zoppi-Fontana (1997), e a posição em que Chávez é inimigo da democracia, com base nas experiências ditatoriais latino-americanas das últimas décadas do século XX. Quanto ao globo terrestre debaixo

do braço, notamos que o simbolismo deste gesto e deste adereço também entra em cena retomando o filme *O Grande Ditador*, de Charles Chaplin, conforme igualmente identificado no Capítulo 3, no item 3.2, ao analisarmos a Figura 43 (*Veja*, edição n. 2027 de 07/11/2007, p. 86-87), onde Chávez aparece segurando um globo terrestre em sala de aula. Com relação a gestualidade do corpo, podemos afirmar, com Orlandi (1992), que

Também a gestualidade, a relação com o corpo, está orientada pela fala. Quando alguém se pega em silêncio, rearranja-se, muda a “expressão”, os gestos. Procura ter uma expressão que “fala”. É a visibilidade (legibilidade) que *se* configura e *nos* configura. A linguagem se constitui para asseverar, gregarizar, unificar o sentido (e os sujeitos). (ORLANDI, 1992, p. 34)

Nesse caso, a posição de sujeito em que Chávez é ditador e tirano é retomada, além da posição em que ele é a ameaça. Essas posições de sujeito não são anteriores à construção dos efeitos de sentido que são produzidos na atualização da memória. Como sujeito discursivo, Chávez ultrapassa os limites territoriais da Venezuela e da América Latina. Sua ambição e influência são globais, e a sede de conquista desse sujeito discursivo não tem limites.

4.3 Considerações finais

De uma leitura que se pretende não-subjetiva, os resultados das análises das diferentes formulações verbais e não verbais analisadas neste capítulo indicam Chávez subjetivado como ameaça/inimigo. Dessa forma, no conjunto das formulações, o enunciado encontrado no nível do discurso é retomado, qual seja: *Chávez é inimigo da democracia e das formas ou instituições democráticas*, o que confirma, no sentido de Foucault (1969), que os enunciados são raros, embora muitas sejam as possibilidades de formulações em que eles podem ser assinalados ou presentificados. Em outras palavras, Esse enunciado está ligado a um gesto de escrita, mas abre para si uma existência no campo de uma memória, inscrita num conjunto de formulações que o precedem e o seguem. O mesmo vale para os dois enunciados identificados nos capítulos 2 e 3.

5 CONCLUSÃO

Se considerarmos a instância informacional dos meios de comunicação, como uma forma, no sentido postulado por Foucault, de saber-poder, podemos pensar a mídia como um dos principais atores responsáveis por gestos de enquadramento de memória. Podemos pensar, ainda, que, no gesto de saber-poder, semanários a exemplo de *Veja* constituem-se como um lugar político de espaço de memória. Orlandi (2002) distingue memória histórica de “memória metálica”. Para a autora, a mídia se apropria da memória metálica e promove o nivelamento e a homogeneização dos efeitos de memória. A mídia é, portanto, um dos lugares de gesto de interpretação na reconstrução de memória. Dessa forma, não ressignifica os enunciados sobre Chávez, pois se o fizesse impossibilitaria os deslocamentos de sentido e a eliminação das diferenças.

As questões que tentamos responder ao longo deste trabalho, portanto, dizem respeito aos processos mnemônicos que determinam a lembrança e o esquecimento, como essenciais/constitutivos da vida em sociedade, da produção de conhecimento e de sentidos (RICCEUR, 2000).

No jogo de memória encenada na mídia sobre Chávez, a lembrança e o silenciamento condizem não só com as regras do que pode e do que deve ser dito, no sentido da Análise de Discurso, mas também com uma *lei do que se deve evitar dizer ou fazer* (relegar ao esquecimento).

Na materialidade discursiva da revista *Veja*, no âmbito da encenação política-midiática de suas páginas, ao longo dos cerca de 10 anos em que o referido periódico trata da questão política recente da Venezuela, três enunciados foram identificados no conjunto de formulações verbais e não verbais selecionadas e analisadas neste trabalho, quais sejam: 1) **Chávez é um tirano**; 2) **Chávez é um comunista/esquerdista démodé**; 3) **Chávez é um inimigo/ameaça à democracia**. Isto posto, resta-nos perguntar, no sentido em que aprendemos com Foucault (1969): por que estes enunciados e não outros? Por que isto foi e está sendo dito e não outra coisa em seu lugar? Por que estes enunciados são lembrados, retomados e outros são apagados e esquecidos?

Sem pretensão de dar uma resposta definitiva, pois este trabalho está aberto à discussão, arriscamos dizer que no domínio de memória que rege a aparição dessas

formulações analisadas, tais enunciados se inscrevem, podem ser apagados, valorizados, cristalizados, esquecidos, lembrados, sustentando **um dos discursos sobre Chávez**, no sentido de Foucault (1969), que define um discurso como “*um conjunto de enunciados (...) que tem um único e mesmo objeto*” (p. 37). Não tivemos a pretensão, pois, de esgotar os [eventuais e possíveis] enunciados sobre tal personagem, mas contribuir para a compreensão deste objeto de discurso que tem complexa relevância social, política e jurídica.

Assim, retomando de forma reflexiva as questões levantadas na página 2 deste trabalho (item 1.1 da introdução), poderíamos concluir que as hipóteses de pesquisa foram confirmadas demonstrando, de acordo com o referencial teórico-metodológico adotado, a subjetivação do presidente venezuelano Chávez nas páginas de *Veja* como *tirano, comunista e inimigo*, com a necessária ponderação de que estes aspectos do objeto de pesquisa encontram-se entrelaçados do ponto de vista da historicização global recente, pois não podemos pensá-los separadamente, nem de forma destacada de todo um conjunto de práticas sociais cronologicamente encadeadas.

Não podemos, sobretudo, ceder ao afã de generalizar argumentos ou precipitar conclusões acerca de *um* enunciador discursivo *estático e engessado* na materialidade da revista, como por exemplo: é capitalista, é de direita, é de centro-esquerda, é “pró” ou “contra” ditaduras. As implicações teóricas dos resultados obtidos, ao contrário, apontam antes para uma certa *impossibilidade* de se rotular com tanta *ingenuidade* as posições políticas em circulação na sociedade. A presente pesquisa não foi orientada por um temor de se posicionar (politicamente?) a respeito das questões propostas, mas não é objetivo deste trabalho assumir uma postura panfletária e/ou politicamente engajada, uma vez que o que nos interessa é relação entre discursos e memória. Além disso, vale salientar que, em pleno ano de 2009, não se pode definir com tanta clareza o que vem a ser esquerda e direita (e todas as suas possíveis variantes teóricas) nos dias atuais, depois de tantas peripécias históricas que se acumularam desde o início do século XX, passando por um sem número de revoluções, guerras, ditaduras, colapsos econômicos e quedas de muros ao redor do globo. O que resta da presente análise é justamente uma interrogação sobre tais rotulações.

Haverá, assim, sempre um “jogo de força na memória” sob o “jogo do acontecimento discursivo”. Este jogo de forças busca manter a regularização dos enunciados, mas também pode perturbá-los. É nesse jogo, enfim, que assentam os

processos de constituição do *discurso sobre Hugo Chávez*, onde encontramos três enunciados interdependentes em funcionamento: *Chávez é um tirano*, *Chávez é um comunista/esquerdista démodé* e *Chávez é um inimigo/ameaça à democracia, aos valores e instituições democráticas*. Esses processos poderão ser apagados, mas deixarão seus vestígios nas formulações discursivas, nos modos de sua circulação da mídia impressa ou não e no domínio de memória, que possibilita que esses enunciados sejam oferecidos como objeto a discursos futuros.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, P. et al. (Org.). **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.
- ACHARD, P.. **Memória e Produção Discursiva do Sentido**. In: ACHARD, Pierre et al. (org.). **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. Edição original: 1983.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Edição original: 1969.
- BOURDIEU, P. A TV precisa de um contrapoder. *Revista Espaço Acadêmico*. Ano I – n. 10, março, 2002 – <http://www.espacoacademico.com.br/010/10bourdieu.htm>, acessado em 17/11/2009, às 11h:36min.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. Edição original: 1989.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Edição original: 1996.
- COURTINE, J-J. **A política como espetáculo**. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.
- COURTINE, J-J. **Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública**. São Carlos: Claraluz, 2006.
- COURTINE, J-J. **O mentir verdadeiro**. In: SWIFT, Jonathan. **A arte da mentira política – precedido pelo texto “O mentir verdadeiro” de Jean-Jacques Courtine**. Campinas: Pontes, 2006.
- DAVALLON, J. **A Imagem, uma Arte de Memória?** In: ACHARD, Pierre *et al.* (Org.). **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. Edição original: 1983.
- FONSECA-SILVA, M. da C. **Mídia e lugares de memória discursiva**. In: FONSECA-SILVA, M. da C.; POSSENTI, S. (Org.). **Mídia e Rede de Memória**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007a.
- FONSECA-SILVA, M. da C. **Poder-Saber-Ética nos Discursos do Cuidado de Si e da Sexualidade**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007b.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Edição original: 1969.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. Edição original: 1971.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005. Edição original: 1974.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Edição original: 1966.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007. Edição original: 1979.
- FREUND, G. **Fotografia e Sociedade**. Lisboa: Veja, 1995.

GREGOLIN, M. do R. **A mídia e a espetacularização da cultura**. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. Edição original: 1950.

MACHADO, R. **Por uma genealogia do poder**. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007. Edição original: 1979.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997. Edição Original: 1984.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Editora da Unicamp, 1997. Edição original: 1984.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Edição Original 1532.

MONTESQUIEU. **Do espírito das leis**. Nova Cultural: São Paulo, 1997. Edição original: 1748.

NORA, P. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Projeto História, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Edição original: 1984.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Projeto História, nº 10, p. 7-28, dez. 1993. Edição original: 1984.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos. No movimento dos sentidos**. São Paulo: Ed. da Unicamp, 2007. Edição original: 1999.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio. No movimento dos sentidos**. São Paulo: Ed. da Unicamp, 2007. Edição original: 1992.

ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento lingüístico**. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, E. P. **Nota ao leitor**. In: PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2008. Edição original: 1990.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2008. Edição original, 1983b.

PÊCHEUX, M. **Papel da Memória**. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999. Edição original, 1983a.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas: UNICAMP, 1988. Edição original: 1975.

POSSENTI, S. **Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2005.

RICCEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. Edição original: 2000.

SCHILLING, V. **A democracia moderna**. Ano de publicação: 2002. (publicado em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/ideologias6.htm>, acessado em 13/11/2009, às 14h:40min).

SCHILLING, V. **Os caudilhos no Rio Grande do Sul**. Cadernos de História do Memorial do Rio Grande do Sul.

<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/Caudilhos.pdf>, acessado em 13/11/2009 às 14h:00min.

SWIFT, J. **A arte da mentira política** – precedido pelo texto “O mentir verdadeiro” de Jean-Jacques Courtine. Campinas: Pontes, 2006. Edição Original 1733.

WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982. Edição original, 1946.

WEBER, M. **Parlamentarismo e Governo numa Alemanha reconstruída (uma contribuição à crítica do funcionalismo e da política partidária)**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982. Edição original, 1958.

ZOPPI-FONTANA, M. G. **Cidadãos modernos: discurso e representação política**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

<http://eduexplica.blogspot.com/2009/09/um-punho-para-cada-ideologia.html>, intitulado: “Um punho para cada ideologia”, acessado em 03/11/2009, às 16h:11min

<http://www.embvenezuela.org.br/>

<http://www.espacoacademico.com.br/010/10bourdieu.htm>